

UFPB | Universidade Federal da Paraíba
CT | Centro de Tecnologia
PPGAU | Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo



OS MALUCOS DE ESTRADA E A APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO EM JOÃO PESSOA/PB

Mirelli Albertha de Oliveira Gomes

Orientadora: Profª Drª Doralice Sátyro Maia

Linha de Pesquisa:
Produção e Apropriação do Edifício e da Cidade

João Pessoa – PB
Novembro/2018

MIRELLI ALBERTHA DE OLIVEIRA GOMES

OS MALUCOS DE ESTRADA E A APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO EM JOÃO PESSOA/PB

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Paraíba, na linha de pesquisa Produção e Apropriação do Edifício e da Cidade, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Orientadora: Profª Drª Doralice Sátyro Maia

João Pessoa – PB

Novembro/2018

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

G633m Gomes, Mirelli Albertha de Oliveira.

Os malucos de estrada e a apropriação do espaço público
em João Pessoa/PB / Mirelli Albertha de Oliveira Gomes.

- João Pessoa, 2018.

160 f. : il.

Orientação: Doralice Sátyro Maia.

Dissertação (Mestrado) - UFPB/CT.

1. Malucos de estrada. 2. Apropriação. 3. Espaço
Público. 4. Território. I. Maia, Doralice Sátyro. II.
Título.

UFPB/BC

MIRELLI ALBERTHA DE OLIVEIRA GOMES

MALUCOS DE ESTRADA:

PRODUÇÃO E APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO POR ARTESÃOS NÔMADES

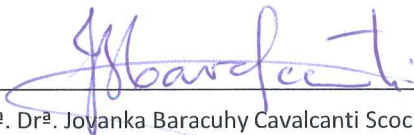
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Paraíba, na linha de pesquisa Produção e Apropriação do Edifício e da Cidade, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Aprovado em: 30/11/2018

Banca Examinadora:



Prof^ª. Dr^ª. Doralice Sátyro Maia
Orientadora - PPGAU – UFPB



Prof^ª. Dr^ª. Jovanka Baracuhy Cavalcanti Scocuglia
Examinador Interno - PPGAU – UFPB



Prof^ª. Dr^ª. Nirvana Lígia Albino Rafael de Sá
Examinador Externo - UFPB

João Pessoa – PB
Novembro/2018

AGRADECIMENTOS

A Deus, que me permitiu tantas alegrias e aprendizados nesses mais de dois anos de mestrado.

A minha família - Bertha, Flávia, Segundo, Ian, Igor e Heitor - pelo amor de todas as horas.

A Doralice, minha orientadora, pela dedicação, pelos ensinamentos, pela generosidade e pela gentileza como me acolheu e aceitou orientar esta pesquisa.

As professoras Jovanka Scocuglia e Nirvana de Sá, pelas contribuições para o crescimento desse trabalho.

Aos professores e funcionários do PPGAU que também me auxiliaram neste processo – Xico Costa, Marcele Trigueiro, Maria Berthilde Moura, Márcio Cotrim, Sinval e Nelci Tinem.

Aos amigos - Talina, Gel, Elis, Sofia, Ely, Thuany, Moisés, Myllena e Maria Rita – pelo apoio e carinho durante esta caminhada.

Aos malucos de estrada, pelos momentos vividos e pelas amizades construídas.

A CAPES, pelo auxílio financeiro.

O *andarilho*. – Quem chegou, ainda que apenas em certa medida, à liberdade da razão, não pode sentir-se sobre a Terra senão como um andarilho – embora não como viajante *em direção* a um alvo último: pois este não há. Mas bem que ele quer ver e ter os olhos abertos para tudo o que propriamente se passa no mundo; por isso não pode prender seu coração com demasiada firmeza a nada de singular; tem de haver nele próprio algo de errante, que encontra sua alegria na mudança e na transitoriedade. Sem dúvida sobrevêm a um tal homem noites más, em que ele está cansado e encontra fechada a porta da cidade que deveria oferecer-lhe pousada; talvez, além disso, como no Oriente, o deserto chegue até a porta, os animais de presa uivem ora mais longe ora mais perto, um vento mais forte se levante, ladrões lhe levem embora seus animais de tiro. É então que cai para ele a noite pavorosa, como um segundo deserto sobre o deserto, e o seu coração se cansa da andança. Se então surge para ele o sol da manhã, incandescente como uma divindade da ira, se a cidade se abre, ele vê nos rostos dos quais aqui moram, talvez ainda mais deserto, sujeira, engano, insegurança, do que fora das portas – e o dia é quase pior do que a noite. Bem pode ser que isso aconteça às vezes ao andarilho; mas então vêm, como recompensa, as deliciosas manhãs de outras regiões e dias, em que já no alvorecer da luz ele vê, na névoa da montanha, os enxames de musas passarem dançando perto de si, em que mais tarde, quando ele, tranquilo, no equilíbrio da alma de antes do meio-dia, passeia entre as árvores, lhe são atiradas de suas frondes e dos recessos de folhagens somente coisas boas e claras, os presentes de todos aqueles espíritos livres, que na montanha, floresta e solidão estão em casa e que, iguais a ele, em sua maneira ora gaiata ora meditativa, são andarilhos e filósofos. Nascidos dos segredos das manhãs, meditam sobre como pode o dia, entre a décima e o décima segunda badalada, ter um rosto tão puro, translúcido, transfiguradamente sereno: –buscam a *filosofia de antes do meio-dia*

Friedrich Nietzsche

RESUMO

Popularmente identificados como *hippies*, os artesãos nômades, que se autodenominam *malucos de estrada*, expressam uma cultura que se desenvolve inteiramente na rua, mudam constantemente de uma cidade para outra e estabelecem-se como nômades. Em cada cidade que passam, ocupam os espaços públicos e criam a *Pedra de Maluco*, local onde desenvolvem o trabalho do artesanato juntamente com a construção do habitat. Esta pesquisa objetiva analisar a apropriação do espaço público – a Orla de Tambaú em João Pessoa – pelos sujeitos denominados *malucos de estrada*. Através da abordagem etnográfica e da cartografia da ação, observou-se que a *Pedra de Maluco* configura-se como um território (SOUZA, 2013; HAESBAERT, 2014), mais especificamente, um *nanoterritório* (SOUZA, 2013). Ainda que nada tenha de edificado, está preenchida de códigos, rastros e limites invisíveis, o que implica na modificação dos significados e das expressões do espaço e na construção da identidade e dos valores dos *malucos de estrada*, transformando a *Pedra de Maluco* em um Lugar. Além disso, a observação das situações naturais da escala micro dos *malucos de estrada* permitiu também entender não só a construção simbólica do território do artesão nômade, como também a cidade e seus processos urbanísticos – a escala macro das ações de higienização organizadas pela Prefeitura Municipal de João Pessoa, Operação Verão e Turismo Sustentável, nas quais são realizadas fiscalizações intensas, apreensões de mercadorias e ameaças de retirada dos *malucos de estrada* da Orla de Tambaú.

Palavras-chave: *Malucos de estrada*. Apropriação. Espaço Público. Território.

ABSTRACT

Popularly known as hippies, the nomadic craftsmen, who call themselves *road crazies*, express a culture that evolves entirely on the streets, are constantly changing from one city to another, and establish themselves as nomads. In every city they go, they settle in public spaces and create the *Crazies Rock*, a place where they make handicrafts and build their habitat. The purpose of this article is to characterize the *Crazies Rock* in João Pessoa/PB, located on the beach of Tambaú, a public space appropriated by *road crazies*. The ethnographic approach and the occupation's cartography showed that the *Crazies Rock* is a territory (SOUZA, 2013; HAESBAERT, 2014), or more specifically, a nanoterritory (SOUZA, 2013). Although it has no buildings, the *Crazies Rock* has codes, trails, and invisible boundaries, which entails changes in meanings and expressions of the space, as well as the construction of the *road crazies'* identity and values, also transforming the *Crazies Rock* into one Place. Besides, observing the natural situations, this microscale of *road crazies* let us understand not only the symbolical construction of the nomadic artisans' territory, but also the City and its politics - the macroscale. The City organizes social cleansing actions, as intensive inspections, seizure of goods and threats to remove *road crazies* out of Tambaú Beach.

Keywords: *Road crazies* . Appropriation. Public urban Space. Territory

LISTA DE FIGURAS

[F1]	<i>Pedra de Maluco</i> – Brasília/DF	16
[F2]	<i>Pedra de Maluco</i> – Brasília/DF	16
[F3]	Avenida Almirante Tamandaré – João Pessoa/PB	18
[F4]	Localização da <i>Pedra de Maluco</i> – João Pessoa/PB	19
[F5]	<i>Pedra de Maluco</i> ao lado do quiosque Rango Bar – João Pessoa/PB	20
[F6]	Artesanato do <i>maluco de estrada</i> : Atividade manual exposta no <i>pano de chão</i> – Belo Horizonte/MG	41
[F7]	Artesanato do <i>maluco de estrada</i> : Atividade manual exposta no <i>pano de chão</i> – São Paulo/SP	41
[F8]	<i>Malucos de estrada</i> e as mochilas – Brasília/DF	42
[F9]	<i>Malucos de estrada</i> e as ferramentas de trabalho – Belo Horizonte/MG	44
[F10]	<i>Maluco de estrada</i> e os pertences pessoais – Belo Horizonte/MG	45
[F11]	<i>Maluco de estrada</i> e os painéis no corpo – Chapada Diamantina/BA	45
[F12]	<i>Malucos de estrada</i> e a estética	46
[F13]	<i>Malucos de estrada</i> e a estética	46
[F14]	<i>Malucos de estrada</i> e as técnicas de trabalho – malha em arame	47
[F15]	<i>Malucos de estrada</i> e as técnicas de trabalho – malha em arame	47
[F16]	O <i>pano de chão</i> , o painel e os <i>canudos</i>	48
[F17]	Pulseiras em macramê	49
[F18]	Brinco em alpaca	49
[F19]	Colar em macramê	49
[F20]	<i>Malucos de estrada</i> de carro – Olinda/PE	50
[F21]	<i>Malucos de estrada</i> de bicicleta – BR-153/MS	50
[F22]	<i>Malucos de estrada</i> de bicicleta – Natal/RN	50
[F23]	<i>Malucos de estrada</i> esperando carona na estrada – BR-153/MS	51
[F24]	<i>Malucos de estrada</i> descansando da pedalada – BR-153/MS	51
[F25]	Percursos dos <i>malucos de estrada</i> na Paraíba	53
[F26]	<i>Pedra de Maluco</i> na praça de Alagoa Grande - PB	54
[F27]	<i>Maluca de estrada</i> armando o <i>pano de chão</i> – Brasília/DF	54
[F28]	Roda de <i>malucas de estrada</i> – Brasília/DF	59
[F29]	<i>Maluca de estrada</i> e a indumentária	60
[F30]	<i>Pedra de Maluco</i> na Praça Sete de Setembro, em Belo Horizonte	63
[F31]	<i>Pedra de Maluco</i> na Praça de Boa Viagem, em Recife	63
[F32]	<i>Maluco de estrada</i> na comarca de papelão – Belo Horizonte/MG	63
[F33]	<i>Malucas de estrada</i> recolhendo papelão – Brasília/DF	64

[F34]	<i>Malucos de estrada</i> dormindo com papelões e cobertores – Alagoa Grande/PB	65
[F35]	<i>Malucos de estrada</i> e o território da <i>Pedra de Maluco</i> – Brasília/DF	67
[F36]	<i>Malucos de estrada</i> e o território da <i>Pedra de Maluco</i> – Brasília/DF	67
[F37]	<i>Família de maluco - a malucada</i> - Brasília/DF	77
[F38]	<i>Família de maluco - a malucada</i> - Brasília/DF	78
[F39]	<i>Malucos de estrada</i> dividindo as tarefas no preparo da comida – João Pessoa/PB	80
[F40]	<i>Nanoterritório dos malucos de estrada</i> na Orla de Tambaú – João Pessoa/PB	83
[F41]	<i>Panos de chão</i> na calçada e painéis no banco – João Pessoa/PB	84
[F42]	Área de estar da <i>Pedra de Maluco</i> – João Pessoa/PB	85
[F43]	Área de estar da <i>Pedra de Maluco</i> – João Pessoa/PB	85
[F44]	Mobiliário da <i>Pedra de Maluco</i> – João Pessoa/PB	85
[F45]	Mobiliário da <i>Pedra de Maluco</i> – João Pessoa/PB	85
[F46]	Mobiliário da <i>Pedra de Maluco</i> – João Pessoa/PB	86
[F47]	<i>Malucos</i> nas sombras dos coqueiros – João Pessoa/PB	86
[F48]	<i>Malucos</i> nas sombras dos coqueiros – João Pessoa/PB	86
[F49]	<i>Malucos</i> nas sombras dos coqueiros – João Pessoa/PB	86
[F50]	Pertences dos <i>malucos de estrada</i> dentro do arbusto – João Pessoa/PB	87
[F51]	Pertences dos <i>malucos de estrada</i> dentro do arbusto – João Pessoa/PB	87
[F52]	Arbusto como varal	87
[F53]	<i>Maluco</i> dormindo atrás do arbusto – João Pessoa/PB	87
[F54]	Churrasqueira da <i>Pedra de Maluco</i> – João Pessoa/PB	88
[F55]	Churrasqueira da <i>Pedra de Maluco</i> – João Pessoa/PB	88
[F56]	Barracas de <i>camping</i> na <i>Pedra de Maluco</i> – João Pessoa/PB	90
[F57]	<i>Mocó</i> na <i>Pedra de Maluco</i> – João Pessoa/PB	90
[F58]	Barracas de <i>camping</i> armadas embaixo dos coqueiros – João Pessoa/PB	92
[F59]	<i>Mocó</i> no quiosque Palhoça Baiano com Gaúcho – João Pessoa/PB	93
[F60]	Ambulantes de Tambaú – João Pessoa/PB	94
[F61]	Ambulantes de Tambaú – João Pessoa/PB	94
[F62]	Área de estar da <i>Pedra de Maluco</i> – João Pessoa/PB	95
[F63]	Área de estar da <i>Pedra de Maluco</i> – João Pessoa/PB	95
[F64]	Percursos dos <i>Malucos de Estrada</i> – João Pessoa/PB	99
[F65]	Percursos dos <i>Malucos de Estrada</i> em Tambaú – João Pessoa/PB	100
[F66]	Tenda na <i>Pedra de Maluco</i> – João Pessoa/PB	105
[F67]	Guarda-sol na <i>Pedra de Maluco</i> – João Pessoa/PB	105
[F68]	Mobiliário no mês de janeiro – João Pessoa/PB	105
[F69]	Mobiliário no mês de janeiro – João Pessoa/PB	105

[F70]	Geladeira na <i>Pedra de Maluco</i> – João Pessoa/PB	106
[F71]	<i>Panos de chão</i> sobre o banco – João Pessoa/PB	106
[F72]	Caibros para suportar as tábuas de aglomerado	107
[F73]	<i>Panos de chão</i> sobre as tábuas de aglomerado	107
[F74]	SEDURB abordando um <i>maluco de estrada</i> – João Pessoa/PB	108
[F75]	Barracas de <i>camping</i> sobre a vegetação de restinga – João Pessoa/PB	112
[F76]	Vegetação de restinga como área de preservação permanente – João Pessoa/PB	114
[F77]	<i>Malucos de estrada</i> dormindo no quiosque Palhoça Baiano com Gaúcho – João Pessoa/PB	117
[F78]	<i>Malucos de estrada</i> dormindo no quiosque Palhoça Baiano com Gaúcho – João Pessoa/PB	117
[F79]	Guarda municipal abordando os <i>malucos de estrada</i> no churrasco – João Pessoa/PB	119
[F80]	Mesas do Rango Bar – circuladas em vermelho - na areia enquanto acontecia o churrasco – João Pessoa/PB	119
[F81]	Retirada da vegetação de restinga para colocação de um palco para a festa de réveillon pelo Rango Bar – João Pessoa/PB	120
[F82]	Retirada da vegetação de restinga para colocação de um palco para a festa de réveillon pelo Rango Bar – João Pessoa/PB	120
[F83]	Mesas do Rango Bar sobre a areia – João Pessoa/PB	120
[F84]	Poda do arbusto da <i>Pedra de Maluco</i> – João Pessoa/PB	121
[F85]	Mesas colocadas sobre a jardineira da Estação Conveniência – João Pessoa/PB	122
[F86]	Troncos de castanholas cortados – circulados em vermelho – João Pessoa/PB	123
[F87]	Estratégias de controle da <i>Pedra de Maluco</i> pelo público e pelo privado – João Pessoa/PB	124
[F88]	Exposição dos <i>malucos de estrada</i> a partir do mês de fevereiro – João Pessoa/PB	126
[F89]	Exposição dos <i>malucos de estrada</i> a partir do mês de fevereiro – João Pessoa/PB	126
[F90]	Poda dos coqueiros do Rango Bar – explicada em vermelho – João Pessoa/PB	126
[F91]	Novo espaço ocupado pelos <i>malucos de estrada</i> em abril e maio – João Pessoa/PB	127
[F92]	Novo espaço ocupado pelos <i>malucos de estrada</i> em abril e maio – João Pessoa/PB	127
[F93]	Nova churrasqueira no mês de junho – João Pessoa	128
[F94]	Nova churrasqueira no mês de junho – João Pessoa	128
[F95]	Letreiro instalado no Busto de Tamandaré – João Pessoa/PB	131

LISTA DE QUADROS

[Q1]	Questões levantadas e objetivos específicos	23
[Q2]	Objetivos específicos e procedimentos específicos	23
[Q3]	Objetivos específicos, procedimentos metodológicos e capítulos	31
[Q4]	Nomadismo e Antinomadismo	43
[Q5]	Ações de controle da PMJP	129

LISTA DE SIGLAS

LSD	Lysergsäurediethylamid (dietilamida do ácido lisérgico)
PMJP	Prefeitura Municipal de João Pessoa
SEDURB	Secretaria de Desenvolvimento Urbano
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
SEMAM	Secretaria de Meio Ambiente
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
CCHLA	Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO 01 – O MODO DE VIDA DOS <i>MALUCOS DE ESTRADA</i>	34
1.1 Introdução aos conceitos e aos fundamentos teóricos	34
1.2 O viver na rua e o modo de vida dos <i>malucos de estrada</i>	39
CAPÍTULO 02 - A <i>PEDRA DE MALUCO</i> DE JOÃO PESSOA: O TERRITÓRIO DOS <i>MALUCOS DE ESTRADA</i>	62
2.1 A <i>Pedra de Maluco</i> : a formação de um território	62
2.2 A <i>Pedra de Maluco</i> de João Pessoa: a apropriação do espaço e a representação do cotidiano	82
CAPÍTULO 03 - OPERAÇÃO VERÃO E TURISMO SUSTENTÁVEL: AS AÇÕES DE CONTROLE DA PREFEITURA MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA SOBRE OS <i>MALUCOS DE ESTRADA</i>	101
3.1 Os <i>malucos de estrada</i> como estranhos na Orla de Tambaú	101
3.2 As ações de controle da Prefeitura Municipal de João Pessoa	104
CONSIDERAÇÕES FINAIS	135
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	139
ANEXOS	142

Decorrente de um diálogo entre o movimento de contracultura norte-americano e sua tradução local dentro do contexto social, político e econômico brasileiro, os artistas e artesãos nômades são popularmente identificados como *hippies*, em virtude de uma semelhança ideológica e estética, muito embora rejeitem esse título e se reconheçam de fato como *malucos de estrada*¹.

Mesmo que possuam características distintas dos seus predecessores, é indubitável que essa expressão cultural local seja realmente influenciada pelas ideias da Contracultura, surgida entre a juventude que questionava o *american way of life*, os valores morais, comportamentais, religiosos e políticos, nos Estados Unidos entre as décadas de 1950 e 1970.

Segundo Edite Carranza (2012), o termo contracultura foi cunhado pelo sociólogo Theodore Roszak, em seu artigo “The CounterCulture” publicado em 25 de março de 1968, no qual identificou que uma nova “cultura está realmente surgindo entre nossa juventude, e que esta cultura merece compreensão cuidadosa, pelo menos devido ao grande número de adeptos”. (CARRANZA, 2012, p. 22)

As manifestações em massa nos *campi* universitários tiveram grande repercussão internacional em virtude do surgimento de dois movimentos: os *Hippies*, que optaram pelo isolamento, numa tentativa de viver à margem do sistema produtivo; e a *New Left* (Nova Esquerda), que buscava revolucionar politicamente a sociedade.

Os *hippies*, contrários aos preceitos do capitalismo e ao contexto político conflituoso da Guerra Fria e da Guerra do Vietnã, mostravam-se insatisfeitos não só com os valores tradicionais e as estruturas de dominação, mas também com a cultura da abundância econômica, com a desigualdade social e ainda com a massificação da produção industrial, propondo, então, desde uma nova estética e moda até um modo de vida

¹Neste trabalho, os termos *malucos de estrada*, *malucos de BR*, *malucos*, artistas nômades e artesãos nômades são sinônimos.

alternativo ao dito hegemônico.

Carranza (2012) afirma que os *hippies* notabilizaram-se pelo pacifismo e, sentindo-se incapazes de transformar o *establishment*, optaram por viverem afastados em comunidades rurais, onde estariam em completa harmonia e livres de conflitos. Defendiam uma vida simples, sem apego aos bens materiais, pregavam a paz e o amor livre, além de procurarem a expansão da mente através do uso de maconha e ácido lisérgico (LSD), criando uma cultura de drogas e psicodelia.

A partir da difusão do movimento *hippie* pelos meios de comunicação, os jovens de todo o mundo passaram a se rebelar contra as regras impostas, o que influenciou o movimento estudantil de Maio de 1968, na França, a Primavera de Praga, na antiga Tchecoslováquia no mesmo ano, assim como foi inevitável sua introdução no Brasil, ainda que a repressão do regime ditatorial, vigente na época, tenha tentado contê-lo.

Atualmente, distinguindo-se dos contemporâneos norteamericanos que viviam isolados, os *malucos de estrada* expressam uma cultura que se desenvolve inteiramente na rua, nos seus diversos aspectos, como o trabalho, a habitação e os lazeres, e, portanto, vivem nos centros urbanos, nos espaços públicos, como artistas e artesãos de rua.

Embora compartilhem das mesmas ideias de viverem às margens do sistema capitalista, construir uma vida simples e venderem artesanato apenas como forma de subsistência, seus membros são itinerantes e mudam constantemente de uma cidade para outra, estabelecendo-se como nômades².

Assim, não é possível definir esses sujeitos por vocábulos já conhecidos, uma vez que não possuem atributos somente de artesãos, ambulantes, *hippies*, viajantes ou moradores de rua, mas parecem permear um pouco por todas essas características. Assim, é preciso investigar, como primeira questão desta pesquisa: quais são os valores e as qualidades

²cf. BARBOSA (2008), o nômade vai de lugar para lugar com razões específicas, com rotas que seguem tempos específicos, cíclicos, ligados às estações do ano ou ao clima.

que caracterizam essa herança cultural *hippie* adaptada à realidade brasileira?

Esses sujeitos, mesmo que sejam moradores de rua, diferenciam-se, primeiramente, por *escolherem* esse modo de vida³, afastando qualquer perspectiva de análise de sujeitos carentes ou dependentes. Segundo, pelo constante movimento e mudança de lugar, não criam abrigos permanentes, tampouco possuem interesse em construir qualquer edificação para moradia. Assim, ocupam os espaços públicos e criam, em cada cidade que passam, um local onde podem desenvolver o trabalho - para comercialização dos produtos artesanais - juntamente com a construção do habitat, colateralmente ou o mais perto possível um do outro.

Esse espaço de trabalhar e habitar denominam de *Pedra de Maluco*, que se caracteriza como um local de ocupação temporária dos *malucos de estrada* e de realização de todas as atividades cotidianas do grupo tal como produção, exposição e comercialização do trabalho artesanal, preparo de alimentos, montagem do espaço para descanso com papelões ou barracas de *camping* etc. e onde se torna, em caso de consolidação, um espaço reconhecido pelos transeuntes e localizável pelos membros do grupo que vão chegando à cidade. (Figuras [F1] e [F2])



Figura [F1] ↑
Pedra de Maluco – Brasília/DF
Fonte: LAGE (2018)



← Figura [F2]
Pedra de Maluco – Brasília/DF
Fonte: LAGE (2018)

A escolha desse objeto de estudo, dentro do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da

³cf. MAIA (2000), modo de vida refere-se a uma maneira ou forma de vida, ligado aos hábitos de um lugar ou aos costumes de uma comunidade.

Universidade Federal da Paraíba, deve-se à intenção de possibilitar uma discussão entre vida na rua, nomadismo, arquitetura e urbanismo. Mesmo que algumas concepções e procedimentos metodológicos do campo da Antropologia sejam necessários na investigação da cultura, esse modo distinto de habitar e conceber o espaço permite também integrar o campo da Arquitetura e do Urbanismo, quando se propõe a explorar uma segunda questão: como se dá a produção do habitat e a apropriação do espaço público pelos *malucos de estrada*?

Entende-se a apropriação como sendo um processo simbólico, carregado de marcas do vivido e do valor de uso, no sentido estabelecido por Henri Lefebvre.

De um espaço natural modificado para servir as necessidades e as possibilidades de um grupo, pode-se dizer que este grupo dele *se apropria*. (...) Tais espaços abundam, ainda que não seja sempre fácil dizer, em que e como, por quem e para quem, eles foram *apropriados*. (LEFEBVRE, 2006, p. 231-232, grifos do autor)

Assim como espaço público refere-se a um espaço, não importa a função de base, que corresponde à dimensão espacial da política, como *locus* da lei democrática, capaz de criar condições para unir uma dimensão física de copresença de indivíduos, diferenciados e racionais, a uma dimensão mais abstrata de comunicação social, onde a acessibilidade não pode estar condicionada a nenhum critério, senão àqueles previstos pela lei e legitimados por causa da igualdade de condições do respeito às liberdades individuais e ao bom convívio social. (GOMES, 2012)

É importante esclarecer que este trabalho nasceu a partir da vivência cotidiana da pesquisadora com o grupo na *Pedra de Maluco* de João Pessoa e em viagens realizadas com o grupo pela Paraíba, Nordeste e Centro-Oeste do Brasil, entre 2014 e 2017. Escolheu-se por analisar, especificamente, a

Pedra de Maluco de João Pessoa, que está localizada na porção mais turística da cidade, a Praia de Tambaú.

O Bairro de Tambaú como um todo é bastante misto em suas funções, possui residências unifamiliares, edifícios multifamiliares, mas, principalmente, uma grande quantidade de usos destinados ao comércio e ao turismo, como hotéis, restaurantes, agências de viagens, locadoras de veículos, lojas de artesanato, conveniências, quiosques e bares ao longo de toda a orla marítima, a Avenida Almirante Tamandaré. (**Figura [F3]**)



← **Figura [F3]**
Avenida Almirante Tamandaré –
João Pessoa/PB
Fonte: A autora (2018)

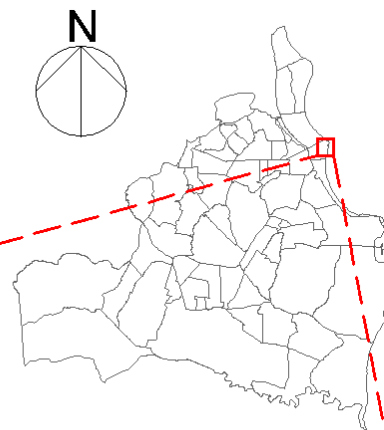
Os *malucos* instalaram-se na calçada da Orla de Tambaú devido à grande movimentação de pessoas em todos os horários, principalmente de moradores e turistas que frequentam restaurantes, bares e lojas de artesanato, praticam esportes, caminham com amigos ou família ou usufruem da praia, propriamente dita. Assim, ali estando, no meio desse contínuo e quase ininterrupto fluxo de pessoas, os *malucos* oferecem suas peças de artesanato aos transeuntes.

Segundo relatos do grupo, a *Pedra de Maluco* já ocupou diversos trechos da orla, em virtude de obras urbanísticas, construção de equipamentos públicos ou ações higienísticas da Prefeitura Municipal de João Pessoa (PMJP).

Até 2007, os *malucos de estrada* ocupavam a Feirinha de Tambaú (praça de alimentação na esquina com a transversal Avenida Olinda), ano de reforma do local. Depois, mudaram-se para o trecho da orla ao lado do Hotel Tambaú. Mas, entre 2016 e 2018, período desta pesquisa, a *Pedra de Maluco* estava localizada ao lado do quiosque Rango Bar, no trecho em frente à transversal Avenida Nego, ao Bob's Burguers (restaurante *fast-food*) e à Estação Conveniência (mercearia).

(Figuras [F4] e [F5])

Figura [F4] ↓
Localização da *Pedra de Maluco* – João Pessoa/PB
Fonte: GOOGLE, editado pela autora (2018)





← Figura [F5]

Pedra de Maluco ao lado do quiosque Rango Bar – João Pessoa/PB

Fonte: A autora (2018)

Rango Bar

Pedra de Maluco

Até 2014, havia também outra *Pedra de Maluco* em João Pessoa, no Parque Solón de Lucena, centro da cidade, contudo, após a reforma do local em 2016, ambulantes e *malucos de estrada* foram proibidos de vender no parque, permanecendo somente a *Pedra de Tambaú*. (cf. **Notícia [N15]**, Anexo 15)

Os primeiros contatos com o grupo se deram por volta de 2009, a partir de compras de artesanato e depois, por vínculos de amizade, as idas à *Pedra* se sucederam inúmeras vezes, até a decisão de ir morar na rua junto com eles, em 2014. Antes da primeira compra, não havia percebido a existência daquele grupo e de toda a dinâmica que se criava naquele espaço a partir da presença deles, mesmo o tendo percorrido inúmeras vezes antes como passageiro.

Depois de alguns meses habitando o local, observei⁴ que um fato começou a ocorrer a partir do mês de dezembro de 2014. Ações de higienização foram organizadas pela Prefeitura para a estação do verão, época de maior movimentação turística. A Secretaria de Desenvolvimento Urbano (SEDURB) iniciou fiscalização intensa, pressões e ameaças de retirada de ambulantes⁵ da orla da praia de Tambaú, “cartão-postal” da cidade, alegando que eles atrapalhavam a circulação de pessoas e que, segundo a notícia publicada no *site* da PMJP, “o pessoense merece ter uma calçada *limpa e livre* para andar e praticar atividades físicas”. (cf. **Notícia [N1]**, Anexo 1, grifo nosso)

⁴A 1ª pessoa do singular será utilizada, em alguns casos, quando tratar-se da experiência da pesquisadora com o grupo, embora a maior parte do texto esteja escrita no infinitivo.

⁵Nas notícias da Prefeitura Municipal de João Pessoa (PMJP), os *malucos de estrada* estão incluídos entre os ambulantes que vendem produtos na Orla de Tambaú.

Então, além da problemática de construção imaterial e simbólica do espaço, as ações higienísticas da Prefeitura Municipal de João Pessoa também foram fatores importantes para a origem deste trabalho, uma vez que aconteciam ao mesmo tempo em que várias reformas estavam sendo realizadas, no mandato do prefeito Luciano Cartaxo, com objetivo de desenvolver o turismo da cidade, incluindo a repavimentação da “calçadinha” da Orla de Tambaú, assim como é popularmente conhecida. E, portanto, a pesquisa se estenderá a responder uma terceira questão: que ações urbanísticas de controle são realizadas pela Prefeitura Municipal de João Pessoa e como elas interferem na vida do *maluco de estrada*?

É imprescindível trazer a discussão sobre sujeitos e culturas marginais e o estudo da heterogeneidade de atores sociais que cohabitam o espaço urbano, a fim de aguçar a sensibilidade dos urbanistas à valorização da alteridade, das diferenças, das singularidades e aproximá-los da complexa realidade urbana, fomentando a crítica à produção hegemônica do espaço público contemporâneo.

O urbanista, sobretudo, deve experienciar a cidade, não apenas analisá-la “de cima” sob a perspectiva de mapas cartográficos. Quanto menor a participação do profissional no sítio a ser trabalhado, maior a possibilidade de projetar espaços homogêneos e espetaculares. (JACQUES, 2006)

As estratégias de controle social tentam apagar os elementos, marcas e símbolos dos espaços públicos, mas encontram no cotidiano a resistência de formas de expressão que seguem sua própria lógica - a ação espontânea dos *homens lentos* e as práticas sociais das *zonas opacas*. (SANTOS, 2008)

Explorar uma apropriação do espaço público pouco conhecida e, por vezes, nem sequer percebida, permite o diálogo entre culturas, aprendendo com o Outro, com outros modos de vida e com outras formas de se fazer cidade.

(RIBEIRO, 2004)

No meio acadêmico, os *malucos de estrada* foram já estudados em duas pesquisas que os observaram sob perspectivas antropológicas, filosóficas e psicológicas, mas não ainda no âmbito da Arquitetura e do Urbanismo.

O primeiro trabalho, “Sobre malucos e micróbios: estilos de vida e trajetórias de artistas nômades”, consiste na dissertação de mestrado de Leonardo Leitão, concluída no ano de 2014, em Antropologia na Universidade Federal Fluminense (UFF) e o segundo, a tese de doutorado de André Luiz Strappazzon, em Psicologia, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), com título “Malucos de Estrada: Experiência nômade e produção de modos de vida”, defendida em 2017.

Há também outro trabalho essencial para o entendimento da temática em questão. Trata-se de um documentário audiovisual de longa metragem, “Malucos de Estrada II – Cultura de BR” realizado por um *maluco de estrada*, Rafael Lage, e seu coletivo de arte, Beleza da Margem. Produzido por meio de uma campanha de financiamento colaborativo, conta com diversas entrevistas e esclarecimentos sobre todas as peculiaridades da cultura – dos vocábulos específicos à ideologia do grupo, servindo de base documental para ambos os trabalhos acadêmicos citados anteriormente.

A partir da opção de um foco eminentemente sobre a apropriação do espaço, a proposta da pesquisa objetiva:

OBJETIVO GERAL

analisar a apropriação do espaço público – a Orla de Tambaú em João Pessoa – pelos sujeitos denominados *malucos de estrada*.

E, sintetizados no **Quadro [Q1]** abaixo, retoma-se as três questões levantadas anteriormente para, a partir delas, construir os seguintes objetivos específicos:

QUESTÕES

Quais são os valores e as qualidades que caracterizam essa herança cultural *hippie* adaptada à realidade brasileira?



OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Revelar os elementos fundamentais da cultura e do modo de vida dos *malucos de estrada*.

Como se dá a produção do habitat e a apropriação do espaço público pelos *malucos de estrada*?



Caracterizar a *Pedra de Maluco* de João Pessoa como espaço de apropriação dos *malucos de estrada*.

Que ações urbanísticas de controle são realizadas pela Prefeitura Municipal de João Pessoa e como elas interferem na vida do *maluco de estrada*?



Identificar a regulação da Prefeitura Municipal de João Pessoa e verificar como as ações urbanísticas de controle e vigilância interferem na vida do *maluco de estrada*.

← Quadro [Q1]

Questões levantadas e objetivos específicos

Fonte: A autora (2018)

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia desta dissertação foi dividida em três etapas, de modo que cada etapa e seus procedimentos mobilizados responderão a cada objetivo específico proposto anteriormente. (Quadro [Q2])

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Revelar os elementos fundamentais da cultura e do modo de vida dos *malucos de estrada*.

Caracterizar a *Pedra de Maluco* de João Pessoa como espaço de apropriação dos *malucos de estrada*.

Identificar a regulação da Prefeitura Municipal de João Pessoa e verificar como as ações urbanísticas de controle e vigilância interferem na vida do *maluco de estrada*.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Etnografia

MALINOWSKI (1986);
MAGNANI (1984)

Etnografia

MALINOWSKI
(1986);
MAGNANI (1984)



Cartografia da

Ação

RIBEIRO
(2001-2002)

Etnografia

MALINOWSKI
(1986);
MAGNANI (1984)



Notícias

PMJP
(2014-2018)

← Quadro [Q2]

Objetivos específicos e procedimentos metodológicos

Fonte: A autora (2018)

ETNOGRAFIA – OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE

A primeira etapa metodológica baseia-se na abordagem etnográfica de Bronisław Malinowski (1986) e José Guilherme Cantor Magnani (1984), que parte da observação direta através do convívio diário com os membros de uma determinada comunidade.

A contribuição de Malinowski nesse método de pesquisa, realizado numa ilha da Nova Guiné nos anos 1910, é entendida por Magnani (1984) como uma revolução na prática etnográfica, que pôde ir além das técnicas até então predominantes, como questionários e relatos de viajantes, e se colocar em contato direto com os nativos, observando as situações naturais no contexto da vida tribal.

Na etnografia, convém o pesquisador participar do cotidiano da aldeia, enfrentar um dia mais ou menos semelhante ao do nativo, aprender a se comportar e sentir a diferença entre as maneiras locais corretas e incorretas, participar de jogos ou passeios, sentar-se, ouvir e participar das conversas. (MALINOWSKI, 1986)

Magnani atualiza as lições de Malinowski ao trazê-las para a Antropologia Urbana. Para o autor, deve-se “deixar de lado uma postura etnocêntrica e observá-los *de perto e em seu próprio contexto*” (MAGNANI, 1984, p.11, grifo nosso), assim como “é preciso estar atento a cada gesto, palavra ou hábito, por mais insignificantes ou exóticos que possam parecer” (*ibid.*, p. 10) a fim de que se compreenda a importância dos diferentes padrões culturais. Se eles existem, é porque possuem um significado para aqueles que os praticam.

Malinowski constatou que há fenômenos da *imponderabilia da vida real*⁶ que não podem ser registrados através de questionários, mas que têm que ser observados em sua plena realização. Diz o autor:

⁶Se consideramos *imponderabilia* com o sentido de imponderabilidade, nesse caso, o autor se refere às situações de natureza abstrata e àquelas que não podem ser previstas.

pertencem a essa categoria fatos como a rotina diária de trabalho dos homens, os detalhes de seus cuidados corporais, do modo de comer e de preparar os alimentos, o tom das conversas e da vida social ao redor das fogueiras, a existência de fortes amizades ou de hostilidades, de simpatias e aversões momentâneas entre as pessoas; o modo sutil, mas inegável, pelo qual as vaidades e ambições pessoais se refletem no comportamento do indivíduo e nas reações emocionais dos que o cercam. (MALINOWSKI, 1986, p.42)

O objetivo geral dessa técnica, para Malinowski (*op.cit.*, pp.47-48, grifo do autor), é “captar o ponto de vista do nativo, sua relação com a vida, apreender a *sua* visão do *seu* mundo”, para que se compreenda a verdadeira mentalidade, o comportamento dos nativos e o “espírito” da vida tribal, num esforço de penetração, não somente nos fatos da vida da aldeia, mas na atitude mental do nativo. Muito embora o autor esteja trabalhando com comunidades indígenas, o que ele fala em termos de procedimento, é ainda válido para a etnografia.

Roberto Cardoso de Oliveira afirma que, no diálogo entre pesquisador e nativo, a qualidade da interação

envolve, em regra, aquilo que os antropólogos chamam de ‘observação participante’, o que significa dizer que o pesquisador assume o papel perfeitamente digerível pela sociedade observada, a ponto de viabilizar uma aceitação senão ótima pelos membros daquela sociedade, pelo menos afável, de modo que não impeça a necessária interação. (2006, p.24)

Como já mencionado anteriormente, o estabelecimento do primeiro contato na *Pedra de Maluco* de João Pessoa havia acontecido antes do início do mestrado e, já que existia certa familiaridade e envolvimento com os membros do grupo, foi necessário manter uma situação de “estranhamento” ou de transformar o “familiar” em “estranho”, como coloca Magnani (1984).

Ainda que produzisse artesanato e por vezes, estivesse na *Pedra de Maluco* como artesã oferecendo os trabalhos realizados (ou até mesmo andando pela areia ou pelos bares da Praia de Tambaú), me colocava para o grupo como observadora, pesquisadora, mestranda, arquiteta ou urbanista, nunca como *maluca*, a fim de esclarecer meu papel e me distanciar em certos momentos na convivência com o grupo.

Essa postura foi fundamental para que eu estivesse “perto” e pudesse vivenciar todas as etapas do trabalho dos artesãos, ser aceita pelo grupo e participar de certas conversas mais íntimas com alguns deles, e ao mesmo tempo “longe”, afastada das linhas e dos arames, por trás de uma câmera fotográfica ou por algum tempo debruçada sobre meus papéis a escrever as minhas observações.

Para Malinowski (1986), devem-se aplicar certos métodos especiais de coleta, manipulação e registro de dados para que todos os fatos sejam registrados e formulados cientificamente. Um diário etnográfico é o instrumento ideal para essa espécie de estudo. Por isso, por meio de apontamentos diários e desenhos esquemáticos no caderno de bordo, registros fotográficos e videográficos na câmera ou no celular, foram anotados aspectos relacionados sobre a cultura, o habitat e as ações de fiscalização, para que se apreendesse tanto a cultura de forma geral quanto as características da vida local na *Pedra de Maluco* de João Pessoa.

Por isso, foram registradas as atividades mais recorrentes do cotidiano, as atitudes e a maneira de se comportar, o vocabulário próprio, as regras e o código de ética, alguns eventos de conflito, a organização espacial, o levantamento dos objetos encontrados no local, os lugares frequentados no Bairro de Tambaú e os caminhos mais percorridos, as ações de controle e fiscalização.

Às vezes, foram escritas também algumas declarações dos *malucos de estrada*, as quais a identidade do declarante foi

mantida em sigilo e indicada somente a primeira letra do nome.

As observações eram realizadas diariamente, mas havia diferença sobre o período de permanência entre os dias da semana: entre segunda e quinta, passava-se um tempo menor, geralmente a partir do fim da tarde e/ou pela manhã, horários de maior movimentação de pessoas na praia; e nos finais de semana, permanecia-se o dia inteiro e dormia-se junto com o grupo, muitas vezes chegando sexta-feira ou sábado e ficando até o domingo a noite para que pudesse captar, além do período de exposição, como acontecia o fim do trabalho, quais eram as atividades noturnas, observar o processo de montar o local de descanso, assim como as primeiras atividades do dia, que não podiam ser vistas sem que acordasse já na *Pedra*.

As observações mais dedicadas nos finais de semana devem-se à presença mais considerável de frequentadores em relação aos dias de semana, sejam habitantes ou turistas, e quando era possível ver uma atividade mais intensa ou um movimento maior de *malucos de estrada* na Orla de Tambaú.

A vivência completa foi realizada entre setembro de 2016 e junho de 2017 com o objetivo de apreender toda a dinâmica sazonal da *Pedra de Maluco* nas quatro estações do ano. Entretanto, especificamente em julho e agosto de 2017, os *malucos* não se encontravam na Orla de Tambaú, devido à chegada do “inverno” - período de chuvas na região, o que impossibilita a permanência no espaço público e dificulta a venda de artesanato, levando-os a se deslocarem para o interior do Estado da Paraíba.

Esse movimento em direção ao interior inicia-se com as festividades juninas consagradas, em comemoração a Santo Antônio, São João e São Pedro, no Agreste e no Sertão do estado⁷, como o “Maior São João do Mundo”, em Campina Grande, e o “São João de Patos”, e culmina com o circuito festivo Caminhos do Frio, em cidades da microrregião do Brejo

⁷cf. IBGE (2010), o Agreste e o Sertão são mesorregiões do Estado da Paraíba e o Brejo é uma microrregião pertencente ao Agreste Paraibano.

Paraibano⁷, que ocorreram entre os dias 03 de julho e 03 de setembro de 2017.

CARTOGRAFIA DA AÇÃO

A segunda etapa da metodologia consiste na construção da cartografia da ação dos *malucos de estrada*, baseada no método homônimo de Ana Clara Torres Ribeiro (RIBEIRO *et al.*, 2001-2002).

A cartografia proposta por Ribeiro fundamenta-se na grafia da ação do sujeito no espaço. A autora entende esse tipo de carta como sendo a representação da construção do espaço realizada pelo sujeito e pelos gestos dele - como acontecem os trajetos, as lutas, as práticas, os movimentos, as apropriações e tudo que o sujeito faz do espaço.

É a forma não oficial de desenhar a geografia das práticas sociais, que visa valorizar os espaços praticados, mostrar as dinâmicas dos espaços usados e dar maior visibilidade a contextos, lugares e narrativas de sujeitos sociais.

Segundo Ribeiro (2012), há uma sociedade ativa sem representações sociais correspondentes, porque na cartografia predominante, a vida de relações desaparece, assim como as representações da experiência social são empobrecidas.

Assim sendo, superar as representações hegemônicas do espaço popular permite, para Ribeiro,

o reconhecimento de historicidades singulares, da potência do sujeito dos muitos outros, da rugosidade que permite a sua sobrevivência e dos vínculos sociais que transcendem a visão censitária da sociedade, ou seja, a colagem da população ao espaço através do domicílio. (2012, p.65-66)

Outras leituras podem ser construídas através da geografia das práticas sociais, de uma nova cartografia, de uma cartografia da ação que inclua as descobertas e também as

mazelas do cotidiano e “viabilizem não só a concepção de mapas expressivos da vitalidade do tecido social, como também a reflexão de microconjunturas”. (RIBEIRO *et al.*, 2001-2002, p. 48), assim como “constitui um recurso de memória, um apoio da narrativa, impossibilitando o esquecimento de praticantes do espaço”. (*ibid.*, p. 48)

Dessa forma, propõem-se cartas que se fazem fazendo, a partir de um mapa oficial simples e vazio de significado, no qual vai sendo colocado vida sobre ele, podendo ser feito com recursos técnicos simples.

Esse tipo de cartografia tem relação com o trabalho realizado por Renata Marquez e Wellington Cançado, que mapearam os trajetos de ambulantes na cidade de Belo Horizonte e publicaram no Atlas Ambulante. Os autores concordam que “incluir algo ou alguém no mapa (...) constitui uma reescritura ou redesenho do mundo, um passo para uma geografia de coexistências, de diversidade” e que esse exercício torna-se uma “mídia privilegiada para representações das alteridades do espaço”. (MARQUEZ, CANÇADO, 2011, p.9)

Na pesquisa dos *malucos de estrada*, foram utilizados como base para a cartografia da ação, os mapas de satélites da empresa *Google*, por livre acesso no site *Google Maps*, disponível em <<https://www.google.com/maps>>, como também foi consultada a base de dados da Prefeitura Municipal de João Pessoa, o *Jampa em Mapas*, disponível em <<http://www.joaopessoa.pb.gov.br/secretarias/seplan/jampa-em-mapas/>>.

Esses mapas digitais foram redesenhados e acrescidos das informações coletadas na etapa etnográfica – ETAPA 01 – quando foram elaborados desenhos da *Pedra de Maluco* de João Pessoa, mostrando a ocupação e a organização do espaço público após a apropriação do grupo. Nessa pequena escala, foram desenhados os objetos, as linhas de movimento e explicações das funções de cada recanto da *Pedra*. Em escalas maiores, é possível representar os caminhos percorridos no

nível de bairro, dentro da cidade ou de viagens que costumam realizar no Estado da Paraíba.

NOTÍCIAS

A terceira etapa foca nas ações políticas da Prefeitura Municipal de João Pessoa (PMJP) a partir das informações retiradas de notícias do seu próprio *site*, disponível em <<http://www.joaopessoa.pb.gov.br/category/noticias/>>, que estavam relacionadas a operações de fiscalização e reformas urbanas realizadas na orla marítima da cidade.

A busca iniciou-se pelas notícias do ano de 2014, mês de dezembro, a partir da institucionalização da Operação Verão em João Pessoa, que foi acompanhada até fevereiro de 2018, fim do último verão abrangido por esta pesquisa. Essa operação comandada pela Secretaria de Desenvolvimento Urbano (SEDURB) relaciona-se com os *malucos de estrada* quando controla e fiscaliza a ação de ambulantes, nos quais estão eles incluídos, para que não afetem o direito de ir e vir dos caminhantes na orla.

No ano de 2017, durante a mesma estação, surge outra operação municipal, chamada Turismo Sustentável e realizada pela Secretaria de Meio Ambiente (SEMAM), que tem por objetivo cuidar da vegetação rasteira da praia. Nesse caso, os *malucos de estrada* passam a também serem controlados pela ocupação na areia da praia, onde nasce a vegetação de restinga.

Decidi, então, por coletar as notícias publicadas no *site* da PMJP entre os meses de dezembro e fevereiro dos anos de 2014 a 2018, que abordassem a realização dessas duas operações, como também outras notícias pontuais, de qualquer época do ano, que fizessem referência a reformas urbanísticas ou investimentos no setor do turismo do recorte espacial escolhido.

Na etapa etnográfica, em momentos de observação das operações da SEDURB, os agentes de controle iniciavam suas abordagens alegando que tal fiscalização ocorria em virtude de alguma denúncia telefônica feita por um morador do bairro que havia se incomodado, enquanto passava pelo local, com a presença ou determinada atividade que o grupo estava realizando na praia. Incluiu-se, portanto, a coleta de denúncias na Ouvidoria do Município que se relacionavam com a orla ou com o grupo, nos verões de 2016-2017 e 2017-2018, período da pesquisa.

ESTRUTURA DO TRABALHO

A dissertação está dividida em três capítulos organizados a partir de cada objetivo específico e seus procedimentos metodológicos correspondentes, de modo que o primeiro capítulo trata do modo de vida dos *malucos de estrada*; o segundo capítulo tem como foco o aspecto da apropriação do grupo no espaço público, a *Pedra de Maluco* e, mais especificamente, a conformação desse território em João Pessoa, na Orla de Tambaú; e o terceiro capítulo refere-se à ação da Prefeitura Municipal de João Pessoa no controle dos *malucos de estrada* e desse contexto espacial na estação do verão. (**Quadro [Q3]**)

Quadro [Q3] ↓
Objetivos específicos,
procedimentos metodológicos e
capítulos.
Fonte: A autora (2018)

OBJETIVOS ESPECÍFICOS	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	CAPÍTULOS
Revelar os elementos fundamentais da cultura e do modo de vida dos <i>malucos de estrada</i> .	Etnografia MALINOWSKI (1986); MAGNANI (1984)	CAPÍTULO 01 O MODO DE VIDA DOS <i>MALUCOS DE ESTRADA</i> : DOS CONCEITOS E DAS NOÇÕES À SUA CARACTERIZAÇÃO
Caracterizar a <i>Pedra de Maluco</i> de João Pessoa como espaço de apropriação dos <i>malucos de estrada</i> .	Etnografia MALINOWSKI (1986); MAGNANI (1984)	CAPÍTULO 02 A <i>PEDRA DE MALUCO</i> DE JOÃO PESSOA: O TERRITÓRIO DOS <i>MALUCOS DE ESTRADA</i>
	Cartografia da Ação RIBEIRO (2001-2002)	

Identificar a regulação da Prefeitura Municipal de João Pessoa e verificar como as ações urbanísticas de controle e vigilância interferem na vida do <i>maluco de estrada</i> .			CAPÍTULO 03 OPERAÇÃO VERÃO E TURISMO SUSTENTÁVEL: AS AÇÕES DE CONTROLE DA PREFEITURA MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA SOBRE OS <i>MALUCOS DE ESTRADA</i>	
	Etnografia	Notícias		
	MALINOWSKI (1986);	PMJP (2014-2018)		
	MAGNANI (1984)			

DELIMITAÇÃO DO OBJETO

Início classificando o grupo dos *malucos* de acordo com o tipo de trabalho para melhor compreender e delimitar o objeto de estudo. O grupo dos *malucos de estrada* é formado tanto por artesãos quanto por artistas nômades.

Os artistas são aqueles que se apresentam em semáforos com técnicas circenses, como malabares, equilíbrio em corda bamba, pirofagia etc. ou em transportes públicos executando instrumentos musicais diversos. Os artesãos são os que expõem trabalhos manuais como brincos, colares, pulseiras, anéis, esculturas, bolsas etc. nos espaços públicos sobre panos no chão e painéis de veludo ou oferecem-nos em bares e restaurantes de mesa em mesa.

Ainda que seja um movimento majoritariamente brasileiro, a começar pelo termo *malucos de BR*⁸, também ocorre em toda a América do Sul, uma vez que são encontrados nos espaços públicos brasileiros artistas e artesãos vindos de outros países latinos de língua espanhola como Argentina, Chile, Uruguai, Paraguai, Bolívia, Peru, Equador, Colômbia e Venezuela, bem como as rotas dos *malucos* brasileiros também se estendem além das estradas brasileiras pelos mesmos países do oeste do continente.

Nesta pesquisa, escolho trabalhar somente com o grupo de artesãos, uma vez que são eles que, a partir do artesanato, constroem seu local de trabalho no espaço público para expor e vender seus produtos e ampliam essa ocupação juntamente

⁸BR é a denominação para as rodovias federais brasileiras, como por exemplo, a BR – 101, que vai de Touros (Rio Grande do Norte) a São José do Norte (Rio Grande do Sul).

com a construção do seu habitat. O território da *Pedra de Maluco*, muitas vezes temporário, pode se consolidar espacial e temporalmente, em algumas cidades.

Sendo assim, permanecem por maiores períodos de tempo no espaço público em comparação aos artistas. Os artistas, ao contrário dos artesãos, mudam constantemente seu local de trabalho dentro da cidade, escolhendo cada dia um semáforo, o que consequentemente, não gera o mesmo tipo de apropriação do espaço público nem seu espaço de habitar acontece na rua.

O grupo de artistas é formado, em sua maioria, por estrangeiros latino-americanos, e como tais, não são muito bem recebidos pelos artesãos. Uma vez que, por não trabalharem com artesanato e não estarem o dia inteiro na *Pedra*, os *malucos* não os conhece tão bem a ponto de confiar plenamente sobre a permanência deles no espaço.

Por essa diferença de trabalho, geralmente os artistas estrangeiros formam um grupo separado e costumam habitar alguma residência compartilhada entre eles, mas dificilmente estão entre os artesãos, nem sequer mesmo próximos. Alguns que possuem as duas habilidades – circo e artesanato - mantém contato com o grupo dos artesãos, porque podem fazer malabares durante um período e artesanato em outro período do dia e, assim, tendem a manter uma maior convivência com os artesãos na *Pedra de Maluco*.

Ainda que os artesãos viajem sozinhos e não se conheçam entre si, a *Pedra de Maluco* é um espaço para que se estabeleça confiança entre eles, já que consiste numa convivência muito próxima e diária entre estranhos.

Assim, descreve-se o subgrupo escolhido, nas conformações e descrições que surgirão ao longo do trabalho, como *malucos de estrada* que trabalham com artesanato, são nômades, possuem todos os seus hábitos no espaço público - trabalhar, morar e se divertir - e vivem na rua por opção.

CAPÍTULO 01

O MODO DE VIDA DOS *MALUCOS DE ESTRADA*: DOS CONCEITOS E DAS NOÇÕES À SUA CARACTERIZAÇÃO

Para compreendermos o modo de vida dos *malucos de estrada* em contraposição ao modo de vida capitalista e as diferenças dos hábitos e costumes do primeiro em relação ao segundo, buscaremos conhecer a ideia de homogeneização dos modos de vida a partir da instalação do capitalismo, relação de produção que revolucionou não só as maneiras de produzir, mas reestruturou as relações sociais e estabeleceu um modo de vida urbano.

1.1. Introdução aos conceitos e aos fundamentos teóricos

Para Carlos (2001) e Debord (2003), a industrialização, a forte migração para os centros urbanos e o crescimento das cidades foram processos do capitalismo que possibilitaram que a sociedade de consumo modelasse em toda a parte o seu cenário, dando início a um novo modo de vida, novas formas de organização do tempo, novo modo de consumo e estabelecendo um modelo de comportamento.

A capacidade de reprodução em massa e a racionalidade técnica que marcaram o início da revolução industrial não estavam restritas somente à produção fabril. À medida que a máquina, a velocidade, o movimento e as novas mercadorias penetravam na vida cotidiana, a repetição dos movimentos mecânicos e da produção das coisas começava a se expressar também nas atividades e nas relações.

A racionalidade invadiu o cotidiano e passou a afetar todos os planos da vida social, atingindo a economia, a cultura, a política, as relações interpessoais e os comportamentos individuais. Segundo André Granou (*apud* MAIA, 2000), desde a instalação do capitalismo, houve uma contínua dissolução

dos modos de vida anteriores e uma relação intrínseca entre modo de produção e modo de vida.

A generalização da troca passou a ser tanto uma necessidade de extensão da base de consumo do modo de produção como condição da realização da vida urbana. A introdução das técnicas do meio industrial induziu uma mudança cultural generalizada, revolucionando desde a divisão e organização do trabalho ao sistema de valores e comportamentos. (CARLOS, 2001)

O resultado da história da industrialização é uma sociedade dominada pelas relações de produção e de propriedades capitalistas, e segundo Henri Lefebvre (1991, p.78), “dirigida por uma classe, a burguesia (uma só, apesar das frações e lutas fracionárias pelo poder), detentora dos meios de produção”, que organiza a cotidianidade programada num ambiente urbano adaptado para esse fim.

Para Debord, em seus escritos da Internacional Situacionista,

Essa sociedade constrói, *com as novas cidades*, o terreno que a representa exatamente, que reúne as condições mais apropriadas para seu bom funcionamento; ao mesmo tempo, ela traduz *no espaço* na linguagem clara da organização da vida cotidiana, seu princípio fundamental de alienação e de imposição. (2003, p.134-135, grifo nosso)

O ciclo do capital se desenvolve na cidade a partir dos processos de produção, distribuição, circulação, troca e consumo. O fenômeno urbano dá sentido à industrialização, uma vez que a experiência na cidade passa a ser uma experiência de consumo da classe operária, colocadas a viver no meio de uma massa enorme de signos de consumo. (LEFEBVRE, 1991; CARLOS, 2001)

Na ideologia da mercadoria, os objetos são associados à ideia de felicidade, excitando o comprador ao ato da compra, de tal modo que, para Richard Sennett (1988), eles adquirem

um sentido mistificado que nada tem a ver com seu uso, mas com sua aparência ou valor de status. Portanto, “fantasiar que objetos físicos tinham dimensões psicológicas tornou-se lógico dentro dessa nova ordem”. (SENNETT, 1988, p. 37)

Sennett (1988) fundamenta essa ideia em Karl Marx, que em *O Capital* (1867), já enunciava que um objeto manufaturado, colocado sob o capitalismo moderno, passa a ser um hieróglifo social a ser consumido de acordo com seu valor de *status*, denominando esse fenômeno de fetichização da mercadoria.

Lefebvre (1991) também se reporta à ideia de que os objetos recebem essa sobrecarga ideológica e transpõem o limiar do imaginário, impregnando-se de afetividade e sonho. Esse princípio suposto de satisfação criada pelos objetos é, para o autor, a base da consolidação da cotidianidade e o principal produto da sociedade burocrática de consumo dirigido⁹.

O consumo serve de álibi para a produção ao mesmo tempo em que subordina a sociedade à burguesia, no que Lefebvre (1991) chama de estratégia global de classe (econômica, política, cultural). O desejo e a satisfação mascaram a fraca capacidade de apropriação da classe operária e a predominância de pressões sobre ela, além de dissimular sua verdadeira condição de sujeição e exploração no plano da cotidianidade, do consumo e da produção. (LEFEBVRE, 1991)

A vida urbana vai retratar o modo de vida capitalista ligado a um sistema de objetos e a um sistema de valores e comportamentos, onde tudo é reproduzível, reduzindo atos e gestos à pura trivialidade da repetição. O desenvolvimento do capitalismo tende a reduzir as diferenças e homogeneizar todas as sociedades a um mesmo modelo, buscando a eliminação dos conflitos, dos dissensos e das disputas entre diferentes. (DEBORD, 2003)

⁹cf. LEFEBVRE (1991, p. 68), “marcam-se assim tanto o caráter racional dessa sociedade, como também os limites dessa racionalidade (burocrática), o objeto que ela organiza (o consumo no lugar da produção) e o *plano* para o qual dirige seu esforço a fim de se sentar sobre: o cotidiano”

Até o final do século XX, o processo se expande mundialmente, contaminando todos os pontos do planeta. Porém, ainda que pareça total o domínio da lógica capitalista, segundo Milton Santos (2008), a racionalidade não se desenvolve de forma homogênea, a difusão dos objetos modernos é desigual e a incidência de ações modernas não é a mesma em toda a parte, existindo zonas onde ela é menor e, mesmo, inexistente e onde cabem outras formas de expressão que têm sua própria lógica.

Santos declara que “a ordem global busca impor, a todos os lugares, uma única racionalidade. E os lugares respondem ao Mundo segundo os diversos modos de sua própria racionalidade.” (2008, p.338). Sendo assim, para o autor, “Cada lugar é, ao mesmo tempo, objeto de uma razão global e de uma razão local, convivendo dialeticamente”. (*ibid.*, p. 339)

É no plano do cotidiano, portanto, que os atos dos habitantes fogem dos estreitos limites dos gestos repetitivos, marcam singularidades e diferenças e abrem caminhos para a valorização do acidental e do espontâneo, onde vão emergir os escapes, os imprevistos e onde as relações sociais vão ultrapassar o plano da produção de objetos e produtos. O plano subjetivo da consciência se mantém vivo num movimento contra-hegemônico de contestação à lógica imposta à vida urbana em todos os seus sentidos. (CARLOS, 2001)

Santos (2008) vai denominar essa contradição entre a racionalidade mundial e a escala do cotidiano a partir do termo contra-racionalidades. Estas estariam localizadas entre os pobres, os migrantes, os excluídos, as minorias, chamados de homens lentos, nas áreas menos modernas e mais “opacas”. Essas situações se definem como resistentes à repetição homogeneizante por sua simples presença e prática cotidiana como também pela sua incapacidade de subordinação completa às racionalidades dominantes.

A velocidade e a pressa estão articuladas à racionalidade global, assim como a lentidão e os homens lentos estão ligados à ordem local. Certos espaços de produção, de circulação e de consumo são áreas de exercício dos atores racionais, enquanto os espaços opacos oferecem materializações de racionalidades alternativas, que ultrapassam a barreira da práxis repetitiva, inventando táticas e astúcias na vida cotidiana e manifestando outros modos de vida na cidade.

Segundo Maia (2000, p.142),

[...] se o desaparecimento dos vários ‘modos de vida’ e a contínua expansão da ‘maneira de viver urbana’ são fatores incontestáveis, há de se notar que nem por isso houve uma homogeneização da vida, dentro das referidas ‘classes sociais’; ou seja, um modo de vida do operário e um modo de vida burguês.

Além das manutenções de modos de vida consolidados, tradicionais, outros surgem dentro da grande massa que é a vida urbana, de outras diferenças que não somente a “camada social”. O modo de vida está ligado aos hábitos de um lugar ou aos costumes de uma comunidade. (MAIA, 2000)

Para Vieira *et al.*, por exemplo, *ser da rua*, termos das autoras, é considerado um *modo de vida*, já que

a rua pode ter pelo menos dois sentidos: o de se constituir num abrigo para os que, sem recurso, dormem circunstancialmente sob marquises de lojas, viadutos ou bancos de jardim ou pode constituir-se em um *modo de vida*, para os que já têm na rua o seu habitat e que estabelecem com ela uma complexa rede de relações. (1992, p. 93, grifo nosso)

As autoras consideram que, quando dormir na rua passa a ser uma constante, novos hábitos, costumes e conceitos vão sendo adquiridos, assim como

novas relações se estabelecem, hábitos começam a serem incorporados, novos códigos são criados. Ser morador de rua significa adquirir outros referenciais de vida, diferente daqueles baseados em valores associados ao trabalho, à moradia, às relações familiares. (VIEIRA *et al.*, 1992, p.96)

O indivíduo, então, passa a estabelecer suas relações sociais, não mais com referência aos parentes ou companheiros de trabalho, mas com outros grupos da rua.

1.2. O viver na rua e o modo de vida dos *malucos de estrada*

Para os *malucos de estrada*, morar na rua aparece como uma *escolha* e a construção de um modo de vida alternativo, um escape ou uma forma de “burlar” o que chamam de “sistema”, no sentido de rejeitarem a cotidianidade e o consumo e buscarem uma forma de resistência à racionalidade dominante e ao condicionamento ao sistema produtivo.

Nos trechos de algumas entrevistas realizadas com os sujeitos da pesquisa – os *malucos de estrada*, o modo de vida capitalista aparece como contraponto direto à liberdade, simbolizado pela vida repetitiva do emprego formal e as regras advindas desse tipo de trabalho - carteira assinada, carga horária de 44 horas semanais, salário mínimo, horários e locais fixos, além de normas de comportamentos e padrões sociais, o que não permite que eles, em aceitando-o, vislumbrem um grande universo de escolhas além do que chamam de “vida normal”.

Eu achava interessante o modo de vida alternativo (...) nunca quis seguir os padrões do *sistema*, aquela coisa de você ter *horário pra trabalhar, ganhar uma mixaria* no final do mês e gastar tudo com coisas básicas, enfim, essa vidinha, esse cotidiano e a *vida normal* de todo mundo. (...) Daí eu vi no artesanato um modo de *libertação* (...) uma maneira de realizar meu

sonho, de me manter e de quebrar esse padrão do sistema.

(Entrevistado W. , em 01 de novembro de 2018, grifo nosso).

Vivemos com o nosso trabalho e é um *escape*, é como mais ou menos você burlar o que o sistema coloca pra você inicialmente na sua vida. (...) As pessoas de um modo geral não pensam nessa possibilidade, embora se possa viver, mas o sistema ele aprisiona tanto a mente das pessoas que isso vira um escape, as pessoas não imaginam que podem viver assim, podem conhecer outros lugares só com a bicicleta e o maluco ele faz isso. (...) Mas viver com artesanato, não precisar de um *emprego fixo*, não precisar de *patrão*, você pode *trabalhar pra você* (...) essas coisas são mais ou menos um escape.

(Entrevistado F., em 01 de novembro de 2018, grifo nosso)

A gente tem mais essa *liberdade*, porque, pra mim, eu trabalhar com artesanato e viver dentro dessa história agora é um privilégio porque, como eu não preciso estar *todo dia no trabalho*, eu tenho muito mais chance de poder criar as minhas filhas e conviver com elas do que eu teria se eu tivesse trabalhando de *carteira assinada*, que eu ia ter obrigação de estar lá no trabalho *todos os dias*, no *mesmo horário*, independente de chuva, sol, doença e etc.

(Entrevistado N., em 01 de novembro de 2018, grifo nosso)

Com base nos depoimentos acima, concorda-se com Vieira *et al.*, quando dizem que viver na rua

significa uma ruptura com as formas socialmente aceitas de sobreviver, que se organizam em torno do princípio de que o mercado é o único caminho legítimo de se obterem os recursos indispensáveis à sobrevivência, ou seja, para morar, comer, vestir é necessário trabalhar. (1992, p. 97)

Para as autoras, “não significa a eliminação do trabalho, mas o abandono do compromisso constante e cotidiano do emprego, substituído por outras formas de trabalho”. (VIEIRA *et al.*, *op. cit.*, p. 97)

Os *malucos de estrada*, dentre os grupos da rua, diferenciam-se dos *favoeiros*, na linguagem do grupo, porque não realizam *bicos* ou trabalhos temporários, nem se colocam como pedintes, o artesanato é seu trabalho constante. Assim como, sendo uma atividade manual, não se definem como *camelôs*, pois não revendem produtos industrializados “made in China”.

Dessa forma, assumem um trabalho autônomo, na intenção de não terem patrão e trabalharem para si próprios, mas principalmente, escolhem o artesanato por sua flexibilidade de ser realizado em qualquer lugar, permitindo viajarem, conhecerem outros lugares, serem nômades e estarem supostamente livres.



← Figura [F6]

↓ Figura [F7]

Artesanato do *maluco de estrada*:
Atividade manual exposta no pano de chão – Belo Horizonte/MG e São Paulo/SP

Fonte: LAGE (2018)

O artesanato vai refletir a discordância com a produção industrial em série - já que se trata de uma atividade manual; com a obtenção de lucros, pois veem o trabalho apenas como forma de subsistência; e com a propriedade privada, pois expõem as peças produzidas, nos espaços públicos, em um pano no chão. (Figuras [F6] e [F7])

É um modo de vida baseado na simplicidade e no minimalismo – uma vez que tudo o que possuem se resume tanto ao conteúdo que possa caber em uma mochila e ao que consegue se carregar no corpo, quanto ao arcabouço cultural



que podem adquirir em suas viagens, colocando-se totalmente em oposição à estabelecida sociedade de consumo e a qualquer possibilidade de acumulação material. (Figura [F8])



Figura [F8] ↑

Malucos de estrada e as mochilas –
Brasília/DF

Fonte: LAGE (2018)

No caso dos *malucos de estrada*, é preciso considerar que esse modo de vida não tem relação somente com os aspectos da vida na rua, mas engloba também diversas características que estão diretamente relacionados ao trabalho com artesanato e/ou à prática do nomadismo.

Lara Leite Barbosa (2008), para a classificação de nômades e de antinômades, utiliza as definições de Robert Kronenburg (2008 *apud* BARBOSA, 2008), que estão baseadas, principalmente, no critério da disponibilidade de recursos.

Geralmente motivadas por turismo ou negócios,

as pessoas que vivem em diferentes lugares, porém sem um ciclo repetitivo, é apenas uma forma de vida ligada às viagens, mas não é nomadismo. Principalmente porque, quando viajam, o fazem com bastantes recursos e não

se importam de estar envolvidos com o novo ambiente. (BARBOSA, 2008, p.31).

Já o nomadismo está num cenário construído onde não há muitos recursos, em que o próprio contexto impõe limites para o gerenciamento do que se dispõe. O nômade está envolvido com problemas locais, aprende com eles e é parte das dificuldades que afligem a população.

Os nômades seriam “povos que carregam o que precisam com eles, se movem por razões específicas, em rotas precisas. Entrosam-se num ambiente novo. O espaço é localizado” (BARBOSA, *op.cit.*, p.10), enquanto os antinômades seriam pessoas que têm uma base específica para a qual retornar e estão fechadas num ambiente artificial, no qual o espaço é relativo, ou seja, fortuito.

No **Quadro [Q4]** Barbosa (*op. cit.*, p.9) sintetizou as considerações de Kronenburg sobre as diferenças entre nomadismo e antinomadismo, termos do autor.

Quadro [Q4] ↓
Nomadismo e Antinomadismo
Fonte: BARBOSA (2008), p.9.

Nomadismo	Antinomadismo
Palavra poderosa, histórica, com raízes na alma.	Termo atual, devido à cultura global que exige flexibilidade do estilo de vida.
Vai de lugar para lugar com razões específicas, com rotas que seguem em tempos específicos, cíclicos.	Vagueia sem objetivo.
Ciclos repetitivos, ligados às estações do ano, ou ao clima. Final que se fecha onde começou.	Modo aleatório “random”, fortuito, ao acaso. O final é aberto, “open ended”.
Viajam para sobreviver. O movimento é parte de suas vidas.	Vive em diferentes lugares, apenas viaja. Têm uma base específica para a qual retornam, a viagem é um aspecto de suas vidas.
A casa é móvel, desmontada, mas é sempre a mesma. Devem carregá-la para onde vão.	A casa é uma referência central, específica, ainda que as mudanças sejam para localizações geográficas diferentes. Quando se mudam, trocam de casa.
Mergulha no ambiente novo, aprende e é possuído pelo ambiente que o circunda.	Fecha-se num ambiente artificial, criado com linguagem internacional comum.
Cita como exemplo os <i>Snowbirds</i> , na América. Vivem em <i>trailers</i> , se movem 25 vezes no verão e com 3.000 pessoas no inverno.	Cita como exemplo os empresários, profissionais internacionais que viajam para fazer negócios.
Liberdade é carregar apenas o que possui. Carrega o que precisa com ele, evita aumentar as posses.	Liberdade é viajar com uma mala bem pequena, levar pouco e usar os recursos disponíveis no local. Encontra e compra o que precisa ao longo do caminho.

A partir do quadro apresentado, os *malucos de estrada* poderiam ser definidos como nômades, em relação aos antinômades, já que viajam por necessidade, para sobreviver e perpetuar esse modo de vida. Ainda que morar na rua seja uma escolha para o grupo, o nomadismo pode ser considerado uma necessidade, em virtude da procura de matérias-primas em diferentes regiões para trabalho artesanal.

Por serem nômades, o artesanato produzido bem como as ferramentas utilizadas pelos *malucos de estrada* precisam ser portáteis e não depender de energia elétrica para o seu funcionamento. (Figura [F9]) Todo o material de trabalho, matérias-primas e os produtos prontos são colocados na mochila, que é carregada nas costas ou em carrinho tipo escolar. No corpo também levam o (s) painel (is), onde estão pendurados os brincos e/ou colares e também o(s) canudo(s) onde estão presas as pulseiras e tornozeleiras. Muitos possuem cartucheiras ou pequenas bolsas, produzidas por eles mesmos em couro, para levarem o dinheiro, telefone celular e documentos, quando possuem.



← Figura [F9]
Malucos de estrada e as
ferramentas de trabalho – Belo
Horizonte/MG
Fonte: LAGE (2018)

As mochilas são grandes, tipo cargueiro, mas não há espaço para muitas roupas ou pertences pessoais. Levam basicamente só o material de trabalho – chamado de *matéria* ou *sucata*, uma ou duas trocas de roupa, cobertores para

dormir e um casaco de frio, de preferência poucas peças de roupas para resolver o calor do dia e o frio da noite e para se adaptar aos diferentes climas do Brasil e da América do Sul. Ainda podem carregar barraca de *camping*, violão, carrinho de bebê, cadeira desmontável de *camping*, etc. e outros objetos mais relacionados à habitação. (Figuras [F10])



← Figura [F10]

Maluco de estrada e os pertences pessoais – Belo Horizonte/MG

↓ Figura [F11]

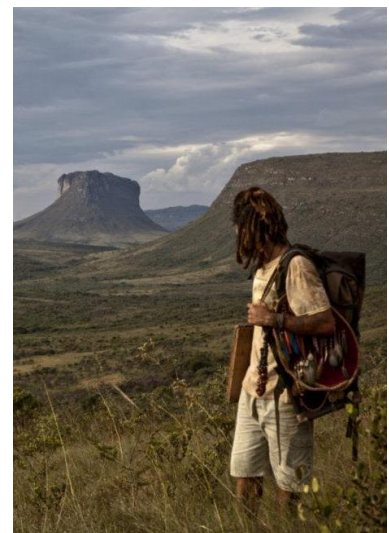
Maluco de estrada e os painéis no corpo – Chapada Diamantina/BA

Fonte: LAGE (2018)

Deslocam-se com o mínimo de peso e possuem apenas o que podem carregar no corpo. A mochila parece simbolizar a intenção dos *malucos* por uma vida minimalista, de não acumular nem se apegar às coisas materiais, já que representa a totalidade de objetos que podem e/ou desejam possuir, o que pode ser entendido na fala transcrita a seguir:

Uma pessoa considera importante ter um guarda-roupa cheio de roupas e comprar toda hora e estar sempre cada dia com uma roupa diferente e, já pra gente não, o mais importante pra mim é viajar. (...) Você carrega tudo que você tem (...), então era três saias e três blusas, era só isso que eu tinha, e não fazia diferença, não era uma coisa que me fazia falta ter outras.

Entrevistado W. , em 01 de novembro de 2018.



De qualquer modo, carregam os trabalhos sobre o corpo, levando-os para onde quer que vão e colocando os painéis e os canudos sempre à mostra. (Figuras [F11]) Isso faz parte tanto

da identidade do *maluco de estrada*, uma vez que as pessoas os reconhecem como *hippies* através do artesanato, como porque há possibilidade de vender os trabalhos em qualquer ocasião, como por exemplo, em restaurantes, bares, festas, em trajetos nos transportes públicos dentro da cidade ou ainda em viagens intermunicipais, dentro do ônibus.

Para o *maluco* F.,

os trabalhos artesanais vão ser ao mesmo tempo o sustento e uma das formas de expressar a identidade do *maluco*. Quando você chega num lugar você é mais ou menos reconhecido por ter aquele tipo de artesanato, algumas vezes, mesmo sendo um pouco simplista, pela aparência, pelo cabelo, pelas roupas.

(Entrevistado F., em 01 de novembro de 2018).

Os membros do grupo adotam uma aparência semelhante e identitária, como o uso de cabelos *dreadlocks*¹⁰, tatuagens, saias longas para as mulheres e vestimentas simples, seguindo a ideia da estética *hippie*, por uma aversão à cultura da imagem e ao julgamento do caráter pela aparência, por vezes também para assumir a postura, o comportamento e a imagem de choque. (Figuras [F12] e [F13])

Nesse sentido, as drogas também fazem parte da criação dessa imagem, quando, de forma explícita, se assumem “drogados” e “loucos”. São consumidas tanto as drogas lícitas como bebidas alcoólicas, cigarro e remédios com efeitos alucinógenos, tranquilizantes ou estimulantes, quanto as ilícitas, entre elas maconha, cocaína, LSD e *crack*.

Na construção da identidade do *maluco de estrada*, o fato de muitos não possuírem documentos civis e não terem nenhum registro de domicílio fixo é entendido pelo grupo como um aspecto da liberdade trazida por esse modo de vida, quando podem se eximir dos deveres e obrigações civis e judiciais. Nas palavras de N., “essa facilidade do ir e vir, de não ter documento, de não dever nada pra ninguém (...) você faz o

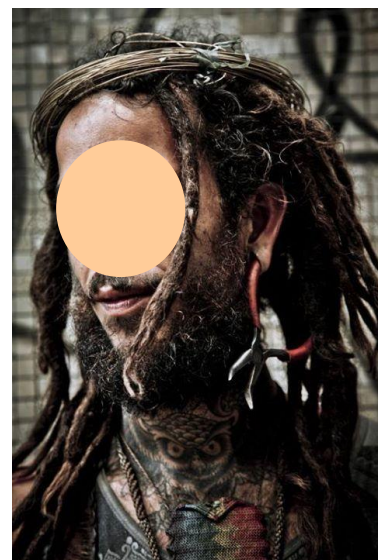


Figura [F12] ↑

Figura [F13] ↓

Malucos de estrada e a estética

Fonte: LAGE (2018)



¹⁰ estilo de penteado na forma de mechas emaranhadas.

que quiser e não tem consequência praticamente” (Entrevistado N., em 01 de novembro de 2018).

A vida nômade também determina o tipo de artesanato produzido pelo *maluco de estrada*. Primeiramente, o saber fazer e as técnicas são aprendidas através da oralidade, em alguma *Pedra de Maluco*, com algum *maluco* que deseja ensinar um ponto de macramê¹¹ ou como manusear o alicate e o arame, assim como as viagens servirão de expansão desse conhecimento técnico.

Outro ponto importante é que o artesanato é feito com os elementos da natureza dos diferentes biomas brasileiros: minerais, animais e plantas. Trabalham com diversos tipos de pedras semipreciosas, suas energias e seus significados e com a diversidade da fauna e flora brasileira - peles, dentes, ossos e penas de bichos selvagens e sementes, fibras e cocos de árvores nativas. Junto com isso utilizam as técnicas de dar nós em linhas, o macramê, ou trabalham com metais como aço, cobre e alpaca, fazendo correntes e malhas ou ainda durepoxi¹² para criar esculturas. (Figuras [F14] e [F15])



↑ Figura [F14]

← Figura [F15]

Malucos de estrada e as técnicas de trabalho – malha em arame e macramê

Fonte: LAGE (2018)

As matérias-primas inicialmente são procuradas na natureza, ou seja, tudo o que podem usar para os seus trabalhos artesanais, para posteriormente, comercializá-los. Isso significa dizer que os *malucos de estrada* não viajam por

¹¹ técnica de tecelagem manual, que não utiliza nenhuma máquina ou ferramenta, apenas as mãos e fios, linhas ou cordões que são trançados e atados com nós.

¹² tipo de massa modelável em epóxi.

turismo, mas fazem isso também no propósito de recolher diferentes matérias-primas, próprias de cada região da América Latina e, a partir da experiência de outras realidades, conhecendo outros *malucos*, se colocam no desafio de criarem novas técnicas, novas improvisações, novos conhecimentos sobre o trabalho e as diversas situações que surjam na vida da estrada.

O *pano de chão* e o *painel*, superfícies onde expõem as peças de artesanato para comercialização, geralmente apresentam toda essa diversidade da fauna e flora bem como representam a trajetória e os caminhos por onde o *maluco* passou. (Figura [F16]) Em todas essas rotas, procuram viajar para lugares reconhecidos pela disponibilidade de matéria-prima e/ou materiais de trabalho. Costumam ir, por exemplo, até a Amazônia, o Pantanal, o Jalapão, Minas Gerais e São Paulo, em busca de bichos, pedras semipreciosas e capim-dourado.

Figura [F16] ↓
O *pano de chão*, o *painel* e os *canudos*
Fonte: A autora (2018)



Cada região tem sua especificidade e matéria-prima local. As cidades também oferecem *matérias* diversas. Minas Gerais, por exemplo, é um estado bastante recorrente nas viagens dos *malucos* pela oferta de pedras preciosas, nas suas mais diversas formas: bruta, lapidada, cascalho etc. Em Tocantins, produto característico da região do Jalapão é o capim dourado.

No Pantanal e na Amazônia, procura-se por bichos e sementes da fauna e flora da região, como jacaré, arara, onça, mais especificamente, os dentes, as penas e as peles de espécies mortas com os nativos ou com outros *malucos* que já fizeram as conexões com os habitantes da região. Eles compram, ganham, acham na natureza, na beira da estrada ou fazem trocas com os outros *malucos* (ou, na linguagem do grupo, *fazer jogo*).

Os principais produtos que criam são brincos, colares, pulseiras e tornozeleiras de filigrana, couro ou macramê com pedras ou penas, bolsas de couro de bode, onça e/ou cobra, como também acessórios para cigarro ou fumo, como *bong*¹³, *narguilé*¹⁴ e piteira (chamada também de *marica*) ou para itens para decoração, como esculturas, espadas e máscaras. (Figuras [F17], [F18] e [F19])

Os *malucos de estrada* viajam sozinhos, em casais, ou em família (pai e/ou mãe e filhos), traçando seus caminhos por suas próprias escolhas, já que não há líder ou chefe de grupo. Viajam a pé, de carona (de caminhão ou de carro), em ônibus de linha, de bicicleta ou de carro próprio. Possuem amplo conhecimento sobre as estradas brasileiras, federais e estaduais, por suas numerações, direções e os estados que atravessam.

Alguns viajam de carro, os que possuem veículos próprios, geralmente automóveis maiores, tipo sedan, como a Parati ou Palio Weekend ou tipo utilitário, como a Kombi. Assim o preferem para fazer trajetos pessoais, sem seguir as rotas e cidades determinadas pelas empresas de ônibus ou por caminhoneiros, quando pegam carona. Desse modo, podem

Figura [F17] ↓

Pulseiras em macramê

Figura [F18] ↓

Brinco em alpaca

Figura [F19] ↓

Colar em macramê

Fonte: LAGE (2018); A autora (2018).



¹³ e ¹⁴ dispositivos usados para resfriar e filtrar a fumaça do tabaco na água antes de ser aspirada pelo usuário.

viajar para cidades pequenas, bem como fazer seu espaço de descanso e moradia dentro do veículo, como um *motorhome*, além de ter a possibilidade de transportar uma maior quantidade de matéria-prima do que usando apenas a mochila.

(Figura [F20])



← Figura [F20]

Malucos de estrada de carro –
Olinda/PE

Fonte: A autora (2018)

Figura [F21] ↓

Figura [F22] ↓

Malucos de estrada de bicicleta –
BR-153/MS e Natal/RN

Fonte: LAGE (2018); A autora
(2018).

Outros viajam de bicicleta, na qual organizam todos os seus pertences para levarem em bolsas, baldes ou caixas acoplados ao bagageiro e nas laterais dos pneus. Os que assim viajam, costumam fazer seus trajetos de madrugada ou à noite, devido ao sol forte e à movimentação das estradas durante o dia. (Figuras [F21] e [F22])

Quando não possuem carro ou bicicleta, viajam a pé ou de carona. Para viajar de carona, ficam esperando na estrada até que algum motorista pare e então decidam, no momento da carona e dentro da rota inesperada do motorista, em qual cidade vão parar até o destino final dele. Para os *malucos*, é uma economia de dinheiro, por não ter que pagar uma passagem de ônibus entre uma cidade e outra, como também se torna uma oportunidade de conhecer lugares que, às vezes, não esperava ir, já que podem mudar completamente os planos que tinham sobre o destino seguinte de acordo com a carona.



Especialmente para as mulheres, as *malucas*, quando estão sozinhas, essa opção de viagem pode se tornar complicada, porque pode haver propostas de sexo e ameaças de estupro.

Há músicas compostas por Ventania - um *maluco de estrada* - que relatam a realidade de como é estar na estrada, viajando de bicicleta, a pé ou carona, conhecidas por serem cantadas e ensinadas oralmente pelo grupo em diversos momentos de lazer. (**Figuras [F23] e [F24]**)

Tô aqui sentado na beira da estrada fazendo uma fogueirinha, enrolando uma palhinha, escrevendo essas linhas, vendo caminhão passar.

(Símbolo da Paz, Ventania, 2000)

Saí de caminhada pelas estradas, caminhando a pé, pedindo carona, violão na costa, eu vim pra São Tomé.

(Cogumelos Azuis, Ventania, 2000).



↑ **Figura [F23]**

← **Figura [F24]**

Malucos de estrada esperando carona na estrada e descansando da pedalada – BR-153/MS

Fonte: LAGE (2018)

Os movimentos dos *malucos de estrada* pelo Brasil são determinados pelas festividades locais, feriados nacionais, os climas e as estações do ano. No verão, entre os meses de dezembro a fevereiro, período de férias escolares e viagens familiares, o caminho dos artesãos segue o litoral brasileiro e a estrada mais utilizada é a BR-101. As regiões mais percorridas

nessa época são: Nordeste, Sudeste e Sul, por serem regiões costeiras.

No inverno brasileiro, também período de férias, as cidades montanhosas que possuem festividades ou cidades que possuem festas da padroeira nessa estação são as cidades mais procuradas pelo grupo. As estradas mais utilizadas são as que ligam o litoral ao interior dos estados ou que levam às regiões Centro-Oeste e Norte.

Essas são as principais regiões de rotas do grupo nesse período porque compreende a época do turismo no interior e nas cidades que possuem rios e cachoeiras, já que é período de seca dos rios e maior fluxo de turistas que procuram aproveitar os atrativos naturais. Nas regiões litorâneas, há maior incidência de chuvas e, conseqüentemente, maior dificuldade para trabalhar no espaço público.

Na Paraíba acontece o mesmo movimento, uma vez que no verão os *malucos* estão mais concentrados nas cidades do litoral e, principalmente, na capital João Pessoa.

E, no inverno, devido à grande precipitação pluvial, seguem para o interior, nas cidades do Agreste e Sertão onde ocorrem os festejos juninos, ou para o festival Caminhos do Frio, nas cidades da região do Brejo Paraibano. (**Figura [F25]**)

Quando chegam a alguma cidade, os *malucos de estrada* procuram se informar com os habitantes qual é o local onde os *hippies* se reúnem ou se já existe esse local. Caso haja, portanto, vão em busca da *Pedra de Maluco* da cidade. Caso não exista, por exemplo, como ocorre geralmente nas cidades pequenas, vão procurar uma praça, uma feira, um mercado, algum lugar que seja mais comercial ou que atraia mais pessoas para que possam vender os produtos artesanais por eles confeccionados.

Figura [F25] ↓

Percursos dos *malucos de estrada*
na Paraíba

Fonte: GOOGLE, editado pela
autora (2018)



Inicialmente, começam a observar onde são os lugares mais movimentados daquela cidade ou mesmo a perguntar aos moradores onde as pessoas costumam se reunir, passear, onde é a feira, a praça, o centro, a universidade, enfim, procurar por espaços públicos de reunião de pessoas. (Figura [F26])

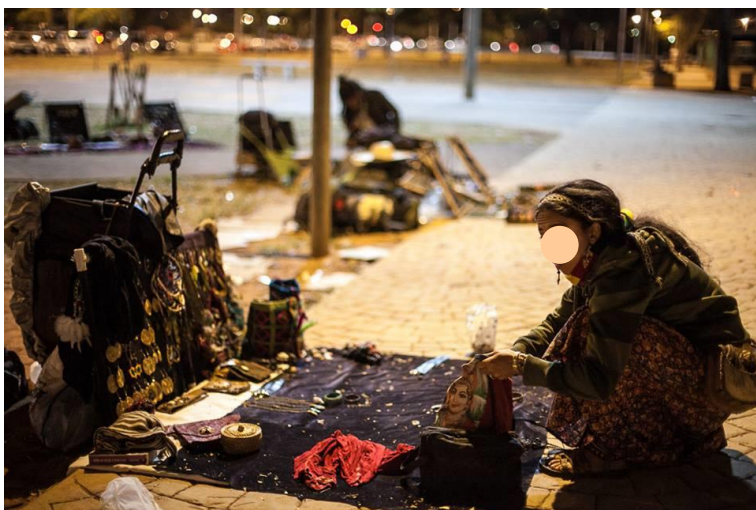
A *Pedra de Maluco* seria a reunião de todos os *malucos* que estão de passagem por aquela cidade que se juntam para expor e habitar determinado espaço público mais favorável à suas atividades. Esses indivíduos mudam constantemente, uma vez que um sai ou outro chega quase semanalmente.

Depois, ao acharem o local mais adequado, vão observar onde se encontra o recanto mais confortável, que ofereça uma área livre no chão para expor o *pano de chão*, que seja de preferência na sombra, como também observar os territórios dos outros comerciantes informais da cidade, sejam feirantes ou ambulantes, como também o território de outros moradores de rua, para que todos estejam devidamente separados. Quando encontram o lugar com mais condicionantes positivos, colocam a mochila, armam o *pano* e começam a vender, chamar as pessoas, oferecer o trabalho e *manguear*. (Figura [F27])

↓ Figura [F26]

Pedra de Maluco na praça de Alagoa Grande - PB

Fonte: A autora (2018)



← Figura [F27]

Maluca de estrada armando o *pano de chão* – Brasília/DF

Fonte: LAGE (2018)

O trabalho de *maluco* então é o *mangueio*: chamar os clientes para o seu *pano*, contar a sua história, oferecer seu

trabalho. Uma vez que a base do comércio do *maluco de estrada* está pautada na troca, eles possuem um vocábulo específico - *mangueio* ou *manguear* – e seu significado seria a arte de convencer, persuadir o cliente à troca, seja ela por um valor estipulado pelo *maluco* quanto como de livre escolha do cliente, podendo receber como pagamento, se de comum acordo, comida, matérias-primas, bebidas alcoólicas, drogas ilícitas etc., não necessariamente por meio de uma venda com dinheiro ou visando lucro.

O *mangueio* também está relacionado a todas as histórias que os *malucos* contam. Em relação ao trabalho artesanal, o *maluco* explica suas referências, os materiais utilizados, o local de coleta dos elementos que o compõem, sobre a viagem que realizou para conseguir aquela *matéria*, etc. Essa conversa com o artesão é outra característica da cultura dos *malucos de estrada*, eles são verdadeiros contadores de histórias e falam de suas viagens, lugares visitados pelo mundo, as relações que estabeleceram com as pessoas, o aprendizado na estrada etc.

Diferentemente de um viajante de turismo ou um antinômade (BARBOSA, 2008), que “apenas viaja”, “vagueia sem objetivo” e procura ter uma maior área de conhecimento da cidade, o *maluco de estrada* permanece quase o dia inteiro na *Pedra de Maluco* e vai abrindo sua área de percurso muito lentamente a cada dia, a partir de trajetos de ida e volta para a *Pedra*, porque “viaja para sobreviver” e “vai de lugar para lugar com razões específicas”. Segundo Deleuze e Guattari (2012, p. 54), “o nômade só vai de um ponto a outro por consequência e necessidade de fato”.

Se ele passa poucos dias em uma cidade, seus trajetos serão menores, pouca espacialização e poucos pontos de conhecimento, apenas os que se encontrarem mais próximos dali ou que, pela necessidade de comprar *matéria* ou procurar um lugar mais vantajoso para vender, se justifique qualquer deslocamento.

Tal como o nômade primitivo que descobre a floresta ou o ambiental natural, o *maluco de estrada* inicia sua descoberta da cidade, como um nômade urbano em busca de alimento e proteção, achando onde pode realizar todas as necessidades que vão surgindo durante o dia na rua – comer, dormir, ir ao banheiro, deitar, sentar, produzir, beber, cozinhar, etc. E, no movimento de ir e voltar para a *Pedra*, sai para explorar onde estão os estabelecimentos ou lugares próximos onde podem realizar tais atividades.

Depois, também procuram os pontos turísticos daquela região, como cachoeiras, rios, trilhas etc., que estejam próximos da cidade, a partir da conversa nos *mangueiros* ou enquanto estabelecem relações com as pessoas pela cidade. Como relata W. e F.,

eu chego numa cidade que eu não conheço, que eu nunca vi, que eu não sei onde a malucada vai expor, aí eu chego e pergunto isso: 'Ei, onde é que os hippies ficam quando eles chegam aqui na cidade?', porque se a gente fala maluco, ninguém vai entender. Aí a galera indica onde é, se é na frente de um banco, se é numa pracinha. Aí você vai conhecer a rotina daquela cidade, onde é melhor pra trabalhar, se aquela cidade é boa, se ela tem um lugar turístico, um rio, sabe, isso é que é massa, a parte mais divertida da história, não é nem vender em si.

Entrevistado W. , em 1 de novembro de 2018.

A minha motivação maior não é nem conhecer os lugares, é pessoas que eu tenho saudade, que eu gosto muito e que estão distantes, aí a aventura ela acontece, mas o motivo principal são as pessoas que eu tenho apreço. E assim eu vivo até hoje, misturando outras coisas, sei lá, desenvolvendo os trabalhos e as relações.

Entrevistado F., em 1 de novembro de 2018.

No cotidiano do *maluco*, outro ponto importante é a percepção da dinâmica, dos horários e dos hábitos de cada cidade por onde passam. Da forma que viajam, não é possível conhecer a cidade em um só dia, ainda que seja pequena. Para eles, é preciso ficar e observar o comportamento dos

habitantes do local. Isso vai ajudar a criar uma forma específica de trabalho, que pode ser totalmente diferente em cada cidade por onde passarem.

Saber quais os horários que as pessoas trabalham e como se estabelece a rotina daquela cidade, o que as pessoas costumam fazer, onde elas gostam de ir, como se dá a movimentação nos espaços públicos, saber se existem programas específicos que só acontecem naquela região, perceber se a cidade tem também uma vida noturna ou somente diurna, se as pessoas frequentam os espaços públicos durante toda a semana ou só no final de semana, quem são os principais clientes e o que eles gostam de comprar, qual o melhor período do mês para vender naquela cidade. Estes são alguns dos condicionantes que surgem na observação do *maluco* quando chega a uma cidade.

O cotidiano do *maluco de estrada* nada tem a ver com horários fixos ou o estabelecimento de uma rotina. Os *malucos* trabalham especificamente de acordo com cada cidade que passam. A cidade pode ser diurna ou noturna ou funcionar 24h, como no caso das grandes cidades. Às vezes, o movimento é diário, às vezes, é só no final de semana. Então, é preciso primeiramente fazer a observação para melhor trabalhar em cada local que chegarem.

Por isso, o *maluco* costuma demorar em cada lugar que vai, porque só depois de alguns dias é que se entende como é o funcionamento específico daquela cidade ou para que as pessoas percebam a presença dos *hippies* e comecem a ir até a *Pedra* para comprar. Leva um tempo até que os clientes comecem a chegar próximo aos *malucos* ou, por exemplo, que os jovens consigam dinheiro com os pais para comprar artesanato, que os adultos recebam o seu salário do mês e façam suas encomendas ou até mesmo que algumas relações de amizade se estabeleçam para que o *maluco* consiga vender ou se manter confortavelmente em determinado lugar.

Pouco a pouco, o *maluco* vai conhecendo cada comércio daquela região ou bairro onde está instalada a *Pedra*, estabelecendo relações de confiança com outros comerciantes e elegendo aqueles pontos comerciais mais amigáveis, os mais baratos, os que os aceitam, como também convivendo com os habitantes da cidade, de forma que seja possível a continuidade da sua permanência.

Os *malucos* prezam por seu espaço de trabalho e não aceitam se misturar a fim de não se confundirem com pedintes. É possível perceber os diferentes grupos que habitam ou trabalham na rua e torna-se fundamental a percepção e a diferenciação dos outros territórios dos *favozeiros*, *flanelinhas*, prostitutas, *malucos de estrada*, ambulantes. O estereótipo, o vocabulário, a forma de se comportar difere de cada grupo, ainda que exista certo respeito comum entre todos, por se reconhecerem na mesma situação.

Até mesmo entre os *malucos* existe uma diferenciação: o *maluco*, o *pardal*, o *micróbio*. O *pardal* quer dizer que é um artesão que não viaja, que trabalha com artesanato, mas mora na mesma cidade a vida inteira, indo e vindo da sua casa para a *Pedra* para trabalhar, não tendo coragem de se colocar nos desafios da vida nômade.

Já os *micróbios* são os artesãos que não possuem muitas peças para vender, não carregam quase nada na mochila, fazem basicamente todas as peças que vendem na base do improviso. De fato, o *micróbio* não possui *matéria*, carrega apenas uma pequena mochila, um painel e/ou um canudo, só possuem a roupa do corpo, um alicate e um pedaço de arame, representando o limite máximo da simplicidade, por escolha de não possuir realmente nada ou às vezes chegam à mendicância, o que é condenado pelo grupo.

Os *malucos de estrada* também rejeitam a permanência de *favozeiros* na *Pedra* e a atitude mais recorrente é de expulsá-los, antes mesmo que eles comecem a interagir. Geralmente os *malucos* que são usuários de *crack* começam a se relacionar

com os *favozeiros* e trazê-los para a *Pedra*, com o objetivo de dividir as pedras de *crack*.

O primeiro motivo é que, entre os *favozeiros*, pode haver delinquentes e essa interação pode trazer problemas para o grupo. Tanto por atrair a polícia para a *Pedra*, como também porque, ainda que haja certo respeito entre os moradores de rua, muitos *malucos* já foram furtados por *favozeiros* durante o dia ou enquanto dormiam. Depois, porque, permanecendo ali, os *favozeiros* começam a pedir dinheiro no espaço de trabalho dos *malucos*, afastando os clientes.

Para as mulheres *malucas*, existem algumas regras na convivência da *Pedra de Maluco*. Elas devem permanecer mais afastadas dos homens do grupo, como quando estão trabalhando, quando trocam ensinamentos sobre técnicas de artesanato, quando vão usar drogas; nesses casos as mulheres fazem rodas separadas dos homens. É restrita a convivência entre homens e mulheres, assim como é estranho para o grupo quando alguma mulher está no meio dos homens. (Figura [F28])



← Figura [F28]
Roda de *malucas de estrada* –
Brasília/DF
Fonte: LAGE (2018)

As *malucas* são obrigadas a usar saia longa ou vestido longo ou calça comprida tanto pela cobrança dos homens, os maridos, quanto pela cobrança das outras mulheres, que alegam que a roupa, quando curta, é provocativa e desperta o desejo sexual dos outros homens do grupo e dos clientes – já

que é preciso deixar claro que ali não é o território das prostitutas. Evitam confundir-se com prostitutas, não só pela questão moral, mas também para se diferenciarem dentro dos grupos que vivem na rua. (**Figura [F29]**)

Essa regra das roupas longas também provém da sensação de privacidade no espaço público. Por ser um modo de vida em que o sujeito está numa situação de exposição constante e de convivência íntima com os outros membros, no caso da mulher, a saia longa traz sensação de conforto por preservar a exposição do corpo quando se realiza certos movimentos de abaixar, levantar e deitar no chão, por exemplo. Por baixo da saia longa e da blusa, usam short e top para que, quando precisarem tirar a saia e a blusa na rua, como quando o fazem para tomar banho de rio, de mar ou mesmo na *Pedra*, estejam protegidas com outra roupa.

As roupas abrem possibilidades de resolução de problemas, já que, como não há sempre disponibilidade de banheiro para trocar a roupa, vestem-se com várias peças que podem tirar e colocar sem que precisem procurar algum lugar para se reservar, como também pode se relacionar à extensão da casa, no sentido de proteção, como único abrigo para se proteger das intempéries e das pessoas.

Algumas dificuldades percebidas nesse modo de vida estão relacionadas à disponibilidade de água no espaço público, como banheiros, chuveiros e lavanderias, onde possam satisfazer às necessidades fisiológicas, tomar banho, lavar roupa ou mesmo atividades simples como lavar as mãos ou escovar os dentes. Assim, por ser uma situação de constante exposição, certas vezes, os momentos de intimidade também ficam expostos, como há relatos de *malucos* de tomarem banho e lavarem roupa na torneira da praça e estendê-las sobre o mobiliário urbano.

Já tomei banho até em praça, (...) tá um calor e não tem chuveiro, não tem rio, não tem

↓ **Figura [F29]**

Maluca de estrada e a indumentária

Fonte: LAGE (2018)



rodoviária, não tem posto, tem nada, mas tem uma torneira na praça, oxe, bota um short, um topzinho e toma banho na praça mesmo, com o povo passando, nem aí. Risos.

A pior parte é pra lavar roupa, essa é a pior parte, porque você consegue lavar em qualquer lugar, mas pra secar é horrível, porque onde você vai fazer um varal? Aí você chega na praça, bota as roupas, aí fica aquela coisa horrível, né, visualmente falando, a galera não gosta, nossa, é ruim demais. Perdi muitas roupas já mofadas, porque não tinha onde lavar.

Entrevistado W. , em 1 de novembro de 2018.

Outra dificuldade está no acesso à energia elétrica, quando necessitam carregar o celular ou ligar algum aparelho eletrônico, caso possuam. Algumas cidades oferecem tomadas elétricas nos seus espaços públicos, mas a solução mais comum é solicitar em algum estabelecimento privado a utilização do uso de uma tomada elétrica por um determinado espaço de tempo.

No capítulo seguinte, daremos mais ênfase ao aspecto da relação espacial entre o *maluco de estrada* e o território da *Pedra de Maluco*, tanto como uma apropriação enquanto morador de rua, quanto como uma construção de um habitat nômade, enquanto praticante do nomadismo, tal como é o seu modo de vida, a partir da observação da *Pedra de Maluco* de Tambaú, em João Pessoa.

CAPÍTULO 02

A PEDRA DE MALUCO DE JOÃO PESSOA: O TERRITÓRIO DOS MALUCOS DE ESTRADA

Para analisar a *Pedra de Maluco* enquanto território do *maluco de estrada*, é preciso compreender o habitat para além da materialidade do ambiente construído e investigá-lo sob uma dimensão subjetiva, buscando uma concepção que não dependa da ideia de casa ou de abrigo, mas considerando um processo de apropriação em torno da construção do espaço vivido.

2.1. A *Pedra de Maluco*: a formação de um território

A princípio se fará uma caracterização da *Pedra de Maluco*, pensando esse espaço enquanto território (SOUZA, 2013; HAESBAERT, 2014). Posteriormente, traz-se para a discussão a *Pedra de Maluco* de João Pessoa, objeto espacial de análise desta pesquisa.

Como vimos no Capítulo 01, As *Pedras de Maluco* se formam em locais de maior movimentação de pessoas a pé na cidade – em virtude de grandes equipamentos públicos e privados ou setores mais comerciais ou turísticos, com fluxo de pessoas que vão consumir. Portanto, praças, mercados, rodoviárias, estações, orlas marítimas e fluviais, parques, universidades, *shoppings centers*, calçadões, centros e ruas comerciais, largos, atrativos naturais – cachoeiras, rios e praias, e, eventualmente, festas e shows musicais. (Figuras [F30] e [F31])

A formação da *Pedra* nasce, de fato, com a exposição do trabalho e com a colocação dos *panos de chão* de cada *maluco* e seus artesanatos. Na *Pedra*, os *malucos* se organizam geralmente a partir da colocação do *pano de chão* em fila, onde cada *maluco de estrada* é responsável por seu *pano de chão* e do espaço na frente dele.



← Figura [F30]

↓ Figura [F31]

Pedras de Maluco na Praça Sete de Setembro, em Belo Horizonte/MG e na Praça de Boa Viagem, em Recife/PE

Fonte: LAGE (2018); A autora (2018)

Se ao longo do dia não surge nenhuma contrariedade com os habitantes, a polícia ou a secretaria de urbanismo da cidade para expor naquele local, permanecem ali e dali vão em busca do que precisam. Saem em busca de alimento, de bebidas, de banheiro e vão descobrindo aquela cidade aos poucos, procurando lugares mais baratos e mais próximos da *Pedra*.

Ao redor da área de exposição, começam a ocupar os bancos e a colocar caixas de papelões, quando não o fazem com seus próprios cobertores, a fim de montar um espaço próprio de sentar, deitar ou trabalhar para ficarem durante o dia enquanto esperam os clientes, o qual chamam de *comarca*, na linguagem do grupo. (Figura [F32])



← Figura [F32]

Maluco de estrada na comarca de papelão – Belo Horizonte/MG

Fonte: LAGE (2018)



Às vezes também usam papelão para colocar sob o *pano de chão*, quando o piso é irregular ou simplesmente para delimitar seu espaço de trabalho durante o dia. Se não é necessário durante o dia, no fim da tarde ou à noite, é imprescindível que procurem por caixas a fim de montar seu espaço de dormir e isolar o corpo do frio do chão. Geralmente esse é o horário mais fácil de encontrar caixas, porque as lojas costumam colocar no lixo todas as embalagens de seus produtos no final do expediente. (Figura [F33])



← Figura [F33]

Malucas de estrada recolhendo papelão – Brasília/DF

Fonte: LAGE (2018)

Quando vão dormir, desarmam os *panos*, guardam na mochila e, quando não armam as barracas e papelões na própria *Pedra*, vão procurar lugares próximos cobertos. Procuram lugares cobertos, marquises, coretos, quiosques, bares fechados, que chamam de *mocó*, localizados de preferência próximos da *Pedra* - já que irão voltar para expor no mesmo local no dia seguinte, e longe de outros moradores de rua, os *favoeiros*. Procuram dormir todos os *malucos* juntos, de modo a protegerem um ao outro durante a noite. (Figura [F34])

Em outra música de Ventania, ele versa sobre os elementos mais comuns do momento de dormir para o *maluco*

de estrada, como caixa de papelão, *mocó*, casa abandonada, no trecho,

cama de *micróbio* é caixa de papelão, cama de *playboy* é de almofada e algodão, agora pega tua caixa e vamos lá pro *mocó*, tu fica de quebrada numa casa abandonada, *micróbio* não tem medo de nada

(Micróbio, Ventania, 2000, grifo nosso)



← Figura [F34]

Malucos de estrada dormindo com papelões e cobertores – Alagoa Grande/PB

Fonte: A autora (2018)

Os *malucos* dormem sobre papelões e geralmente carregam na mochila pelo menos um cobertor e um casaco para usarem durante a noite. Alguns utilizam barraca, para garantir a privacidade do casal ou da família - quando tem filhos, para que as crianças fiquem mais protegidas e menos expostas ao frio e a quem quer que por ali passe, tal como declarado por W. e N. que têm filhos,

sobre dormir, mudou depois que eu tive a minha filha. Mas antes de eu ter ela, a gente só pegava um papelão, botava no chão e procurava alguma coisa coberta, uma varanda de algum bar fechado. Normalmente, se a gente tiver viajando com outras famílias, a gente sempre dorme junto, sempre é de lei, nunca dorme em lugares separados, sempre a gente dorme junto para melhorar a segurança. Mas depois que eu tive A., eu continuei dormindo na rua, mas eu dormia de barraca para ninguém ver ela.

Entrevistado W. , em 1 de novembro de 2018.

Antes de eu ter as meninas, era tudo mais simples para se resolver. Eu viajava, não tem muito horário, a gente está no *mangueio*,

dorme de *mocó*, não tem muita preocupação, fica na casa da galera, acampa, quando não rola dinheiro, *mangueia* rango, essas coisas. Aí depois que eu tive as meninas eu mudei bastante, já não ficava mais de *mocó*, eu procurava dormir de hotel, foram poucas vezes que eu dormi de *mocó* com as meninas.

Entrevistado N., em 1 de novembro de 2018.

Em cidades consideradas mais violentas ou quando, numa percepção subjetiva, se sente que não vai ser seguro dormir na rua naquela cidade, é preciso procurar um hotel ou uma pousada de baixo custo para passar a noite. Raramente, mas também acontece, algum morador da cidade convida-os para a sua casa, oferece abrigo, comida e banho, mesmo sem os conhecerem.

Caso algum *maluco de estrada* tenha casa naquela cidade, ele vai convidar os outros *malucos* da *Pedra* para dormir todos na sua casa e essa situação é contada por F. e N., nos trechos abaixo.

como tem essa característica nômade, tem uma facilidade, por exemplo, de um *maluco* não conhecer o outro, mas conhecendo ali um dia, dois dias, convidar para ter um apoio na sua casa, isso é muito comum. Isso não é comum na sociedade de um modo geral.

Entrevistado F., em 1 de novembro de 2018.

(Depois que eu tive as meninas), muito mais gente acaba chamando pra ficar na casa, embora eu não gostasse muito, eu ia mais na casa de amigos mesmo e não ficava muito tempo, porque eu nunca gostei disso, então eu nunca fiquei muito na casa dos outros.

Entrevistado N., em 1 de novembro de 2018.

A partir do estabelecimento da *Pedra de Maluco*, os *malucos de estrada* criam um território (SOUZA, 2013; HAESBAERT, 2014) no espaço público, tanto por serem moradores de rua, de acordo com Vieira *et al.* (1992), ou mesmo como nômades, segundo Deleuze e Guattari (2012).

Vieira *et al.* (1992, p. 109, grifo nosso) declaram que, “o mapeamento dos recursos utilizados pela *população de rua*

e dos pontos de pernoite evidencia uma circunscrição geográfica, ou seja, sugere a existência de um *espaço sócio-geográfico delimitado*”, assim como Deleuze e Guattari afirmam que “o nômade tem *território*” (2012, p.53, grifo nosso) e “o nômade se distribui num espaço liso, ele *ocupa, habita*, mantém esse espaço, e aí reside seu *princípio territorial*” (*ibid.*, p.55, grifo nosso). (Figuras [F35] e [F36])



← Figura [F35]

← Figura [F36]

Malucos de estrada e o território da Pedra de Maluco – Brasília/DF

Fonte: LAGE (2018)



Para Vieira *et al.* (1992, p. 109),

A predominância do comércio (...) representa a possibilidade de alternativas, trazidas pela aluência e circulação intensa de pessoas, criando inúmeras possibilidades de obtenção de algum ganho. A apropriação de determinados lugares se faz em função de um conjunto de fatores que vão desde a permissão social para ocupação, menor pressão do poder público e dos munícipes, até as possibilidades de sobrevivência oferecidas pela região.

Neste trabalho, utiliza-se o conceito de território, amplamente utilizado na Geografia assim como na Ciência Política e na Antropologia, a partir de uma perspectiva mais política, que prioriza as relações de poder, dos conceitos elaborados por Marcelo Lopes de Souza (2013) e Rogério Haesbaert (2008; 2014).

Souza (2013, p.78), numa “primeira aproximação”, termos do autor, conceitua que território “é fundamentalmente, um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder”, de acordo com Michel Foucault que entende poder como inerente a toda relação social. Portanto, no território, há de se buscar o componente de *consentimento* no controle sobre um espaço - quem domina, governa ou influencia quem, e como, não se referindo somente ao poder político ou ao governo estatal.

O autor não negligencia o espaço, porém ressalta que não se justifica confundi-lo com substrato espacial material, numa abordagem excessivamente ampla quando “território” é usado como sinônimo de “espaço geográfico”, delimitado com base em fronteiras e limites políticos ou como um pedaço qualquer da superfície terrestre.

Para Souza (2013), ainda que seus limites espaciais, às vezes vagos, sejam mais ou menos perceptíveis, a influência implícita ou o poder explícito são sempre exercidos sobre um grupo social em conexão com um espaço. O poder só se exerce com referência a um território e, muito frequentemente, por meio do território.

É preciso destacar, então, que os territórios não são matéria tangível, palpável, mas sim “campos de força”, que só existem como projeções espacializadas das relações sociais, enquanto estas durarem. Souza (2013) trata-os, portanto, sob um ponto de vista de um substrato mais referencial que concreto, longe da ideia de “coisificação” do território.

Importa saber, realmente, que

na qualidade de projeção espacial de relações de poder, os recortes territoriais, as fronteiras e os limites podem todos mudar, sem que necessariamente o substrato material que serve de suporte e referência material para as práticas espaciais mudem. (SOUZA, 2013, p.90)

Assim, em uma “segunda aproximação”, com o intuito de complementar ou abranger o aspecto espacial implícito na primeira, Souza (*op. cit.*, p. 96) esclarece que, uma vez que territórios são “antes relações sociais projetadas no espaço que espaços concretos”, por definição, seriam “relações de poder espacialmente delimitadas e operando, destarte, sobre um substrato referencial”.

O autor também considera que, ainda que a definição de território seja o poder e, sobretudo, a dimensão política das relações sociais, a cultura e o simbolismo estão igualmente contemplados no conceito, já que as motivações para conquistar ou defender um território podem ser, por exemplo, de cunho cultural ou econômico. Souza diz:

O desejo ou a cobiça com relação ao espaço podem ter relação com os recursos naturais da área em questão; podem ter a ver com o que se produz ou quem produz no espaço considerado; (...) e podem se vincular, também, às ligações afetivas e de identidade entre um grupo social e seu espaço. (*op. cit*, p.88)

Os *malucos de estrada* procuram se instalar em espaços públicos com maior movimentação de pessoas na cidade, de modo a oferecer mais recursos para a sobrevivência do grupo, assim como observam o local mais adequado longe dos territórios de outros grupos de rua, assegurando certa distância para que o controle sobre aquela área esteja garantido.

A *Pedra de Maluco* se constitui como um território conformado a partir das relações de poder estabelecidas com outros grupos da rua, com os comerciantes e os moradores da cidade, além dos órgãos municipais de urbanismo e a polícia,

para que seja possível a instalação, a permanência e a perpetuação do espaço de trabalho, de habitat e do grupo propriamente dito naquele espaço público.

Para desvencilhar-se da representação do território como uma “coisa”, Souza (2013) considera que estes podem ser até mesmo de efêmera duração, denominados de territórios cíclicos (SOUZA, 2013), como, por exemplo, uma praça que, de dia, é frequentada por crianças para brincar e, à noite, é ocupada por prostitutas à espera de clientes.

Entretanto, para definir a *Pedra de Maluco*, outro termo parece mais apropriado em Souza (2013), já que a *Pedra de Maluco* de João Pessoa localiza-se em um pequeno trecho da Orla de Tambaú, onde existem outras tantas apropriações.

O autor utiliza o termo *nanoterritório*, quando trata de uma prática social que ocorre em uma escala geográfica reduzida, no sentido de que as “fronteiras” englobam, por exemplo, uma rua ou um trecho de rua, um prédio ocupado etc. Para o autor, “essa escala é a escala, por excelência, dos oprimidos e de suas táticas, com suas resistências quotidianas inscritas no espaço ou expressas espacialmente”. (SOUZA, *op. cit.*, p.105)

Assim como Souza (2013), o foco adotado por Haesbaert (2014) também diz respeito às relações de poder que constituem os territórios, devendo ser distinguidos através dos sujeitos que efetivamente exercem poder, os que de fato controlam esses espaços e consequentemente os processos sociais que o compõe.

O autor afirma que o poder relaciona-se tanto ao sentido mais explícito de dominação, quanto no sentido mais implícito ou simbólico, de apropriação, nos termos lefebvreanos. Lefebvre (2006) distingue apropriação como sendo um processo mais simbólico, carregado de marcas do vivido e do valor de uso, enquanto dominação, mais concreta e funcional, estaria relacionada ao valor de troca. (HAESBAERT, 2014)

Como fala o *maluco* F.,

você tem o seu trabalho, você coloca ali numa calçada, num banco, qualquer lugar, e aquela área, ela, naquele momento, é sua. Então ninguém pode mexer, ninguém pode vender as coisas do outro naquele espaço que você tá ocupando naquele momento.

(Entrevistado F., em 1 de novembro de 2018).

Ao mesmo tempo, assim como Lefebvre (2006) afirma que a produção do espaço se dá em três dimensões, o vivido, o percebido e o concebido, Haesbaert (2008) considera que os territórios devem ser trabalhados na multiplicidade de suas manifestações, na multiplicidade de poderes, através dos múltiplos sujeitos envolvidos, tanto no sentido das lutas hegemônicas quanto das lutas de resistência.

Ao admitir diferentes percepções de domínio, Haesbaert propõe que

o território pode ser concebido a partir da imbricação de múltiplas relações de poder, do poder mais material das relações econômico-políticas ao poder mais simbólico das relações de ordem mais estritamente cultural. (2008, p. 27)

No caso da *Pedra de Maluco*, que está sempre inserida no espaço público, é um território que engloba tanto as relações de poder estabelecidas pela apropriação dos *malucos de estrada* quanto às normas e leis do Estado, enquanto estrutura de dominação da Orla de Tambaú, no caso de João Pessoa.

Retomando a visão de Gomes, “o espaço público é um lugar onde se efetua uma participação ativa sujeita a normas e instituições” (2012, p. 25), “assim, as afinidades particulares, estatutos sociais, identidades grupais ou qualquer outra preferência devem se submeter às regras de coabitação, ou em uma palavra, à civilidade” (*ibid.*, p. 29).

Christian Kasper (2006), em sua tese sobre o Habitar na Rua, concorda com Souza (2013) e Haesbaert (2014), quando entende que território designa uma possessão exclusiva e uma ideia de controle, não necessariamente no sentido de posse, mas de haver um agente exercendo um controle espacial. Para o autor, o processo de habitar não começa com a construção física de abrigos, nem mesmo com a organização espacial das atividades, mas o primeiro ato do homem no espaço é, de fato, a apropriação. (KASPER, 2006)

No sentido proposto por Lefebvre, “habitar, para o indivíduo, o grupo, significa apropriar-se de alguma coisa. Não dele ter a propriedade, mas fazer dele sua obra, colocar nele sua marca, modelá-lo” (1970 *apud* KASPER, 2006, p. 25). A habitação define-se, sobretudo, por ser territorial antes de ser funcional, de modo que as funções exercidas são secundárias ao estabelecimento do território e dos limites territoriais implicitamente compreendidos pelo costume.

Assim, estabelecida a apropriação e o controle do espaço, o processo de habitar envolve uma sequência de atos. O segundo ato refere-se à limpeza do lugar, não só como um movimento de retirar a sujeira, mas como um rito de purificação e parte do processo de tornar o espaço seu. Depois, como terceiro ato, os objetos e comportamentos são situados como forma de estabelecer uma ordem, definindo-se as distâncias e proximidades, umas escolhidas, outras impostas pela configuração do local para que, enfim, no ato último de incorporação, ocorra a síntese corporal e a percepção física dos objetos, numa mobilização dos sentidos do próprio corpo com a cultura material, bem como a domesticação do espaço, do tempo e dos ritmos. (KASPER, 2006)

Entretanto, no caso dos *malucos de estrada*, há que se considerar não somente o fato de serem moradores de rua e de criarem um território no espaço público, é preciso compreender que a *Pedra de Maluco* também representa a natureza nômade de seus membros, a partir de uma

espacialização que mais se aproxima de um vazio do que propriamente um espaço ocupado por objetos.

Na formação do território, o nômade apresenta sua natureza peculiar. Deleuze e Guattari (2012) apresentam, no livro *Mil Platôs*, as características dos nômades e do seu espaço de atuação em contraponto àquelas dos sedentários, apontando analogias antitéticas para descrever essas duas formas distintas de conceber o espaço: o espaço liso dos nômades (comparado a deserto, estepe e mar) ao espaço estriado dos sedentários (relativo à cidade); *nomos* contra *polis*; uma ciência ambulante e uma ciência régia, dois jogos diferentes: o go (jogo chinês) e o xadrez.

Espaço “liso” do go, contra espaço “estriado” do xadrez. *Nomos* do go contra Estado do xadrez, *nomos* contra *polis*. É que o xadrez codifica e descodifica o espaço, enquanto o go procede de modo inteiramente diferente, territorializa-o e o desterritorializa (fazer do fora um território do espaço, consolidado, esse território mediante a construção de um segundo território adjacente, desterritorializar o inimigo através da ruptura interna de seu território, desterritorializar-se a si mesmo renunciando, indo a outra parte...). Uma outra justiça, um outro movimento, um outro espaço-tempo. (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 14)

A diferença do espaço liso e do espaço estriado é definida pelos autores como sendo topológico o espaço liso do nômade, o qual “ocupa-se o espaço sem medi-lo”, e o espaço estriado do sedentário como métrico, em que “mede-se o espaço a fim de ocupá-lo”. (DELEUZE; GUATTARI, *op. cit.*, p.26)

O espaço sedentário é estriado, por muros, cercados e caminhos, enquanto o espaço nômade é liso, marcado apenas por “traços” que se apagam e se deslocam com o trajeto, caracterizando-se como sendo, para Deleuze e Guattari,

um espaço tátil, ou antes “háptico”, e um espaço sonoro, muito mais que visual... A variabilidade, a plurivocidade das direções é um

traço essencial dos espaços lisos, do tipo rizoma, e que modifica sua cartografia. O nômade, o espaço nômade, é localizado, não delimitado. O que é ao mesmo tempo limitado e limitante é o espaço estriado. (2012, p. 57)

Os autores também vão caracterizar os nômades como sendo um tipo de bando ou malta que se desenvolveriam num espaço do tipo rizoma, enquanto o espaço sedentário seria do tipo arborescente, em virtude da disciplina do Estado. O rizoma constitui uma rede, que quebra a ideia de ordem e hierarquia da árvore; não é simétrico, é heterogêneo, visto que as conexões se fazem por acaso, na desordem, enquanto a árvore representa a ordem, por estar fixa em um ponto.

Para Deleuze e Guattari,

As maltas, os bandos, são grupos do tipo rizoma, por oposição ao tipo arborescente que se concentra em órgãos de poder. É por isso que os bandos em geral, mesmo de bandidagem, ou de mundanidade, são metamorfoses de uma máquina de guerra, que difere formalmente de qualquer aparelho de Estado, ou equivalente, o qual, ao contrário, estrutura as sociedades centralizadas. (*op. cit.*, p. 21-22)

Enquanto Deleuze e Guattari (2012) defendem a ideia que o espaço liso e o espaço estriado - o espaço nômade e o espaço sedentário - não são da mesma natureza e sua relação é marcada por uma oposição simples entre os dois tipos de espaço, Francesco Careri (2013) desenvolve um pensamento diferente, apresentando-os em uma ideia de completude.

De fato, aos dois modos de habitar a terra, correspondem duas modalidades de conceber a própria arquitetura: uma como sendo a construção física do espaço e outra entendida como a percepção e a construção simbólica do território. Porém, para Careri (2013), elas não devem estar colocadas em polarização, numa relação “arquitetura ou nomadismo”, mas fazer perceber que o nomadismo sempre

viveu em osmose com a sedentariedade, num equilíbrio de recíprocos intercâmbios.

A ideia de Careri (2013) é desmentir todo o imaginário antiarquitetônico do nomadismo assim como abrir a discussão de que a origem da arquitetura não concerne à construção dos primeiros vilarejos agrícolas, mas existe antes mesmo da construção física do espaço. A sua origem se fez por meio do percurso como necessidade de construção simbólica da paisagem, desde as errâncias intercontinentais dos primeiros homens do paleolítico, muitos milênios antes da construção das cidades.

O autor entende por percurso,

ao mesmo tempo, o ato da travessia (o percurso como ação do caminhar), a linha que atravessa o espaço (o percurso como objeto arquitetônico) e o relato do espaço atravessado (o percurso como estrutura narrativa) (CARERI, 2013, p.31)

O ato de atravessar o espaço, portanto, não seria só realizado com a necessidade de mover-se para encontrar alimento e as informações necessárias para a própria sobrevivência, mas como a primeira ação capaz de modificar esteticamente o espaço e preenchê-lo de significados, antes de ser preenchido por coisas.

O entendimento de Careri (2013) sobre a relação com o espaço por nômades e sedentários não seria de completa oposição, mas de uma mútua relação dentro da cidade atual, já que ela contém em seu interior espaços nômades (vazios) e espaços sedentários (cheios), apenas sendo o espaço sedentário mais denso, mais sólido e, por isso, cheio, ao passo que o nômade é menos denso, mais líquido e, por isso, vazio.

Assim como Deleuze e Guattari (2012), Careri compara o espaço nômade ao deserto e a um imenso mar, “em que é difícil orientar-se” (2013, p.40) e “onde o único rastro reconhecível é o sulco deixado pelo caminhar, um rastro móvel

e evanescente” (*ibid.*, p.42). A cidade nômade, portanto, é o próprio percurso, o sinal mais estável dentro do vazio, e a forma dessa cidade é a linha sinuosa desenhada pelo subseguir-se dos pontos em movimento.

Isso aponta para o fato de que o espaço nômade apresenta uma natureza que só pode ser compreendida se for habitada ou experienciada e que o caminhar ou o nomadismo, mesmo não configurando uma construção física do espaço, implica numa modificação dos seus significados, transformando-os em Lugar.

Deleuze e Guattari identificam que, “para a ciência nômade, a matéria nunca é preparada, portanto homogeneizada, mas é essencialmente portadora de singularidades” (2012, p. 37), assim como Careri afirma que,

enquanto para os sedentários, os espaços nômades são vazios, para os nômades, esses vazios não são tão vazios, mas cheios de rastros invisíveis: toda deformidade é um evento, é um lugar útil para orientar-se e com o qual construir um mapa mental desenhado com pontos (lugares específicos), linhas (percursos) e superfícies (territórios homogêneos) que se transformam no tempo. (2013, p. 42)

Quando então as *Pedras* se fixam e se consolidam nos espaços públicos, todos os hábitos de onde expor, onde comer, onde tomar banho, aonde ir ao banheiro também se consolidam, e assim, se outros *malucos* chegam à cidade, os caminhos já estão trilhados e os hábitos já estão determinados pelos que ali chegaram e fundaram a *Pedra*. O *maluco* que chega vai questionar ao *maluco* que já conhece a cidade sobre os lugares e as dicas de onde pode realizar todas as atividades necessárias da vida de *maluco* – relacionadas à vida íntima e à vida profissional.

Entretanto, numa cidade com uma *Pedra* já formada, quando um *maluco* chega, é necessário certo tempo até que todos que estejam na *Pedra* se conheçam, desenvolvam uma

relação de confiança, que podemos chamar de período de reconhecimento, tanto dos que chegam quanto dos que já estão, a descobrir se estão convivendo realmente entre *malucos*, observando se o *maluco* que chegou tem atitudes que condizem com as regras e a ideologia do grupo.

Parece inevitável que o *maluco de estrada* sempre vá procurar a *Pedra de Maluco*, ainda que haja relatos de trechos de viagem que realizem sozinhos. Primeiro porque, quando se chega à cidade, a *Pedra* é o seu ponto de apoio e acolhimento, lá encontra sua *família*, seus amigos e sua rede de cooperação para uma vida mais confortável na rua. É o lugar onde pode estabelecer suas relações de confiança, por saberem que, naquele espaço, as pessoas compartilham dos mesmos valores. O grupo se reconhece como *família*, estabelecendo uma relação de coletividade extremamente íntima pelo processo de identificação.

Segundo, porque a sua atividade de artesanato não funciona bem quando o *maluco de estrada* está sozinho. Embora eles não estejam presos nem condicionados à existência de uma *Pedra* para venderem seus trabalhos, já que eles podem oferecer seus produtos onde quer que estejam, a *Pedra* se configura como um espaço de manutenção de sua forma de vida e de fonte dos valores próprios do movimento: a vida na *família de maluco* – a *malucada*. (Figuras [F37] e [F38])



← Figura [F37]

Família de maluco - a malucada -
Brasília/DF

Fonte: LAGE (2018)



← Figura [F38]

Família de maluco - a malucada –
João Pessoa/PB

Fonte: A autora (2018)

Por mais que pareça lógico vender sozinho para ganhar mais dinheiro e não ter concorrência, a energia da *Pedra* atrai mais pessoas e mais clientes, muito embora, o *maluco de estrada* não tenha como seu objetivo principal acumular dinheiro. O artesanato é visto como sua forma de subsistência e não como uma fonte de lucro. Por isso, na *Pedra*, os valores pregados se afastam ou procuram se afastar do que é estabelecido pela sociedade capitalista.

Se acontece, por exemplo, de alguém não conseguir vender nada durante o dia, os outros vão *manguear*, comprar ou dividir comida, pagar a passagem de ônibus, bebidas e hotel, caso necessário. Uns ajudam os outros, todos estão preocupados com o bem-estar do outro. E, do contrário, se conseguem vender bem, aproveitam o momento, organizam uma festa, com muita comida, bebida, drogas lícitas e ilícitas, e aproveitam todos juntos, podendo até mesmo gastar tudo que ganharam naquele dia, sem pensar em guardar dinheiro para o próximo dia.

F., W. e N., nas suas falas, mencionam a cooperação e a participação coletiva nas atividades da *Pedra* como parte das regras ou da consciência coletiva do grupo, podendo destacar-se os vocábulos *família* e *irmão* como definição para a relação entre seus membros, na linguagem própria. (Figura [F39])

(Maluco de estrada) também envolve a relação de uns com os outros, como uma suposta

família, quer dizer, como na verdade um grupo isolado que se identifica, de uma certa forma se cuida, mas também se cobra diante de determinadas regras que são colocadas de uma maneira subjetiva, mas que elas existem ali no meio, e são vividas.

(Entrevistado F., em 1 de novembro de 2018, grifo nosso)

é mais o lance do comportamento, do jeito de agir em relação às coisas, as regras que a gente segue. É o jeito como a gente se conecta e como a gente se relaciona entre si, como lida isso como uma *família* (...) A gente define outra pessoa como maluco e respeita ela, de acordo com as atitudes dela em relação à gente numa pedra, porque a pessoa pode estar com o visual inteiro de maluco, aquela aparência toda, com os tramos, mas não ter as atitudes que a gente espera que um maluco tenha, de dividir as coisas, de trocar ideia, de viajar, principalmente, que é um dos principais requisitos

vamos citar um exemplo, vamos fazer uma comida, que a gente sempre faz junto, (...) aí na hora de fazer a comida, tanto todo mundo vai participar financeiramente, para comprar essa comida, mas se um ou outro não tiver, não tem problema, todo mundo também vai participar fazendo essa comida, tipo um vai descascando, o outro vai cortando, entendeu? Essas são as coisas de participar, são atitudes que a gente espera que um maluco tenha. Ou (...) está lá todo mundo numa festa, (...) tá bom para um, tá vendendo, porque tem um pano mais massa ou deu astral de vender, mas outra família não tá. Aí você conscientemente já ajuda essa pessoa, já divide. Você não vai tá lá com dinheiro no bolso e você tá vendo que a pessoa não tem, aí você divide, compra um marmiteix e chama ela pra comer com você. A gente tem isso de não comer sozinho, de não beber sozinho, de oferecer tudo que você comprar para compartilhar com os *irmãos*.

(Entrevistado W. , em 01 de novembro de 2018, grifo nosso).

Eu acredito que, dentro disso tudo, a ideologia seria realmente esse amor ao próximo, da gente ajudar uns aos outros e de a gente ser uma grande *família*, porque pra se ajudar, porque um dia você vai ter, outro dia você não vai ter, e quando você não tiver, aquele seu *irmão* vai poder te ajudar.

(Entrevistado N., em 01 de novembro de 2018, grifo nosso)



← Figura [F39]

Malucos de estrada dividindo as tarefas no preparo da comida – João Pessoa/PB

Fonte: A autora (2018)

A *Pedra* é o lugar onde deve reinar a propagação das ideias de liberdade, de ter uma vida livre, sem consumismo nem acumulação, vivendo apenas o presente, na felicidade coletiva, de ajuda mútua. Os *malucos de estrada* têm afinidade com a imprevisibilidade no cotidiano, e mostram-se bem adaptáveis em saber que podem ganhar muito dinheiro em um dia e no outro não ganhar nada, muito embora seja pela ideia da ajuda do outro e do ambiente solidário da *Pedra de Maluco*.

Pelos discursos, porém, podemos observar que a solidariedade está mais para uma regra ou uma obrigação para pertencer ao grupo, que pode ser posteriormente cobrada, do que somente por uma ideologia do grupo, já que F. declara,

se um maluco está fazendo a comida, naturalmente outro tem que ajudar de alguma forma e outro tem que fazer outra coisa. É uma coisa que é um efeito dominó, se está em grupo, na verdade isso deveria ser em todo grupo. Mas se uma pessoa não entende e não age de acordo nesse sentido, então ela vai ser de alguma forma julgada, de uma certa forma preterida, excluída do grupo por não está compartilhando aquele momento, aquele encontro com as pessoas.

(Entrevistado F., em 01 de novembro de 2018).

Na convivência diária, é perceptível uma atitude comum entre os membros: sempre oferecer para todos do grupo o usufruto de tudo que compram ou recebem como doação ao longo do dia. Entretanto, se os *malucos* percebem que uma pessoa está vendendo bastante e que não está cooperando com bebida e comida para todos ao longo do dia, esse *maluco* vai ser cobrado pelo grupo.

Para eles, o *maluco* não pode aproveitar do astral e da energia, que quer dizer, a imagem e a cultura do grupo, para estar ali somente como um comerciante. Se a pessoa deseja somente vender e lucrar e não investe no bem-estar de todos nem acredita na dinâmica de doar e receber, deve estar longe do grupo e daquele espaço da *Pedra*. Isso pode gerar discussões e brigas com o membro “infrator”.

Nesse sentido, percebe-se que a *Pedra de Maluco* não está investida somente de condicionantes materiais, mas de valores simbólicos e afetivos, por representar a ideia da *família* – a *malucada*, assim como o aprendizado da cultura, do trabalho e da vida em comunidade, em um processo de identificação e pertencimento. Os *malucos de estrada* criam um vínculo afetivo com aquele espaço, que adquire também a função de construção da sua própria identidade e dos seus valores.

Assim, podemos qualificar que, além de ser um território, ou mais especificamente um *nanoterritório*, a *Pedra de Maluco* também pode ser considerada como um Lugar, nos termos da Geografia, no sentido da construção de vínculos mais subjetivos na relação dos homens com seu espaço, o que implicaria em processos de identificação e relações de identidade.

Na Geografia anglo-saxônica, lugar quer dizer uma “localização significativa”, muito mais do que simples local ou localização, o que compreende uma dimensão subjetiva de um determinado sentimento ou “sentido de lugar”, que para Haesbaert quer dizer a construção de uma identidade do espaço, uma vez que “no lugar estamos ‘mergulhados’ em

todos os sentidos da nossa experiência, do ‘vivido’” e, portanto, “é um modo de entendimento do mundo”. (HAESBAERT, 2014, p.46)

Para o geógrafo Yi-Fu Tuan (1983 *apud* HAESBAERT, 2014), o “espaço indiferenciado” se transforma em lugar, “à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor”. Ele também enfatiza o caráter de relativa estabilidade do lugar, pois “se pensarmos no espaço como algo que permite movimento, então o lugar é pausa; cada pausa no movimento torna possível que localização se transforme em lugar”. (TUAN, 1983 *apud* HAESBAERT, 2014)

Entre um deslocamento e outro, o *maluco de estrada* faz suas pausas, se apropria de um determinado espaço público pelo processo de territorialização, estabelecendo tempos, ritmos e ordens diversas que se adaptam à realidade de cada cidade, bem como as relações sociais necessárias para estabelecer seu habitat, e assim, a partir da experiência e da relação de afetividade com o espaço, reconhece-o como um Lugar.

Portanto, é somente a partir da vivência cotidiana na *Pedra de Maluco* que se torna possível o entendimento do espaço e do modo de habitar nômade. Para que a organização da *Pedra de Maluco* na cidade de João Pessoa pudesse ser compreendida, utilizamos a metodologia da cartografia social, de Ana Clara Torres Ribeiro (2001-2002; 2012), a fim de representar graficamente a apropriação dos *malucos de estrada* na Orla de Tambaú.

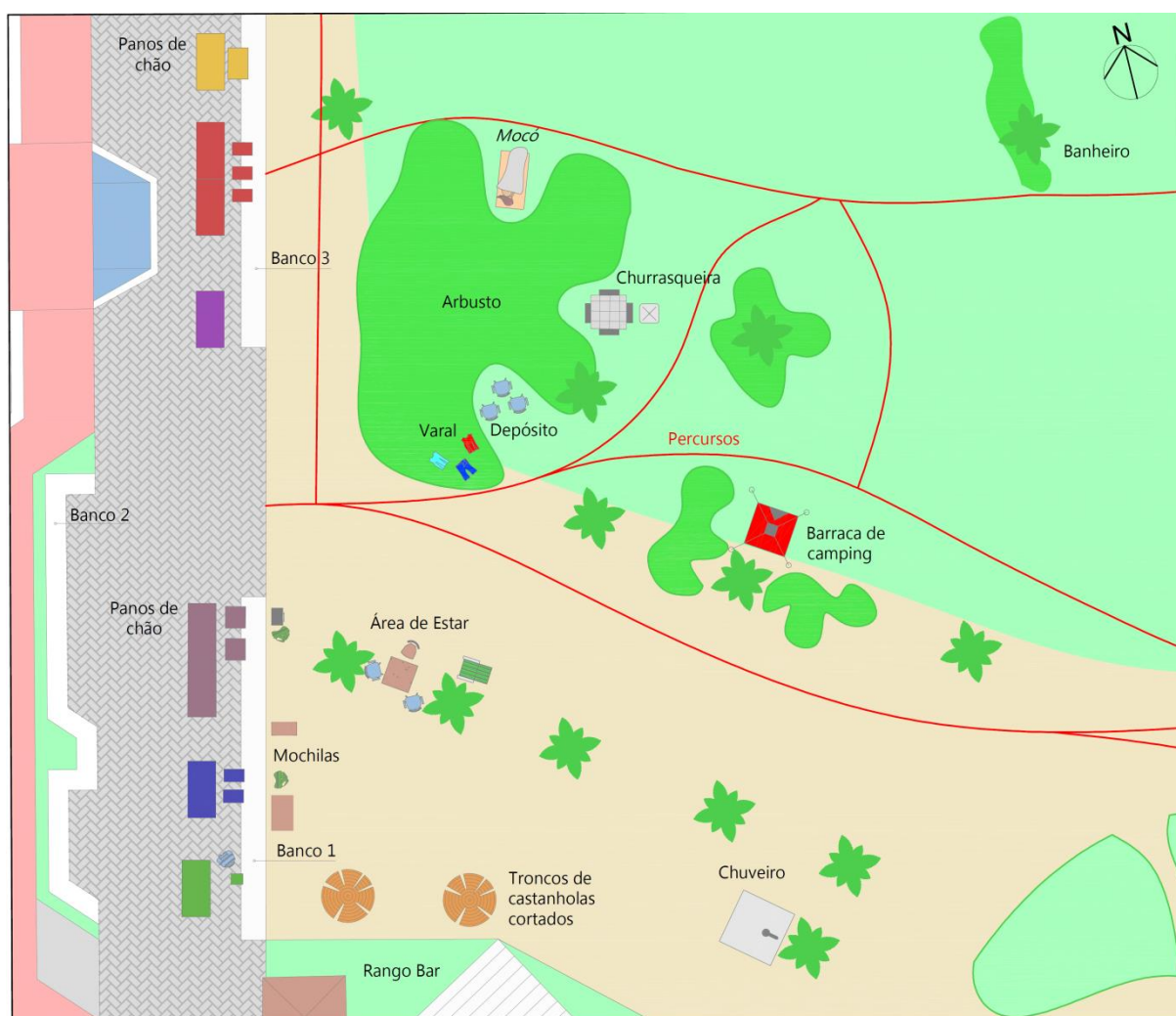
2.2. A Pedra de Maluco de João Pessoa: a apropriação do espaço e a representação do cotidiano

A cartografia proposta por Ribeiro (2001-2002; 2012) representa a construção do espaço realizada pelo sujeito e pelos gestos dele - como acontecem os trajetos, as lutas, as práticas, os movimentos, as apropriações e tudo que o sujeito

faz do espaço, sendo uma forma não oficial de desenhar a geografia das práticas sociais que visa valorizar os espaços praticados e dar maior visibilidade a contextos, lugares e narrativas de sujeitos sociais.

Nesse caso, foram utilizados como base para as cartas os mapas do *Google Maps* e da Prefeitura Municipal de João Pessoa, que foram redesenhados e acrescidos das informações coletadas na etapa etnográfica. (Figura [F40])

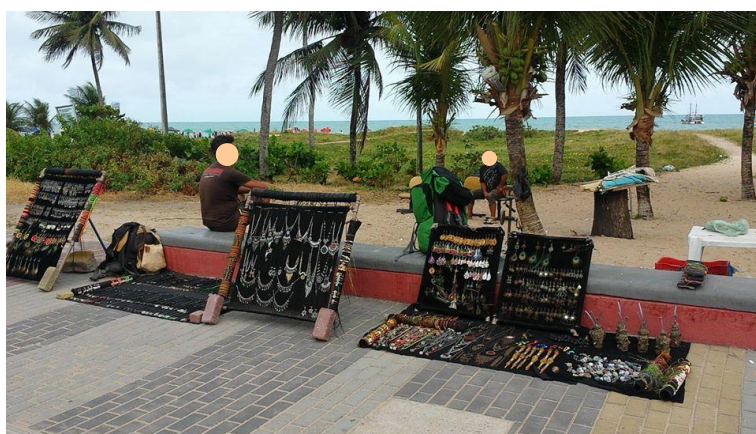
Figura [F40] ↓
Nanoterritório dos malucos de estrada
na Orla de Tambaú – João Pessoa/PB
Fonte: A autora (2018)



Como já foi dito, a apropriação espacial da *Pedra de Maluco* de João Pessoa acontece na calçadinha da Praia de Tambaú, na Avenida Almirante Tamandaré, em frente a transversal Avenida Nego, ao Bob's Burguers (restaurante *fast-*

food) e à Estação Conveniência (mercearia) e ao lado do quiosque Rango Bar.

Nesse trecho da orla, os *malucos de estrada* armam seus *panos de chão* na calçada e apoiam seus painéis sobre os bancos de cimento. (Figura [F46]) Mais especificamente, concentram-se no banco mais próximo ao Rango Bar. (Indicado como Banco 1, na Figura [F40]) Essa extensão costuma acomodar de 3 a 4 *malucos*, dependendo do tamanho dos seus *panos de chão*. Utilizam-no também como superfície de trabalho e apoio para produzir as peças de artesanato.



← Figura [F41]

Panos de chão na calçada e painéis no banco – João Pessoa/PB

Fonte: A autora (2018)

Atrás do banco, eles colocam as mochilas, carrinhos e todos os pertences pessoais, para que o espaço de exposição fique livre de obstáculos. Na areia, organizam um espaço com cadeiras, bancos, papelões e cobertores para sentar e deitar enquanto aguardam os clientes. (Figura [F42] e [F43]) (Indicado como Área de Estar, na Figura [F40])

Deitam-se e sentam-se no chão ou nos bancos, às vezes sobre papelões ou sobre panos, e, a esse espaço individual delimitado no chão, dão o nome de *comarca*. O *pano de chão* e a *comarca* vão ser os únicos espaços individuais dentro do nanoterritório da *Pedra de Maluco*, que é coletivo por excelência.



← Figura [F42]

↓ Figura [F43]

Área de Estar da *Pedra de Maluco*
– João Pessoa/PB

Fonte: A autora (2018)

Também podem usar os bancos ou o mobiliário urbano para sentar e deitar, como aquele que está imediatamente em frente à *Pedra*, na mesma calçada, (Indicado como Banco 2, na Figura [F40]) assim como cadeiras que coletam no lixo ou recebem como doações. Na verdade, todo o mobiliário que possuem é proveniente dos lixos do Bairro de Tambaú ou de doações de objetos ou móveis estragados que recebem de moradores e comerciantes da região.

Na *Pedra de Maluco* de João Pessoa, geralmente há cadeiras de escritório quebradas que foram minimamente rearranjadas pelo grupo, com arames, alicates e linhas que utilizam para o trabalho artesanal. Também há mesas de plástico ou de madeira quebradas, descartadas pelos bares e quiosques ao longo da orla e que são utilizadas para montar uma bancada de trabalho como também para servir de apoio nos momentos de refeições. (Figuras [F44], [F45] e F[46])

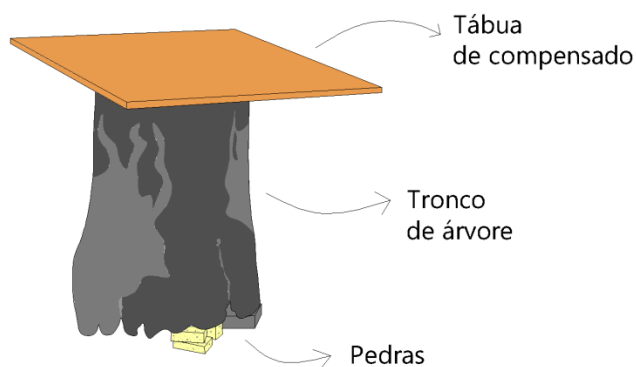


Figura [F44] ↓

Figura [F45] ↓

Mobiliário da *Pedra de Maluco*
– João Pessoa/PB

Fonte: A autora (2018)





← Figura [F46]

Mobiliário da Pedra de Maluco
– João Pessoa/PB

Fonte: A autora (2018)

Em virtude da falta de espaços cobertos ou elementos de coberta no espaço público, todos os móveis vão sendo deslocados ao longo do dia acompanhando o movimento das sombras dos coqueiros. Mesmo que esparsas, são as únicas proteções contra o sol na Praia de Tambaú. (Figuras [F47], [F48] e [F49])



↑ Figura [F47]

← Figura [F48]

↓ Figura [F49]

Malucos nas sombras dos coqueiros
– João Pessoa/PB

Fonte: A autora (2018)

Se há mais de quatro *malucos*, o espaço de exposição vai se estendendo até o outro banco que está mais distante, podendo chegar a ser completamente ocupado. (Indicado como Banco 3, na Figura [F40]) Atrás desse outro banco, existe



a vegetação gramínea de restinga, assim como uma espécie arbustiva que cresce no local e é aproveitada pelo grupo tanto como uma barreira natural, garantindo a privacidade para diversas atividades, quanto como função de depósito para guardar as cadeiras, os móveis, alguns materiais de trabalho, ou qualquer outro objeto que precisa ser escondido durante a noite, enquanto dormem. (Indicado como Arbusto, na Figura [F40]) (**Figuras [F50] e [F51]**).



Dentro dessa vegetação, também guardam o rastelo e a pá que utilizam para ciscar a areia e limpar o local periodicamente, assim como baldes que utilizam para lavar roupas. E depois que lavam, o arbusto também serve de varal, para que coloquem as roupas molhadas para secarem sobre os galhos. (**Figura [F52]**) Se querem dormir durante o dia, colocam-se sob as sombras dos coqueiros, atrás ou dentro do arbusto. (**Figura [F53]**)

Atrás da vegetação também organizam a preparação da comida utilizando uma churrasqueira a carvão para cozinhar ou realizar churrasco na hora do almoço. Esse artefato é montado com blocos de concreto chamados de *gelo baiano*, assim como outras pedras e resíduos de construção civil que catam pela areia da praia juntamente com grelhas metálicas provenientes de prateleiras de geladeira, armações de ventilador ou qualquer móvel ou eletrodoméstico que seja recolhido no lixo



↑ **Figura [F50]**

← **Figura [F51]**

Pertences dos *malucos de estrada* dentro do arbusto – João Pessoa/PB

Figura [F52] ↓

Arbusto como varal

Figura [F53] ↓

Maluco dormindo atrás do arbusto – João Pessoa/PB

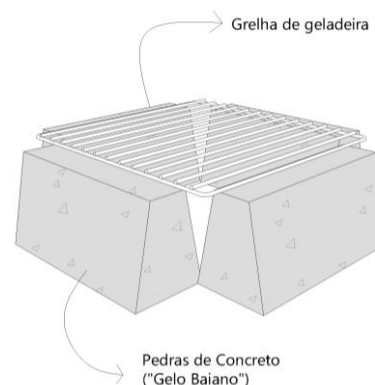
Fonte: A autora (2018)



ou doado pelos moradores do bairro. (Indicado como Churrasqueira, na Figura [F40]) (**Figuras [F54] e [F55]**)



← Figura [F54]
↓ Figura [F55]
Churrasqueira da *Pedra de Maluco*
– João Pessoa/PB
Fonte: A autora (2018)



Os *malucos* que viajam de carro costumam ter panelas e outros utensílios de cozinha, que disponibilizam para o uso do grupo, no momento do preparo. Caso nenhum *maluco* possua, pedem doações de panelas aos moradores do bairro, assim como *mangueiam* nos quiosques e restaurantes óleo para acender o carvão e alguns temperos como sal, pimenta, vinagre ou limão.

Cada *maluco* possui seus talheres e alguns também possuem peixeiras, o que auxilia no momento de cortar carnes e legumes. Quando não possuem, improvisam colheres com pedaços de madeira, lascas de coco verde, pedaços de papéis ou de isopor dobrados, geralmente provenientes de embalagens de quentinhas.

Os lixos do bairro são muito importantes para a manutenção dessa forma de vida. Assim como as casas, os edifícios e os escritórios fornecem móveis, cadeiras e eletrodomésticos quebrados, os quais os *malucos* rearranjam e reutilizam; os edifícios em construção fornecem metralhas, pedras e tábuas que servem para construir algum mobiliário ou para montar o *pano de chão*. Os mercados descartam o material mais utilizado pelos *malucos de estrada*: caixas de

papelão, que eles dispõem sobre o chão ou na areia para sentar ou para dormir.

Por isso, muitas vezes, realizam percursos pelo bairro a fim de observar lixeiras de casas, prédios ou ir até edifícios em construção a fim de explorar o que está sendo colocado no lixo, o que pode ser coletado e como pode ser aproveitado na *Pedra de Maluco*.

Quanto ao banheiro, os homens urinam em um coqueiro específico que é protegido por uma barreira natural composta por arbustos, que está localizado um pouco afastado do espaço de permanência e de preparo de alimentos. (Indicado como Banheiro, na Figura [F40]) Também usam o banheiro da Estação Conveniência (mercearia), como as mulheres o fazem, mediante a consumação de algum produto da loja. Já os quiosques vizinhos e o Bob's Burguers não permitem a utilização do banheiro pelos *malucos de estrada*.

Entretanto, quando os *malucos* solicitam, os funcionários do Rango Bar abrem o chuveiro para que possam tomar banho ou lavar as roupas. O chuveiro encontra-se fora do quiosque, mais especificamente na areia, mas o seu sistema de abertura e fechamento está localizado dentro do bar. (Indicado como Chuveiro, na Figura [F40])

Alguns lavam as roupas com balde e sabão sob o chuveiro, enquanto outros pagam serviço de lavanderia. Alguns *mangueiam* as pessoas que caminham na orla para que doem roupas usadas e, assim, eles possam trocá-las.

Para ter acesso à energia elétrica, é preciso pedir aos comerciantes da região. Em João Pessoa, geralmente o fazem no quiosque de coco ou na Estação Conveniência (mercearia). Assim, quando precisam, deixam o celular ou outro aparelho eletrônico para carregar e depois de algum tempo, voltam para buscar.

Para dormir à noite, armam barracas de *camping* na areia, atrás da vegetação, de modo que fiquem camufladas em relação às pessoas que passam na calçada. Se o arbusto está

crescido, podem até mesmo colocarem-se dentro para dormir sobre papelões, encobertos pela planta. (Figuras [F56] e [F57]) Os que não possuem barraca coletam papelões e arrumam suas *comarcas* no quiosque Palhoça Baiano com Gaúcho, que não funciona durante a noite. (Indicado como *Mocó*, na Figura [F40])



Na ocasião de chuvas, por não terem abrigo nem espaço coberto, os *malucos* tentam se abrigar nos quiosques ou na Estação Conveniência (mercearia), mas causam incômodo para os comerciantes, por ocuparem muito espaço do estabelecimento e impedirem a circulação dos clientes, podendo até serem expulsos, quando muito numerosos. Então, costumam deixar os pertences pessoais e o *pano de chão* na chuva, cobertos com algum plástico ou lona, quando possuem, no intuito de não tumultuarem os comércios aonde costumam ir se abrigar. Ou desarmam o *pano*, pegam as mochilas e vão a Feirinha de Tambaú (praça de alimentação), distante 300m da *Pedra*, ou algum quiosque fechado, onde conseguem ficar protegidos.

É importante destacar que o clima de João Pessoa tem influência direta sobre o movimento de pessoas na Orla de Tambaú e conseqüentemente na rotina do *maluco* na cidade. Por trabalharem ao ar livre, sem elementos de proteção, como

← Figura [F56]

↓ Figura [F57]

Barracas de *camping* e *Mocó* na *Pedra de Maluco* – João Pessoa/PB

Fonte: A autora (2018)



um abrigo ou uma coberta, necessitam da presença do sol ou, pelo menos, da ausência de chuvas.

João Pessoa recebe um fluxo de turistas de outros países e estados do Brasil e de pessoas vindas do interior da Paraíba no período do verão, entre dezembro e março, principalmente até o feriado do Carnaval. O movimento de pessoas está diretamente ligado com o clima, sendo a Orla de Tambaú mais utilizada nos meses de pouca precipitação pluvial, entre setembro e abril.

Entre maio e agosto, o período é predominantemente de chuvas e, por ser difícil a permanência no espaço público, tanto na praia como na calçada, o movimento de pessoas que frequentam a Orla diminui. Os *malucos de estrada*, além de dependerem do movimento de moradores e turistas na Orla, precisam observar como ele acontece.

Moradores e turistas frequentam a praia para lazer, banho de mar, prática de esportes etc., como também, outro fator que os atraem são os passeios de barco que partem da praia de Tambaú para os arrecifes de corais e piscinas naturais de Picãozinho, localizados a 1 km da costa.

Esses passeios são realizados nas fases da Lua Cheia e da Lua Nova, quando a maré está baixa no período da manhã. O horário da maré baixa muda todos os dias, sendo uma hora mais tarde cada dia. Então, os artesãos estão atentos às fases da Lua e aos horários da maré baixa, pois podem aproveitar que as pessoas vêm aos catamarãs para oferecê-las peças de artesanato antes ou depois do passeio.

Atrelado a isso, há outro fator que eles observam sobre seu trabalho: os horários de movimentação de pessoas. A maioria delas permanece na praia entre 10h, o horário que começam a chegar, até 15h, horário em que saem. Então, eles saem da *Pedra* para vender seus produtos na areia da praia no horário entre 11h e 12h, que configura o pico de concentração de pessoas.

Eles caminham desde a *Pedra de Maluco* até a Praia de Cabo Branco, geralmente até o último quiosque que existe na Orla (distante 2,2km da *Pedra de Maluco*) ou até a Praia do Seixas, quando a maré está baixa e é possível ir atravessar os corais da divisa entre as praias do Cabo Branco e do Seixas. Oferecem seus produtos às pessoas que estão na areia e também entram nos quiosques, que permitem a presença deles, para oferecer de mesa em mesa.

No geral, esse movimento pela areia e pelos quiosques costuma acontecer entre 11h e 15h, em média. Depois retornam à *Pedra de Maluco*, onde vão esperar que o movimento de pessoas recomece no final da tarde, por volta das 18h, quando as pessoas vão passear, caminhar ou praticar esportes na calçada.

Assim, é possível estabelecer uma rotina mais ou menos estruturada da *Pedra de Tambaú*, já que os acontecimentos dos dias se repetem bastante. Geralmente as atividades começam cedo. Se dormem em barracas de *camping*, o poliéster, material que compõe as barracas, esquenta facilmente e, então, os *malucos* são obrigados a deixá-las por volta das 6h da manhã, ainda que tenham tido o cuidado de armá-las sob a sombra dos coqueiros. (Figura [F58])



← Figura [F58]
Barracas de *camping* armadas
embaixo dos coqueiros – João
Pessoa/PB
Fonte: A autora (2018)

Se dormem no *mocó*, nesse caso, no quiosque Palhoça Baiano com Gaúcho, os funcionários costumam chegar por volta das 7h da manhã e então, os *malucos* precisam retirar os

papelões e sair do quiosque para que eles possam começar a distribuir as mesas pelo salão. (Figura [F59])



← Figura [F59]

Mocó no quiosque Palhoça Baiano com Gaúcho – João Pessoa/PB

Fonte: A autora (2018)

Então, após saírem de suas barracas ou do *mocó*, desarmam as barracas, catam os papelões, juntam suas mochilas e painéis, se dirigem à *Pedra de Maluco* e colocam seus pertences no local onde vão expor. Eles não costumam deixar a barraca armada durante o dia, por receio de que algum fiscal da Prefeitura apareça para apreender.

Então, com todos reunidos na *Pedra*, começam a se organizar para tomar café da manhã. Para as situações de alimentação, são observadas diversas maneiras de proceder, mas que estão divididas entre realizá-las individual ou coletivamente. Se fazem isso coletivamente, vão comprar pães e retalhos de queijo no Stok Frios (mercearia), que abre às 7h da manhã, para dividir com todos os membros. Alguns *malucos* vão ao Mercado Público de Tambaú para *manguear* frutas muito maduras ou machucadas que os comerciantes não vão mais vender ou mesmo comprá-las, para dividir para o grupo.

Quando tomam café da manhã individualmente, vão até a Padaria Flor do Trigo ou ao Restaurante A Nordestina, que servem porções de cuscuz, inhame ou macaxeira acompanhados de frango ou carne bovina guisados. Ou ainda, ficam esperando na *Pedra* os ambulantes de bicicleta que transitam pela orla ou os que estacionam de carro.

Esse tipo de ambulante costuma vir nas primeiras horas da manhã, entre 7h e 9h, para vender salgados, bolos, sucos e café para os funcionários dos quiosques. (Figuras [F60] e [F61])

Figura [F60] ↓

Figura [F61] ↓

Ambulantes de Tambaú – João Pessoa/PB

Fonte: A autora (2018)



Após o café da manhã, vão retirar os produtos artesanais da mochila e começar a armar o *pano de chão* na calçada. Para isso, vão procurar pedras de concreto (metralhas) que estão na areia para segurar o *pano de chão* contra o vento.

Alguns decidem, entretanto, ir expor no Centro e vão até a parada de ônibus até a Avenida Prof.^a Maria Sales, esperar a linha 510 ou 513 ou vão a pé até a Rua Santo Elias, próximo ao Tambiá Shopping, local de exposição no Centro, distante 6 km da praia.

Alguns vão todos os dias, outros só vão nos dias que desejam comprar material, nas ruas mais comerciais do Centro de João Pessoa – Rua da República, Silva Jardim, Peregrino de Carvalho, Maciel Pinheiro e a Avenida Beaurepaire Rohan. Eles vão à procura de linha encerada em armarinhos, miçangas e búzios em lojas de bijuteria, arames e alicates em lojas de construção, veludo e couro de bode em lojas de tecido etc.

Outros ainda decidem ir expor na UFPB e vão até a parada de ônibus esperar a linha 5600/5603/5605 ou vão a pé até a Praça da Alegria, no Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA) e para o Restaurante Universitário no horário do almoço, distante 4 km da praia.

Os que ficam na Praia de Tambaú, vão se acomodar nas cadeiras, em papelões, em cangas ou até mesmo os próprios cobertores na areia e vão mudando de posição durante o dia acompanhando a sombra ao redor dos coqueiros, de acordo com o movimento do Sol. Nesse espaço, eles ficam reunidos conversando, bebendo, comendo, produzindo novas peças, enfim, onde praticamente todas as atividades são realizadas.

(Figuras [F62] e [F63])



← Figura [F62]

← Figura [F63]

Área de Estar da *Pedra de Maluco* –
João Pessoa/PB

Fonte: A autora (2018)



Quando precisam sair, vão a lugares próximos para comprar comidas e/ou bebidas - na Estação Conveniência (mercearia), no Stok Frios (mercearia) ou no quiosque de água de coco, material de trabalho, ou ir ao banheiro.

Às 11h ou 12h, como foi falado, alguns saem para oferecer os produtos na areia e retornam por volta das 15h. Quando não decidem ir, permanecem na *Pedra* durante todo o dia, realizando apenas trajetos de pequenas distâncias para lugares

próximos, já que estão sempre responsáveis em cuidar do seu *pano de chão* em relação às vendas e às produções de artesanato.

Na hora do almoço, quando almoçam individualmente, fazem revezamento para irem a restaurantes próximos à *Pedra de Maluco*. Uma parte do grupo vai almoçar, enquanto outra parte fica para atender os clientes e cuidar dos pertences de todos. Os restaurantes mais frequentados são os do tipo *self-service* que oferecem um prato no valor de R\$10, em que se pode servir à vontade com direito a dois pedaços de carne. Os que eles costumam ir são: Pastelaria Ponto Certo (pastelaria e restaurante), Cantinho do Cowboy (restaurante), A Nordestina (restaurante), Restaurante Trânsito (restaurante) ou na Feirinha de Tambaú (praça de alimentação).

Quando decidem comer coletivamente, cozinham alguma comida ou, mais frequentemente, realizam um churrasco. Alguns, então, vão para o Mercado Público de Tambaú, no Empório das Carnes (açougue) ou no Stok Frios (mercearia) para comprar carnes. Depois, vão ao Depósito Ponto 83 Bebidas (depósito de bebidas), A Estação Conveniência (mercearia) ou no Mercadinho Geremias (mercearia) para comprar bebidas como latinhas de cerveja ou garrafas de cachaça e, por fim, também vão comprar carvão na Rua Paulino Pinto.

Realizam esse churrasco atrás do arbusto para que a privacidade do grupo seja garantida em relação às pessoas que passam na calçada. Ali montam a churrasqueira e organizam a mesa para manipular os alimentos. Esse churrasco costuma durar do meio dia até o final da tarde, em virtude do fim da luz do sol em João Pessoa e do horário de chegada das pessoas à noite.

Quando não fazem churrasco, costumam mudar de local, procurando por sombra. À tarde, o sol incide diretamente na *Pedra* e, então, vão para o outro lado da Avenida Almirante Tamandaré, onde de fato se faz a sombra da tarde. Eles

atravessam, levam parte de seus pertences de trabalho para ocuparem a calçada da Estação Conveniência (mercearia) ou da casa vizinha, trabalham e observam os clientes que chegam.

À tarde também, quando precisam comprar pedras semipreciosas para a produção artesanal, vão até a Praia do Jacaré, em Cabedelo. Eles preferem ir à tarde porque assim, além de comprar pedras, eles podem tentar vender aos visitantes que vão assistir ao pôr do sol, atrativo turístico de Cabedelo. Então, caminham até a parada de ônibus da Rua Nossa Senhora dos Navegantes para esperar a linha 513 em direção a Integração do Bessa, onde vão pegar outro ônibus da linha 5104, que vai até o Jacaré.

Os que foram para o Centro ou para a UFPB, costumam retornar ao final da tarde para aproveitar o movimento da Orla à noite. Todos permanecem na calçada de Tambaú geralmente até às 0h. Depois, recolhem todo o mobiliário e guardam dentro do arbusto, em seguida, vão armar suas barracas na areia ou arrumar papelões no quiosque, com caixas que foram coletadas no lixo do Stok Frios (mercearia), da Estação Conveniência (mercearia) ou de outros lixos do bairro, nos caminhos que tenham percorrido durante o dia.

Entre quarta e sábado, podem ir para a Rua Targino Marques, se divertir e expor em frente aos bares On the Rocks Pub (bar) e Carboni Bárbaro (bar) e na Rua Coração de Jesus, em frente ao Bar Cabaré Brasil (bar). Enquanto divertem-se, geralmente surgem algumas vendas ou trocas de artesanato por cervejas, bebidas ou comidas. Também costumam oferecer seus trabalhos nos quiosques da praia que funcionam durante a madrugada e que dão a permissão para eles entrarem.

À noite costumam ir para a Feirinha de Tambaú (praça de alimentação) para jantarem ou esperam ambulantes que passam no período da noite pela orla vendendo milho verde assado e cozido, amendoim, pipoca, mungunzá ou hambúrguer. Há dias em que vão até o restaurante Palace

Gourmet ou ao restaurante Terraço Tambaú Trattoria *manguear* os restos de sopa ou comida que sobrou do *buffet* da noite.

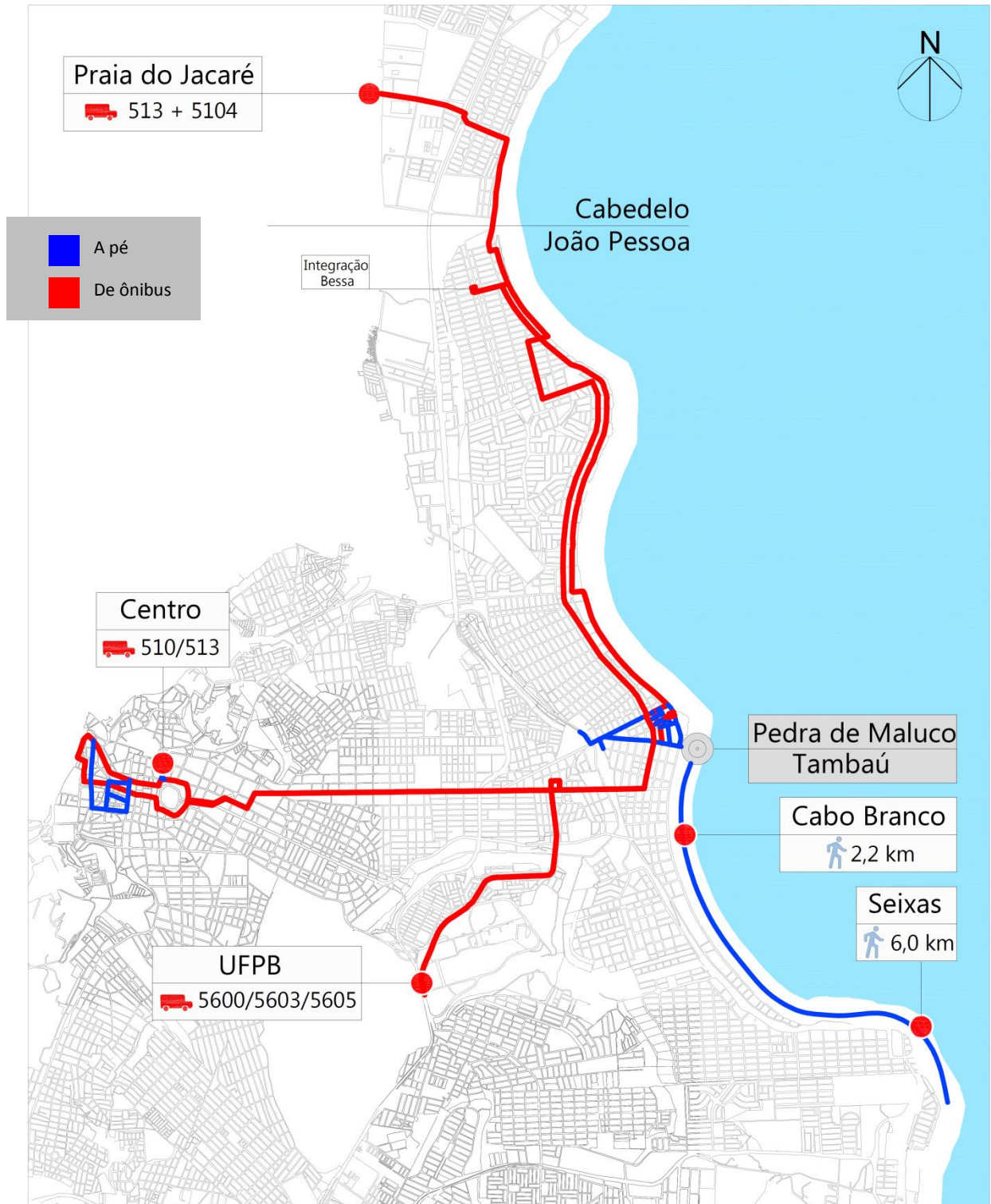
Uma vez por semana à noite, um grupo de caridade de uma Igreja Católica leva comida para os moradores de rua. Eles entregam as marmitas e fazem uma prece com o grupo. Nas quintas-feiras, também vai à praia o Banho da Misericórdia, outro projeto de caridade que leva um carro reboque com cabines de chuveiros, quando também recebem comida e podem tomar banho.

Os locais frequentados a nível de bairro em Tambaú – como restaurantes, mercadinhos, etc. - foram marcados na **Figura [F64]**, bem como os trajetos realizados pela cidade de João Pessoa. Os locais onde costumam ir expor ocasionalmente, fora da *Pedra de Maluco*, estão sintetizados e demarcados na **Figura [F65]**.

Por fim, podemos perceber que a *Pedra de Maluco* apresenta-se como um espaço que nada tem de edificado, apenas preenchido de códigos, rastros e limites invisíveis, repleto de sentidos e expressões. O grupo estabelece uma relação com o espaço público, se nutre da cidade sedentária para transformar a paisagem e o significado do lugar a partir da criação de um território, apresentando-se como um modo distinto de conceber um habitat.

Entretanto, veremos no capítulo seguinte como essa apropriação espacial na Orla de Tambaú é tratada pela Prefeitura Municipal de João Pessoa nas suas ações urbanísticas.

Figura [F64] ↓
 Percursos dos *Malucos de Estrada* –
 João Pessoa/PB
Fonte: PMJP, editado pela autora
 (2018)



CAPÍTULO 03

**OPERAÇÃO VERÃO E TURISMO SUSTENTÁVEL:
AS AÇÕES DE CONTROLE DA PREFEITURA MUNICIPAL DE
JOÃO PESSOA SOBRE OS *MALUCOS DE ESTRADA***

Os *malucos de estrada*, por se excluírem do mundo do consumo e não responderem ao modelo dominante, com uma visão de mundo contrária à hegemônica, são considerados diferentes, anormais, desviantes ou estranhos, além de serem marginalizados e transformados em minorias, bodes expiatórios das contradições e pressões do sistema econômico.

3.1. Os *malucos de estrada* como estranhos na Orla de Tambaú

Segundo Vieira *et al.* (1992, p. 100, grifo nosso), para quem mora na rua,

a forma de sobrevivência dessa população – que se faz apenas secundariamente pelo mercado, seja o de trabalho seja o de bens – *subverte os padrões e valores de reprodução da sociedade capitalista*, em que trabalho aparece como forma legítima de garantir o sustento. Assim como a resposta da sociedade para quem não se enquadra é o estigma: vagabundo, malandro, vadio ou quando muito coitado; *ele é o outro, o que não faz parte*, que precisa ser afastado ou reintegrado.

Na visão de Georg Simmel (2005a), os estranhos não são tomados como indivíduos, mas como estrangeiros de um certo tipo socialmente definido. O estrangeiro é visto como alguém absolutamente móvel, que não se encontra vinculado organicamente a nada e a ninguém. Visto como não sendo proprietário do solo, que não se fixa em um espaço específico, o estrangeiro é alguém que tem grande tendência a permanecer nas margens, uma vez que seu mundo natural é

outro e a sociedade não consegue lhe assegurar a inclusão. (SIMMEL, 2005a)

No texto *A metrópole e a vida do espírito*, Simmel (2005b) atribui a relação impessoal com o estrangeiro à penetração da racionalidade da esfera econômica na vida cotidiana e à preponderância do espírito objetivo sobre o espírito subjetivo no desenvolvimento da cultura moderna. A rápida urbanização, o choque da brutal experiência física e psicológica na cidade moderna e a mudança rápida e ininterrupta de impressões interiores e exteriores do ambiente urbano estimulam o indivíduo ao máximo da sua atuação nervosa.

Como preservativo da vida subjetiva, o indivíduo desenvolve uma atitude *blasée*, tornando-se indiferente, frio e sem ânimo a fim de se proteger, pela antipatia, dos complexos estímulos advindos da velocidade da vida moderna e dos possíveis choques das transformações do ambiente urbano. Na incapacidade de reagir a novos estímulos, o habitante da cidade cria um órgão protetor contra o desenraizamento para acomodar sua personalidade à chegada do novo, do imprevisível e das forças externas que chegam na experiência urbana. (SIMMEL, 2005b)

Para Sigmund Freud (1976), o estranho relaciona-se com o que é assustador – com o que provoca medo e horror, porém uma categoria de assustador que remete ao que é conhecido, velho e há muito familiar. A partir do estudo da etimologia da palavra estranho na língua alemã, ele concluiu que, de um modo ou de outro, *unheimlich* (estranho) é uma subespécie de *heimlich* (familiar), pela sua oposição e ambivalência.

Se de acordo com a teoria psicanalítica, todo afeto pertencente a um impulso emocional, se reprimido, transforma-se em ansiedade, as coisas assustadoras estariam relacionadas a algo anteriormente reprimido que retorna e o estranho, como algo que deveria ter permanecido oculto, mas veio à luz. Segundo Freud (1976), o estranho não é nada novo

ou alheio, porém algo familiar, há muito estabelecido na mente e que se alienou através do processo de repressão.

Isso poderia explicar a aversão, a repulsa, o ódio e o objetivo de destruir o estranho, pelo delírio uma vida sem imprevisibilidades e sem medo, de uma referência que Freud (1976) chama de lascívia, a fantasia de estar no útero, completamente seguro como na experiência intrauterina. Rejeitando o estrangeiro, o produtor de conflitos, estaríamos seguros de não sermos contaminados por ele, não sermos autoquestionados nem alterarmos nossa percepção de estarmos seguros em casa. Tal explicação dada por Freud (1976) acrescenta ao pensamento de Simmel (2005a).

Assim, nos contatos possíveis, Simmel (2005a) afirma que o estranho é sempre considerado como alguém de fora, como um não membro do grupo e as relações se dão a partir de um certo parâmetro de distanciamento objetivo. Na relação com um estranho o que existe, portanto, é um não relacionamento, havendo inclusive a negação da sua existência.

O conceito de estranho foi escolhido neste trabalho, não somente por representar uma visão da sociedade, tal como apontou Vieira (1992), mas porque nela encontrou-se a mesma percepção no discurso e nas ações urbanísticas da Prefeitura Municipal de João Pessoa em relação aos *malucos de estrada*.

De acordo com a vivência na *Pedra de Maluco* e com as notícias coletadas no *site* da PMJP, percebeu-se que o *maluco de estrada* é considerado como um estranho na Orla de Tambaú, que precisa ser afastado ou retirado, em um movimento de resistência à alteridade. Se a Orla de Tambaú é um espaço público, assim, este deveria ser um lugar de mistura, de encontro e de comunicação entre indivíduos diferentes, como uma espécie de resumo da diversidade socioespacial da população. (GOMES, 2012)

Porém, a constatação que se tem ao vivenciarmos e analisarmos as notícias sobre o espaço ocupado pelos *malucos de estrada* é que a diversidade não é tão ampla e, ser diferente

dos que frequentam a Orla de Tambaú, pode se constituir em uma rejeição por aqueles que lá estão, já que, em muitos espaços, existem algumas restrições ao uso.

3.2. As ações de controle da Prefeitura Municipal de João Pessoa

A observação de campo na *Pedra de Maluco* de João Pessoa deu-se no período de setembro de 2016 a junho de 2017. Nos meses de setembro a dezembro de 2016, período que antecedeu as ações urbanísticas realizadas pela Prefeitura no período do verão, constatou-se que os *panos de chão* eram colocados diretamente na calçada da orla e as barracas de *camping*, armadas em qualquer lugar na areia da Praia de Tambaú. Os *malucos de estrada* podiam fazer churrasco por trás da vegetação, possuíam vários objetos e uma quantidade considerável de mobiliário para o bem-estar do grupo, como guarda-sol, cadeiras, mesas, bancos etc.

No mês de setembro de 2016, quando os *malucos* voltaram do festival Caminhos do Frio, que ocorrera até o último final de semana de agosto de 2016, no Brejo Paraibano, eles possuíam uma tenda, que havia sido recolhida no lixo do evento e que foi trazida para João Pessoa pelo grupo e armada na *Pedra de Maluco*. Ali, podiam ficar protegidos do Sol durante o dia. (Figura [F66]) Todavia, em virtude de alguma denúncia à Secretaria de Desenvolvimento urbano, os fiscais vieram recolher a tenda. No mês de outubro, um guarda-sol, também usado como proteção de coberta, também foi recolhido pela fiscalização da SEDURB. (Figura [F67])



Até o mês de dezembro de 2016, a quantidade de artesãos foi aumentando, vindos do interior da Paraíba, ou de outros estados do país para a alta estação, o verão. Até que, no mês de janeiro, culminou na maior quantidade de *malucos* e de mobiliário observada durante toda a vivência. (Figuras [F68] e [F69])

Figura [F66] ↑

Figura [F67] ↑

Tenda e guarda-sol na Pedra de Maluco – João Pessoa/PB

Fonte: A autora (2018)



← Figura [F68]

↓ Figura [F69]

Mobiliário no mês de janeiro – João Pessoa/PB

Fonte: A autora (2018)



À medida que mais *malucos de estrada* iam chegando à cidade, mais objetos eram trazidos por eles, assim como havia necessidade de procurar mais mobiliário nos lixos para acomodá-los na *Pedra*. Além disso, algumas doações foram recebidas pelo grupo, como, por exemplo, uma geladeira que foi entregue por um morador do Bairro de Tambaú.

Eles retiraram as prateleiras da geladeira para fazer de grelhas para a churrasqueira e usaram a carcaça com a função de isopor. Assim podiam comprar gelo, bebidas em grande quantidade para todos da *Pedra* e mantê-las resfriadas dentro da geladeira. (Figura [F70])

No mês de dezembro de 2016, os fiscais da SEDURB começaram a realizar a Operação Verão e intensificaram a vigilância da Orla, não mais com visitas pontuais de exame e apreensões, como acontecera em setembro e outubro, mas agora com fiscalizações diárias. Primeiro, registravam a ocupação dos *malucos de estrada* por meio de fotografias como também já começavam a fazer as primeiras ordenações para que os *malucos* retirassem seus *panos de chão* da calçada e colocassem sobre o banco. (Figura [F71]) Os fiscais alegaram que os *panos de chão* impediam o livre trânsito e o direito de ir e vir das pessoas na Orla de Tambaú.

Figura [F70] ↓
Geladeira na *Pedra de Maluco* – João Pessoa/PB
Fonte: A autora (2018)



← **Figura [F71]**
Panos de chão sobre o banco – João Pessoa/PB
Fonte: A autora (2018)

Para os *malucos*, foi necessário improvisar uma superfície rígida que ultrapassasse a largura do banco, a fim de apoiar o *pano de chão* e permitir a ampliação da superfície de exposição, que ficara limitada, em virtude da determinação da Prefeitura. Assim, em caminhadas pelo bairro, os *malucos* conseguiram tábuas de aglomerado e caibros de madeira,

descartados nos prédios em construção, e criaram um suporte para o *pano de chão* sobre o banco da orla (**Figuras [F72] e [F73]**).



← **Figura [F72]**

Caibros para suportar as tábuas de aglomerado

← **Figura [F73]**

Panos de chão sobre as tábuas de aglomerado

Fonte: A autora (2018)



No mês de janeiro de 2017, os agentes da SEDURB também declararam que estava proibida a colocação de barracas de *camping* sobre a areia, por desmatar a vegetação de restinga, assim como passaram a ameaçar os *malucos* com a possibilidade de uma operação de apreensão do mobiliário do grupo, que poderia ser realizada a qualquer momento, inesperadamente.

De acordo com as notícias coletadas, essas ordens expressas pela SEDURB estavam relacionadas a duas operações urbanísticas organizadas pela Prefeitura Municipal de João Pessoa: Operação Verão e Turismo Sustentável.

A primeira aparição do termo e, portanto, a data de início da Operação Verão foi dia 02 de dezembro de 2014 (cf. **Notícia [N1]**, Anexo 1), tendo como objetivo cumprir o Código de Posturas do Município, fazendo um reordenamento em toda a cidade.

Segundo o Código de Posturas do Município de João Pessoa, no Artigo 237, “é proibido ao profissional ambulante e do comércio eventual, sob pena de apreensão do material, impedir ou dificultar o trânsito nos passeios públicos” (PMJP, 1995, p.31).

Na matéria, entretanto, há outros trechos que expressam, mais especificamente, qual era o real objetivo da operação: a retirada dos ambulantes da Orla da capital, os quais os *malucos de estrada* são incluídos pela Prefeitura, como ilustra a **Figura [F74]** da mesma notícia.



← **Figura [F74]**
SEDURB abordando um *maluco de estrada* – João Pessoa/PB
Fonte: PMJP (2014), Notícia 1, Anexo 1

Logo de início, as **notícias [N1] e [N2]** (Anexos 1 e 2) expressam o caráter intimidante dessa Operação, pois se observa ameaças à apreensão de mercadorias e à expulsão dos ambulantes, nos trechos “Primeiramente, precisamos fazer uma abordagem educativa com os comerciantes informais”; “Após a notificação, o comerciante tem 24h para sair do local. Caso isso não ocorra, a mercadoria é apreendida” (cf. **Notícia [N2]**, Anexo 2), demonstrando que ou o comerciante sai da Orla ou a mercadoria é apreendida.

As duas primeiras notícias também trazem informações importantes sobre a Operação Verão, como o local – a Orla de João Pessoa, a estação – o verão, o período de vigência - de

dezembro de 2014 a março de 2015 e o objetivo - a retirada dos ambulantes.

O mais importante a se destacar, sobretudo, são alguns recortes textuais de falas do secretário de Desenvolvimento Urbano, nos quais percebemos claramente a intenção de limpeza social colocada pela Operação Verão: “nossa intenção é fazer uma *varredura* nos pontos considerados críticos da capital, onde os comerciantes informais ocupam calçadas e *bloqueiam* o passeio público” (cf. **Notícia [N1]**, Anexo 1, grifo nosso), “o pessoense merece ter uma calçada *limpa e livre*” (cf. **Notícia [N1]**, Anexo 1, grifo nosso) e “o próprio nome já diz que o ambulante não pode ficar parado e ocupando *o lugar que é do pedestre*” (cf. **Notícia [N2]**, Anexo 2, grifo nosso).

Mas por que limpa? Seriam os ambulantes sujos? Ou a calçada da orla precisa ser limpa de pessoas indesejadas? Segundo Nirvana de Sá (2009), a partir do século XIX, a classe de menor poder aquisitivo, os operários, mendigos, prostitutas, doentes e loucos eram entendidos enquanto “classe perigosa”, em razão de que os médicos consideravam-nos como sendo responsáveis pela transmissão de doenças. E também perigosos porque “seriam aqueles que provocavam espanto à elite da cidade por apresentarem sua pobreza nas ruas aos olhos daqueles que desejassem ou não vê-los”. (SÁ, 2009, p. 70)

Assim, “para evitar que estes ‘portadores de doenças’ transmitissem seus males à elite”, cabia aos médicos, engenheiros e administradores das cidades ‘esconder’ a mendicância, a ociosidade e a doença, submetendo-os ao controle disciplinar, moral e sanitário, o que nos faz perceber que, assim como os conhecimentos técnicos da engenharia e da medicina estavam relacionados ao planejamento urbano no século XIX, “por conseguinte, havia um fortalecimento do preconceito social que justificava as intervenções autoritárias e o afastamento desta população ‘perigosa’ dos lugares habitados pela ‘boa gente’” (SÁ, 2009, p. 37)

No contexto atual, o objetivo de retirar os ambulantes da Orla de Tambaú também está ligado ao ponto de vista da imagem e da visibilidade da pobreza não só por ser um espaço público que está localizado em um dos bairros mais abastados de João Pessoa, como também porque o objetivo da Operação Verão consiste em transformar João Pessoa numa cidade referência no recebimento do turista e “promover o bem-estar dos visitantes da orla da Capital”, cf. **Notícia [N3]**. (Anexo 3)

O foco no turismo fica mais evidente quando, para “garantir a manutenção da segurança dos turistas e visitantes da orla pessoense”, é anunciada, na **Notícia [N4]** (Anexo 4), a atuação de 16 guardas civis municipais em rondas ostensivas nos três turnos do dia em toda a Orla, com auxílio de duas viaturas, oito bicicletas e quatro motocicletas assim como, na **Notícia [N5]** (Anexo 5), é possível entender a grandiosidade da operação e a demanda de outras secretarias para realizá-la, numa rede de diversos aparelhos de poder.

A Prefeitura esclarece que estão envolvidas nessa Operação a Secretaria de Turismo (SETUR), Desenvolvimento Urbano (SEDURB), Saúde (SMS), Ciência e Tecnologia (SECITEC), Políticas Públicas para Mulheres, Mobilidade Urbana (SEMOB), Comunicação (SECOM), Segurança Urbana e Cidadania (SEMUSB), além da Autarquia Especial Municipal de Limpeza Urbana (EMLUR), Fundação Cultural de João Pessoa (FUNJOPE), Vigilância Sanitária e PROCON-JP (cf. **Notícia [N5]**, Anexo 5) bem como a Secretaria de Defesa Social (SEDES), Guarda Civil e Conselho Tutelar que não foram incluídas, mas foram citadas em outras notícias relacionadas à mesma operação. Ao total, houve uma demanda de 15 secretarias e órgãos da Prefeitura.

Ainda no verão 2014-2015, a **Notícia [N6]** (Anexo 6) com a manchete “Comerciantes e famílias desocupam área de preservação ambiental” diz respeito à outra ação que fez parte da Operação Verão, a de desocupação da área de preservação ambiental e que, segundo a **Notícia [N7]** (Anexo 7), passou a

ser institucionalizada como projeto permanente com o nome de Turismo Sustentável, no verão de 2016-2017.

Na **Notícia [N6]** (Anexo 6), o termo “área de preservação ambiental” quer dizer a vegetação rasteira de restinga que cobre as praias da costa de João Pessoa, bem como os termos “comerciantes e famílias” referem-se novamente aos ambulantes e aos *malucos de estrada*, já que a notícia deixa claro que se trata de “pessoas que vem de fora na tentativa de vender seus produtos, mas que estavam fazendo a praia de moradia”.

Todavia, existe uma falta de clareza sobre o que realmente foi realizado nessa ação, uma vez que a Secretaria de Defesa Social utiliza um discurso atenuante ao dizer que os comerciantes informais e seus familiares “foram informados da irregularidade da situação” e depois, que conseguiu “convencê-los a buscar locais mais adequados” “com diálogo e compreensão”, como outra maneira de relatar a expulsão dos comerciantes do local.

A mesma notícia também traz trechos pejorativos ou apelativos, como por exemplo, que havia “pelo menos três crianças dormindo ao relento”, no sentido de sensibilizar o leitor com uma justificativa incontestável e convincente para a expulsão dos *malucos de estrada*, uma vez que isso nada tem a ver com a vegetação supostamente danificada, de fato.

Há também termos depreciativos, quando a notícia faz referência à barraca de *camping* como “barracos com colchões, fogões e outros utensílios”, a fim de desvalorizar a descrição do local e dos utensílios apreendidos, tanto porque o significado de barraco, segundo o dicionário Houaiss; Villar (2009), quer dizer “moradia pobre de acabamento tosco”, como quando relata que os agentes de limpeza “utilizaram pás e enxadas para retirar o lixo que estava sendo acumulado nas localidades onde as famílias residiam de forma irregular”.

A linguagem, além de depreciativa, cria uma imagem hiperbólica do que realmente foi encontrado pela equipe da

Prefeitura Municipal de João Pessoa e contradiz até mesmo a figura que ilustra a notícia. (**Figura [F75]**) Desses trechos da notícia, podemos recortar as palavras “barracos”, “colchões e fogões” e “lixo que estava sendo acumulado”, que já contrariam o que foi observado na vivência.



← **Figura [F75]**

Barracas de *camping* sobre a vegetação de restinga – João Pessoa/PB

Fonte: PMJP (2015), Notícia 6, Anexo 6

Primeiramente a palavra “barracos” faz alusão a uma construção que, por sua materialidade e fixidez, não condiz ao habitat nômade dos *malucos de estrada*, descrito no capítulo anterior, nem com a barraca de *camping* realmente apreendida, assim como “colchões e fogões” não fazem parte dos objetos carregados por um artesão nômade.

Percebe-se outra discordância no trecho “utilizaram pás e enxadas para retirar o lixo que estava sendo acumulado”, pois, se os *malucos de estrada* possuem vassoura e rastelo dentro do arbusto para limpar a *Pedra de Maluco* e retirar o lixo, tal informação parece não coincidir com a realidade observada.

E, por fim, o trecho mais importante - “onde as famílias residiam de forma irregular” – põe em foco o termo “irregular” que, segundo o dicionário Houaiss e Villar (2009), um dos seus significados quer dizer “que contraria as leis”.

Portanto, essa operação, além de criar condições adversas à sobrevivência dos *malucos de estrada* por apreender objetos

e utensílios do seu habitat, utiliza-se de discursos e processos que constituem o indivíduo como efeito e objeto de poder – como o exame, a vigilância hierárquica e a sanção normalizadora.

Além disso, os argumentos pretendem classificar as ilegalidades e objetivar o *maluco de estrada* como errado, contraventor, criminoso e, portanto, “anormal”, assim como argumenta Michel Foucault (2016; 1997). As constantes tentativas de eliminação dos *malucos de estrada* da Orla de Tambaú parecem se relacionar com a teoria de Foucault (1997) sobre a dualidade normal-anormal produzida pelos discursos de poder e pelos sistemas de punição.

Foucault mostra que a relação de poder que fundamenta o exercício da punição define a objetivação não só dos crimes, mas também dos criminosos quando diz:

o criminoso designado como inimigo de todos, que tem interesse em perseguir, sai do pacto, desqualifica-se como cidadão e surge trazendo em si como um fragmento selvagem de natureza; aparece como o celerado, o monstro, o louco talvez, o doente e logo o ‘anormal’”. (1997, p. 100)

Os sistemas punitivos não atuam somente sobre as infrações, mas sobre os indivíduos, controlando tanto o que eles fazem quanto aquilo que eles são, serão ou possam ser, impondo maneiras de agir consideradas “normais”. (FOUCAULT, 1997)

Desde as notícias de 2014 até as publicadas do verão de 2018, a Prefeitura de João Pessoa usa como justificativas para a retirada dos *malucos de estrada* da Orla de Tambaú a obstrução do passeio público – que contraria o Código de Posturas do Município, quando realiza a Operação Verão assim como, na Operação Turismo Sustentável, alega a degradação das áreas de preservação permanente - que contraria a Lei Federal 12. 651/ 2012. (**Figura [F76]**)



← **Figura [F76]**

Vegetação de restinga como área de preservação permanente – João Pessoa/PB

Fonte: A autora (2018)

Para Foucault, o corpo humano é investido por relações de dominação realizadas através de mecanismos de punição quando

somos julgados, condenados, classificados, obrigados a desempenhar tarefas e destinados a um certo modo de viver ou morrer em função dos discursos verdadeiros que trazem consigo efeitos específicos de poder. (2016, p. 279)

Essa mecânica do poder não utiliza somente instrumentos de violência e repressão, mas pode ser obtida por dispositivos sutis e métodos simples como o olhar hierárquico, a sanção normalizadora e o exame, que implicam em uma coerção ininterrupta sobre o corpo e uma manipulação de seus gestos e comportamentos.

A criação de normas de comportamento no espaço público define padrões sociais de “normal” e “anormal”, na tentativa de disciplinamento, de adestramento ou de controle por meio de leis que estabelecem os procedimentos e de fiscais que assumem a vigilância. Assim, os comportamentos dos *malucos de estrada* passam a ser controlados para que não possam fazer o que precisam para sobreviver sem que uma lei seja infringida.

As “disciplinas” (FOUCAULT, 1997) veiculam o discurso da regra e da norma, por métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo. O castigo disciplinar tem a função de correção, de reduzir os desvios e reprimir os delitos assim como a minúcia dos regulamentos, o olhar das inspeções, o controle das mínimas parcelas de vida tem a função de adestrar.

O pensamento de Deleuze e Guattari (2012) sobre o poder parece corresponder ao que propõe Foucault, quando entende que a ciência do Estado impõe sua forma de soberania às invenções da ciência nômade, retendo somente aquilo de que pode apropriar-se, e do resto, limita, reprime ou proíbe, pois sua tarefa fundamental é estriar o espaço contra tudo o que ameaça transbordá-lo.

Por isso, segundo Deleuze e Guattari,

o Estado não se apropria dessa dimensão da máquina de guerra sem submetê-la a regras civis e métricas que vão limitá-la de modo estrito, controlar, localizar a ciência nômade, e proibi-la de desenvolver suas consequências através do campo social. (2012, p. 28)

No mês de janeiro de 2017, como foi observado, a fiscalização continuou diária e intensa, com a presença constante de grupos da Guarda Municipal, agentes de controle da SEDURB, policiais da Polícia Militar, indo e voltando de Tambaú a Cabo Branco e, portanto, inspecionando várias vezes

por dia a *Pedra de Maluco*. Por vezes, também passavam tempo parados ao lado dos *malucos de estrada*.

Como os agentes ou policiais passavam sempre dentro de um mesmo período de tempo, tal como um expediente de trabalho, os *malucos* entenderam que a fiscalização acontecia do começo da manhã até por volta das 22h. Os *malucos* então esperavam para armar as barracas de *camping* na areia depois que os fiscais paravam de passar ou na hora que acabavam de expor, por volta das 0h, e desarmavam-nas logo que acordavam, para que não fossem apreendidas por nenhuma fiscalização durante o dia.

Mas enganaram-se quando, no dia 11.01.2017, tal como prometido pelos agentes da SEDURB, os *malucos* foram surpreendidos por uma fiscalização em um horário anormal. Após às 22h, chegaram por volta de 150 homens entre policiais militares e fiscais da SEDURB, acompanhados de um delegado, que vieram da Avenida Nego, interrompendo o trânsito da Avenida Almirante Tamandaré.

Os policiais se posicionaram nas calçadas do Rango Bar (quiosque), da Estação Conveniência (mercearia) e do Bob's Burguers (restaurante *fast-food*), formando uma espécie de semicírculo, a fim de escoltar os fiscais da SEDURB que foram até a areia da praia para vasculhar a vegetação e recolher o mobiliário - como cadeiras, mesas, algumas tábuas de madeira, a geladeira e as barracas de *camping* que estavam armadas sobre a areia, dentre os quais alguns objetos chegaram a ser quebrados antes de serem recolhidos. Restou ainda o tronco de árvore que não conseguiram levar, mas tentaram destruí-lo, quebrando a tábua de aglomerado que estava pregada ao tronco.

Depois desse ocorrido, o dono do quiosque Palhoça Baiano com Gaúcho, amigo do grupo, sabendo da operação da Prefeitura, cedeu o espaço do seu salão para que eles pudessem dormir no período da noite, já que o bar funciona durante o dia até às 18h. Então assim, eles conseguiram lugar

para dormir, todos dentro do quiosque, com papelão ou dentro de suas barracas. (Figuras [F77] e [F78]).



A segunda abordagem policial aconteceu no dia 28.01.2017, também em horário atípico, como relatado na denúncia feita por um *maluco de estrada*, coletada na Ouvidoria do Município. (cf. Anexo 18) Os fiscais chegaram de madrugada, por volta de 01h30, procurando os *malucos* que dormiam na areia da praia, mas encontraram a maior parte dormindo dentro do quiosque. Um casal, que estava dentro da barraca, escutou o momento da chegada dos fiscais e o diálogo que se sucedeu. Os fiscais se questionaram se deveriam retirar os *malucos de estrada* do bar, mas uma terceira pessoa avisou que os *malucos* haviam recebido autorização do dono para dormir ali.

Os fiscais então abordaram um *maluco* que se encontrava afastado do grupo, próximo ao Rango Bar. Abriram sua barraca de *camping*, que estava armada sobre a areia da praia, onde dormia, ordenou que ele saísse, apreenderam seu material de trabalho e destruíram sua barraca.

Desde a Operação Verão 2015-2016, percebeu-se que nada foi noticiado em relação ao seu início nem nada foi publicado em relação aos ambulantes ou *malucos de estrada*. Foram coletadas, porém, duas denúncias junto a Ouvidoria do Município de apreensão de mercadoria e a solicitação do retorno dos trabalhos artesanais pelos envolvidos, conforme

Figura [F77] ↑

Figura [F78] ↑

Malucos de estrada dormindo no quiosque Palhoça Baiano com Gaúcho – João Pessoa/PB

Fonte: A autora (2018)

Anexos 16 e 17. Um fato a se observar é que, em todos os três casos – **Anexos 16, 17 e 18**, os denunciadores comentam a mesma conduta da Secretaria de Desenvolvimento Urbano: a mercadoria deles não foi devolvida.

No verão seguinte de 2016-2017, isso ocorreu de forma semelhante. Não foram mais encontradas notícias sobre o início da Operação Verão. Todavia, de acordo com a observação de campo, que estava sendo realizada, via-se o constante movimento de grupos de policiais militares, guardas civis e agentes de controle da SEDURB, intercalados, em todos os turnos do dia para observar a *Pedra* bem como para realizar as abordagens violentas e inesperadas as quais foram relatadas, o que parece sugerir que a falta de transparência está ligada ao abuso de autoridade.

Para Foucault (2016), entretanto, se quisermos apreender os mecanismos de poder em sua complexidade, não podemos nos ater unicamente à análise dos aparelhos de Estado. Essa nova microfísica do poder não é possível localizar em um tipo de instituição nem está situado somente na soberania das regras jurídicas ou dos aparelhos do Estado, mas seu exercício se amplia como uma rede de micropoderes que estabelecem uma produção, uma acumulação, uma circulação e um funcionamento de um discurso. Esse poder não soberano, é o poder disciplinar, exercido por meio de disposições, manobras, técnicas que trabalham sobre o domínio do corpo.

Dessa forma, podemos perceber que a tentativa de controle não vem somente do Estado, nas figuras da Secretaria de Desenvolvimento Urbano, da Secretaria de Meio Ambiente, da Guarda Municipal e da Polícia Militar, com recursos de leis e práticas de determinadas operações, mas também vindos da esfera dos comerciantes locais, o poder privado, a partir de métodos semelhantes de vigilância e de disciplina.

No dia 30.01.2017, os *malucos de estrada* realizavam um churrasco, quando a Guarda Municipal veio informá-los que estavam cometendo um crime ambiental ao provocarem

chamas nas proximidades da área de preservação permanente – a vegetação de restinga. Os *malucos* apontaram para as mesas e cadeiras do Rango Bar, dispostas fora do quiosque e sobre a mesma vegetação, e indagaram porque a fiscalização não se estendia também àquela prática. (**Figuras [F79] e [F80]**)



← **Figura [F79]**

Guarda municipal abordando os *malucos de estrada* no churrasco – João Pessoa/PB

← **Figura [F80]**

Mesas do Rango Bar – circuladas em vermelho - na areia enquanto acontecia o churrasco – João Pessoa/PB

Fonte: A autora (2018)



Os fiscais então responderam que eles só agiam mediante uma denúncia prévia e, como ninguém havia denunciado o bar, somente o churrasco do grupo, a medida imposta era o término do churrasco ou providências mais categóricas seriam tomadas na próxima ronda, ainda na mesma noite.

Sabendo disso, consultou-se a Secretaria de Desenvolvimento Urbano para a coleta das denúncias contra os *malucos de estrada*, por meio de um ofício de solicitação de acesso aos dados. Porém, nessa ocasião, o funcionário relatou não poder fornecer as denúncias, já que não estavam registradas de forma escrita e documental. Elas são recebidas

geralmente por chamadas telefônicas e, simplesmente, delega-se algum grupo de fiscais para irem averiguar o fato e realizar as apreensões, de forma imediata.

De toda forma, as fiscalizações realizadas na Praia de Tambaú mostram-se bastante parciais, uma vez que, em dezembro de 2016, foi observada a retirada da vegetação de restinga para a colocação de um palco para a festa de réveillon pelo Rango Bar, bem como a colocação de mesas e cadeiras na mesma ocasião e em dias subsequentes durante o verão, tal como foi exposto pelos *malucos de estrada* aos guardas municipais, no dia 30.01.2017. Essa prática foi observada do dia 31.12.2016 até o mês de abril de 2017 (**Figuras [81], [F82] e [F83]**)



↑ **Figura [F81]**

↑ **Figura [F82]**

Retirada da vegetação de restinga para colocação de um palco para a festa de réveillon pelo Rango Bar – João Pessoa/PB

← **Figura [F83]**

Mesas do Rango Bar sobre a areia – João Pessoa/PB

Fonte: A autora (2018)

Na madrugada do dia 25.01.2017, a vegetação existente no território dos *malucos de estrada* foi podada, conforme **Figura [F84]**, para que as barracas de *camping* e as

atividades que eles realizam atrás do arbusto que ali existia pudessem ser visíveis e melhor controladas. Essa poda não foi realizada pela Secretaria de Meio Ambiente, mas pelos seguranças do Bob's Burguers (restaurante *fast-food*) e da Estação Conveniência (mercearia). Esses funcionários assumem a tarefa de vigiar a orla para além dos estabelecimentos de que são contratados e parecem manter uma relação direta com a polícia, quando comunicam qualquer eventualidade que ocorre nas redondezas.



← Figura [F84]

Poda do arbusto da *Pedra de Maluco*— João Pessoa/PB

Fonte: A autora (2018)

Todas as noites, eles se reúnem na calçada da Estação Conveniência (mercearia) e observam o movimento das pessoas e os comportamentos dos *malucos de estrada*. Por vezes, atravessam a rua para fazer algumas interrogações pontuais aos artesãos, quando alguma situação observada parece-lhes estranha. Eles são também os responsáveis por cortar a vegetação quando cresce e impede a visualização do que as pessoas fazem atrás dela, e assim, poderem continuar vigiando sem interferências. Não obstante, geralmente fazem isso durante a madrugada.

A Estação Conveniência (mercearia) proíbe a permanência dos *malucos de estrada* nas mesas dentro e fora do seu estabelecimento. Na verdade, as mesas de fora foram instaladas sobre a jardineira inutilizada justamente para impedir que os *malucos* ali sentassem ou deitassem (**Figura**

[F85]), como costumavam fazer no horário da tarde – quando a *Pedra* está ao sol e o outro lado da rua tem sombra.



← Figura [F85]

Mesas colocadas sobre a jardineira da Estação Conveniência – João Pessoa/PB

Fonte: A autora (2018)

O dono já expulsou os *malucos de estrada* diversas vezes, alegando que a presença do grupo desfavorece a imagem do seu comércio e que, se eles ocupam alguma mesa, isso pode afastar o tipo de cliente que ele deseja atrair. Ele só permite que os *malucos* comprem os produtos e saiam e, se compram, tem a permissão de usar o banheiro.

O Rango Bar (quiosque) também demonstra bastante incômodo com a presença dos *malucos de estrada* e controla a presença do grupo na orla com algumas práticas pontuais. Além de proibir que eles utilizem o banheiro ou até mesmo que consumam, de tempos em tempos, o Rango Bar liga para SEMAM vir podar os coqueiros que estão ao redor do quiosque, o que interfere diretamente na possibilidade de sombra no território dos *malucos*, na intenção que eles mudem de local e se afastem do quiosque.

Os *malucos* relatam a existência de espécies de castanholas que proporcionavam uma sombra mais densa e duradoura na *Pedra*. Essas árvores foram cortadas porque a Secretaria de Meio Ambiente teria alegado estarem doentes, o que explica a existência de troncos de castanholas cortados ao lado do quiosque Rango Bar (Figura [F86])



← Figura [F86]

Troncos de castanholas cortados –
circulados em vermelho – João
Pessoa/PB

Fonte: A autora (2018)

Essa mesma prática, todavia, já havia sido realizada com as árvores que se encontravam ao lado do Hotel Tambaú quando a *Pedra de Maluco* estava lá instalada. Várias espécies de castanholas foram cortadas pela SEMAM, o que fez com que os *malucos* mudassem a *Pedra* para a atual localização, onde havia uma frondosa sombra de castanhola. Isso gerou certa desconfiança por parte dos *malucos* quanto à veracidade dos laudos da SEMAM sobre as árvores doentes, já que parecem coincidir com a presença deles no local.

Sendo assim, elaborou-se um mapa a fim de sintetizar as estratégias de controle que interferem na vida dos *malucos de estrada* na Orla de Tambaú, seja de estabelecimentos privados, seja de políticas do Estado. (Figura [F87])

A análise de Michel de Certeau (1994) mostra-se pertinente para caracterizar a vida do *maluco de estrada* no que diz respeito às práticas do grupo, podendo entendê-las como “táticas desviacionistas que não obedecem à lei do lugar”. Certeau (1994) utiliza o binômio estratégia-tática para definir as diferentes “maneiras de fazer” ou práticas cotidianas e, assim, diferenciar que as estratégias são usadas pela disciplina e organizadas pelo postulado de um poder, enquanto as táticas compõem o que ele chama de antidisiplina e são determinadas, portanto, pela ausência de poder.

Figura [F87] ↓

Estratégias de controle da *Pedra de Maluco* pelo público e pelo privado –
João Pessoa/PB

Fonte: PMJP, editado pela autora
(2018)



A partir do momento em que há uma relação de poder, há uma possibilidade de resistência e, portanto, existem procedimentos populares igualmente minúsculos que jogam com os mecanismos da disciplina e não se conformam com ela a não ser para alterá-la. (CERTEAU, 1994)

A diferença entre estratégia e tática está definida, sobretudo, pela propriedade. A estratégia postula um lugar capaz de servir de base a uma gestão de suas relações, que seria a vitória do lugar sobre o tempo, ao contrário da tática que não dispondo de um próprio para assegurar sua independência em face das circunstâncias, depende do tempo, de aproveitar a ocasião e os momentos oportunos para agir.

Assim como Foucault (2016), Certeau (1994) concorda que as estratégias elaboram lugares teóricos – sistemas e discursos totalizantes, capazes de articular um conjunto de lugares físicos onde as forças se distribuem, enquanto as táticas utilizam-se das falhas que vão se abrindo na vigilância do poder proprietário e constituem-se como “o movimento dentro do campo de visão do inimigo e no espaço por ele controlado”. A tática, portanto, não tem por lugar senão o do outro, é a arte do fraco em vencer o poder pela maneira de aproveitar a ocasião.

Nos meses de fevereiro a junho de 2017, o movimento de turistas caiu consideravelmente e a fiscalização já não passava mais. Com isso, os *malucos de estrada* começam a relaxar sobre as proibições e restrições que foram feitas no mês de janeiro – como colocar o pano de chão no banco e não armar a barraca de *camping* na areia.

As tábuas que usavam para armar os *panos de chão* começaram a estragar-se, devido à umidade da praia e às eventuais chuvas, e foram, aos poucos, sendo descartadas. Os *panos de chão* voltaram a ser armados no chão por alguns membros, enquanto outros ainda permaneciam receosos, colocando-os ainda sobre os bancos. (Figuras [F88] e [F89]) As barracas voltaram a ser armadas na areia e, algumas vezes,

encobertas pela vegetação. Mas ainda não ocorriam churrascos.

Os *malucos de estrada* restringiram novas aquisições de móveis, temerosos por outras operações surpresas. Somente uma mesa de plástico foi coletada no lixo e, no Rango Bar, conseguiram cadeiras de madeiras quebradas que foram rearranjadas com arame.

Figura [F88] ↓

Figura [F89] ↓

Exposição dos malucos de estrada a partir do mês de fevereiro – João Pessoa/PB

Fonte: A autora (2018)



Em abril de 2017, o Rango Bar contatou a Prefeitura para realizar uma poda nos coqueiros ao redor do seu quiosque. (Figura [F90]) Ao mesmo tempo, a Prefeitura publicou uma notícia que a SEDURB concluía a limpeza de 1.400 coqueiros nas praias de Cabo Branco, Tambaú, Manaíra e Bessa. (cf. Notícia [N8], Anexo 8). De acordo com o que foi observado na vivência, na *Pedra de Maluco*, a poda parece ter ocorrido de forma mais estratégica, sendo realizada a limpeza nos coqueiros mais próximos ao Rango Bar, que pode ter ocorrido em virtude do feriado de Páscoa que se aproximava.

Figura [F90] ↓

Poda dos coqueiros do Rango Bar – explicada em vermelho – João Pessoa/PB

Fonte: A autora (2018)



Sendo assim, os *malucos de estrada*, sem sombra para permanecer na área que ocupavam, mudaram de local e passaram a expor a 50 metros de distância, em uma área onde nenhum coqueiro havia sido podado. Durante o mês de abril e maio, portanto, a *Pedra de Maluco* ocupou outra área na Orla

de Tambaú, de modo que uma nova espacialidade precisou ser criada, os objetos e as atividades precisaram ser relocados e reordenados, de acordo com a configuração e os recursos materiais do novo território. (Figuras [F91] e [F92])



← Figura [F91]

↓ Figura [F92]

Novo espaço ocupado pelos *malucos de estrada* em abril e maio – João Pessoa/PB

Fonte: A autora (2018)



Lá não conseguiam criar uma área de estar atrás do banco da orla, já que, nesse trecho, a vegetação de restinga era mais densa. Essa área ficou mais apropriada para deitar e ficar na sombra. Entretanto, o novo local permitiu criar um espaço para a churrasqueira, onde voltaram a preparar comida. A socialização do grupo passou a ser feita próximo à churrasqueira, onde a vegetação era mais baixa, ainda que estivesse longe da calçada e dos *panos de chão*.

O movimento dos *malucos de estrada* nessa época mudou. Deixaram de percorrer o litoral e começam a ir para o interior do estado ou para outras regiões do país, como as regiões Norte e Centro-Oeste, chegando ao mês de junho, com pouquíssimos *malucos* na Orla.

Em junho de 2017, já havia começado o período de chuvas constantes e pouco movimento de pessoas na praia, e portanto, conforme já relatado anteriormente, eles começam a viajar para as festas de São João em Campina Grande-PB e

Caruaru-PE, que iniciaram no primeiro final de semana do mês, até que, ao final do mês, muitos já haviam deixado a cidade.

Durante o mês de junho de 2017, a *Pedra de Maluco* havia retornado para o local de origem, mas algumas mudanças foram percebidas na espacialização. Os *malucos de estrada* decidiram relocar a churrasqueira para a área de estar próxima ao banco próximo ao Rango Bar, que ocupavam anteriormente, pois ali não havia vegetação de restinga, somente areia. (Figuras [F93] e [F94])



Como haviam deixado o local durante dois meses, o arbusto havia crescido, portanto, estava bem denso, o que permitia maior privacidade das atividades realizadas atrás do banco. Contudo, nesse momento, os seguranças não o destruíram, muito provavelmente porque não havia muitos *malucos* na *Pedra* e as atividades atrás da vegetação não eram tão intensas.

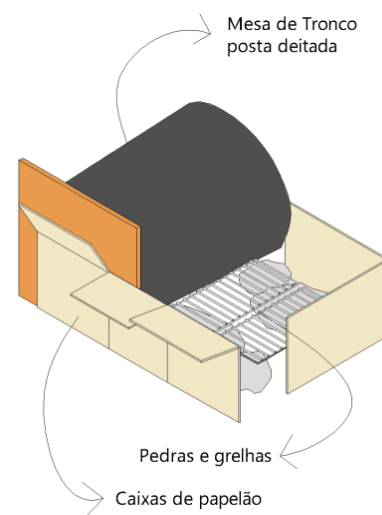
Como resumo de todos os eventos apreendidos na observação de campo, montou-se uma linha do tempo de setembro de 2016 a junho de 2017, estabelecendo uma relação entre o controle em relação aos *malucos de estrada* e a época do ano. Se desconsiderarmos as ações pontuais que ocorreram em setembro, outubro (2016) e abril (2017), torna-

↓ Figura [F93]

↓ Figura [F94]

Nova churrasqueira no mês de junho – João Pessoa/PB

Fonte: A autora (2018)



se perceptível que, as ações de vigilância e punição ocorrem continuamente nos meses de dezembro e janeiro – o auge do turismo de verão. (**Quadro [Q5]**)

SET	Apreensão da tenda
OUT	Apreensão do guarda-sol
NOV	
DEZ	Proibição dos <i>panos de chão</i> na calçada
	Proibição das barracas de <i>camping</i> na areia da praia
	11.01 Apreensão do mobiliário
JAN	25.01 Poda do arbusto
	28.01 Apreensão de barraca e material de trabalho
	30.01 Proibição do churrasco
FEV	
MAR	
ABR	Poda dos coqueiros
MAI	
JUN	

← **Quadro [Q5]**

Ações de controle da PMJP

Fonte: A autora (2018)

Com a chegada do verão de 2015-2016, o Prefeito inaugurou a nova pavimentação da calçada da Orla de Tambaú e de Cabo Branco, que substituiu os azulejos escorregadios por blocos intertravados de cimento antiderrapantes, como também foram construídos dois bancos e dois bicicletários na Orla de Tambaú.

Entretanto, percebe-se que os bancos seguem o mesmo padrão de toda a orla: sem encosto, de concreto, totalmente horizontal, gerando um tempo de permanência mínimo em virtude do desconforto causado, o que não combina com o discurso do Prefeito, na **Notícia [N9]** (Anexo 9), quando afirma ter como objetivo “dotar a cidade com equipamentos públicos de qualidade”.

O Prefeito também faz referência às outras obras da sua gestão, “é o mesmo trabalho que fizemos no outro trecho da orla, nas diversas praças que revitalizamos ou construímos,

como a Praça da Independência e a Praça da Juventude, e na obra da nova Lagoa”, utilizando constantemente os termos “Novo” ou “Nova”, citados nos termos “Nova calçadinha”, “Novo Parque da Lagoa” etc. como forma de difundir ideias de revitalização e de grandes melhorias para a população.

Os trechos “Nós trabalhamos para transformar João Pessoa em uma cidade cada vez mais bonita e mais moderna” e “O gestor destaca que a obra da calçadinha faz parte de um conjunto maior de ações que tem promovido uma transformação urbanística em João Pessoa” revelam a tentativa do atual prefeito em construir uma verdade e persuadir a população sobre uma suposta qualidade das obras da Prefeitura, quando utiliza os termos “mais bonita”, “mais moderna” e “transformação urbanística”¹⁵.

O trecho “este é um conceito que as principais cidades do mundo têm adotado” (cf. **Notícia [N9]**, Anexo 9) merece destaque por estabelecer uma ligação direta ao letreiro instalado com a frase “Eu amo Jampa”, que foi inaugurado como “Novo Busto de Tamandaré”. (**Figura [F95]**) Porém, outra **Notícia [N10]** (Anexo 10) anuncia que, seis meses após a instalação, o letreiro já apresentava problemas na estrutura de madeira, com buracos e infiltração de água.



← **Figura [F95]**
Letreiro instalado no Busto de
Tamandaré – João Pessoa/PB
Fonte: A autora (2018)

¹⁵ As expressões, os termos e as falas utilizadas podem ser melhor analisadas utilizando a metodologia da análise do discurso. Porém, esse não foi o propósito desta pesquisa, o que não impossibilita o destaque e a interpretação dada.

Ainda assim, em virtude da inauguração desse dispositivo, o gestor afirmou estar implantando o mesmo conceito de transformação encontrado em várias cidades turísticas do mundo, o que na verdade mostra o seu intuito em colocar a cidade no cenário internacional e vendê-la como objeto turístico, ou seja, como mercadoria. É o que explica Vainer:

Talvez esta seja, hoje, uma das ideias mais populares entre os neoplanejadores urbanos: a cidade é uma mercadoria a ser vendida, num mercado extremamente competitivo, em que outras cidades também estão à venda. Isto explicaria que o chamado *marketing urbano* se imponha cada vez mais como uma esfera específica e determinante do processo de planejamento e gestão de cidades. Ao mesmo tempo, aí encontraríamos as bases para entender o comportamento de muitos prefeitos, que mais parecem vendedores ambulantes que dirigentes políticos. (2009, p.78)

Mesmo considerando que a cidade de João Pessoa esteja distante do que vem ocorrendo com cidades denominadas de *City Marketing* ou também de Cidades Empresas (VAINER, 2009), observa-se nas ações do Prefeito e dos discursos midiáticos o objetivo de vender a cidade como objeto turístico.

Na **Notícia [N11]** (Anexo 11), o secretário adjunto de Turismo deixa claro o objetivo da PMJP de atrair turistas internacionais, enquanto outras ações mais concretas corroboram esse discurso, tal como a abertura de voos para Buenos Aires no Aeroporto Castro Pinto, que começaram a ser operado em 1º de julho de 2017 (cf. **Notícia [N12]**, Anexo 12) e de um futuro voo para Amsterdam, que começou a ser negociado no mês de junho de 2017 (cf. **Notícia [N13]**, Anexo 13).

Como uma visão geral das notícias coletadas no *site* da PMJP, foi percebido um forte apelo midiático e o aumento no investimento e na propaganda do turismo, a fim de promover

os atrativos da cidade, enaltecendo as obras de reforma realizadas pela atual gestão municipal e, com isso, reafirmando um discurso da “revitalização” de vários espaços públicos da cidade de João Pessoa. Tais ações não incluem grupos como os *malucos de estrada*, já que estes não são turistas, mas sim “estranhos”.

Tal como a Operação Verão e Turismo Sustentável coexistem com a reforma da “Nova Calçadinha”, na Orla de Tambaú, as notícias também mostram que a “Novo Parque da Lagoa” passou a ser lugar de repressões a ambulantes, pois após a sua “inauguração”, em junho de 2016 (cf. **Notícia [N14]**, Anexo 14), os ambulantes foram impedidos de circular no parque, até que atos de protesto em virtude da apreensão de mercadorias se sucederam, em dezembro de 2016. (cf. **Notícia [N15]**, Anexo 15)

Segundo Jacques (2005), no processo urbanístico espetacular, a cidade se torna um cenário criado para turistas, criam-se paisagens urbanas idênticas e elimina-se a cultura local própria, visando o turista e não o habitante local. Os projetos, amparados na ideia de *marketing urbano*, criam um tipo ou padrão de intervenção, constroem a marca da cidade e passam vendê-la nas redes internacionais de turismo como peças de consumo.

Os espaços, antes culturalmente diferenciados e heterogêneos, são submetidos a ações de assepsia e ordenação. Tornam-se pacificados, aparentemente destituídos dos seus conflitos ou usos conflituosos inerentes e próprios do espaço público, para que se tornem espaços luminosos, midiáticos e espetaculares.

A pacificação – a construção de consensos, que busca esconder os conflitos – aparece como uma forma de despolitização. O consenso exclui aquilo que é o próprio cerne da política quanto do espaço público: o dissenso, a possibilidade de se opor um mundo sensível a um outro.

Os projetos urbanos insinuam uma falta de vida no espaço e uma necessidade de “revitalização”, quando, na realidade, o desejo é que o tipo de vida seja substituído e a infraestrutura esteja a serviço do controle de comportamentos e da seleção de atores desejados. Esse é, portanto, um momento de crise da noção de cidade, enquanto campo de ação dos movimentos sociais e condição de coexistência da diversidade.

Segundo Jacques (2005), existe uma relação diretamente proporcional entre espetacularização e *gentrificação*, uma vez que o processo de espetacularização urbana traz sempre consigo um tipo de *gentrificação espacial*, termo utilizado pela autora para caracterizar a expulsão dos mais pobres das áreas de intervenção.

Vainer concorda que a transformação da cidade em mercadoria repercute no olhar lançado sobre a pobreza urbana, de modo que a passa a ser redefinida estrategicamente como problema paisagístico (ou ambiental), uma vez que a mercadoria-cidade tem um público consumidor muito específico e qualificado e está “destinada a um grupo de elite de potenciais compradores: capital internacional, visitantes e usuários solváveis” (VAINER, 2009, p.82)

Temos, de fato, a transformação do espaço em mercadoria e, conseqüentemente, a crise da noção de cidade enquanto prática sócio-espacial, pela contradição entre valor de troca e valor de uso, assim como comenta Carlos:

Assim, o espaço-mercadoria se propõe para a sociedade como valor de troca, destituído de seu valor de uso e, nessa condição, subjugando o uso, que é condição e meio da realização da vida social, às necessidades da reprodução da acumulação como imposição para a reprodução social. É nesse processo que o valor de troca ganha uma amplitude profunda – o que pode ser constatado pela produção dos simulacros espaciais como decorrência de revitalizações urbanas, ou pelas exigências do desenvolvimento do turismo. (2001, p.61)

Os *malucos de estrada* representam, todavia, os praticantes da cidade que permanecem resistentes à pacificação e à homogeneização pela reinvenção dos modos de fazer e pela apropriação e ocupação que contraria, desvia e subverte as imposições autoritárias e os usos planejados do espaço público pelos projetos espetaculares, provocando conflitos e dissensos, e coexistindo nas margens e desvios da cidade-cenário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação analisou a apropriação do espaço público – a Orla de Tambaú em João Pessoa – pelos sujeitos denominados *malucos de estrada*.

Primeiramente, caracterizaram-se os elementos fundamentais da cultura e do modo de vida (MAIA, 2000) dos *malucos de estrada*, que se expressam como artistas e artesãos de rua, nos espaços públicos, ao mesmo tempo em que se estabelecem como nômades (BARBOSA, 2008) e viajam constantemente de uma cidade para outra.

Ainda que o desenvolvimento do capitalismo tenda a reduzir as diferenças e homogeneizar todas as sociedades, no plano do cotidiano, outros modos de vida emergem na cidade, num movimento contra-hegemônico de contestação à lógica imposta à vida urbana.

As táticas dos *malucos de estrada*, no sentido dado por Certeau (1994) e definidas por Milton Santos (2008) como contra-racionalidades, ultrapassam a barreira da práxis repetitiva e apresentam-se no campo da espontaneidade como aquilo que escala ao mundo da mercadoria.

Os *malucos de estrada* seriam os homens lentos (SANTOS, 2008) que optam por um modo de vida alternativo, resistente à racionalidade dominante e à sociedade de consumo e compartilham da ideia de viverem às margens do sistema capitalista, porém não fora deste.

O artesanato, produzido apenas como forma de subsistência, mostra a discordância com a produção industrial em série, com a obtenção de lucros e a negação da propriedade privada, além de permitir a flexibilidade de conhecer outros lugares, manter-se itinerantes e supostamente livres.

Em cada cidade que passam, ocupam os espaços públicos e criam a *Pedra de Maluco*, local onde desenvolvem o

trabalho – a produção e a comercialização de produtos artesanais - juntamente com a construção do habitat.

A apreensão da *Pedra de Maluco* de João Pessoa sugeriu a existência de uma circunscrição sócio-geográfica delimitada e a conformação de um *nanoterritório* (SOUZA, 2013) pelo processo de apropriação e diferenciação dentro do contexto dos moradores de rua, considerando que o território é um “campo de força” que só existe como projeção espacializada das relações de poder, enquanto estas durarem.

No caso dos *malucos de estrada*, considerou-se não somente o fato de serem moradores de rua e de criarem um território no espaço público, mas foi preciso compreender que a *Pedra de Maluco* também representa a natureza nômade de seus membros, a partir de uma espacialização que mais se aproxima de um vazio do que propriamente de um espaço ocupado por objetos, a qual só pode ser compreendida se for habitada ou experienciada.

Embora a *Pedra de Maluco* não configure uma construção física do espaço, esse território representa a manutenção do modo de vida e a perpetuação da cultura e dos valores adotados pelos *malucos de estrada*, tal como a vida em família - a *malucada*, em um processo de identificação e de construção da própria identidade. Cria-se um vínculo afetivo, dota-se de valor aquele espaço e modificam-se os seus significados, transformando-o em Lugar.

Dentro do contexto do espaço público, a *Pedra de Maluco* é a expressão da individualidade dentro de um universo plural em que o *maluco de estrada* torna-se coprodutor do espaço público.

Entretanto, o uso do espaço público na cidade está sob a administração da Prefeitura Municipal. No período da pesquisa, ao identificar como as ações urbanísticas de controle e vigilância interferem na vida do *maluco de estrada*, verificou-se uma tentativa de segregação, visando eliminar a relação

entre atores distintos, a diversidade de culturas e a evolução da vida social.

As normas de utilização do espaço público trazem efeitos nos modos e na intensidade de apropriação pela população, alterando os comportamentos e o tipo de sociabilidade construída, quando permite ou dificulta certos modos de vida.

Isso afeta a natureza do espaço público, terreno onde se exprime tensões, o conflito se transforma em debate e a problematização da vida é posta em cena, o que o torna marcador fundamental da transformação social.

Para proteger a vida urbana, as políticas higienísticas vigiam e criminalizam um modo de vida “anormal”, utilizando-se de leis que estabelecem os procedimentos e de fiscais que assumem a vigilância a fim de que os comportamentos dos *malucos de estrada* possam ser controlados para que não façam o que precisam para sobreviver sem que uma lei seja infringida.

Através de justificativas técnicas, as Secretarias de Desenvolvimento Urbano e de Meio Ambiente podam os coqueiros, matam castanholas e realizam apreensões de mercadorias, objetivando os *malucos de estrada* como criminosos nos seus exercícios de poder.

A prática do trabalho de campo permitiu não somente se colocar no ponto de vista do Outro e na desestabilização para outras formas de olhar o mundo, mas a partir de um olhar no microcosmo dos *malucos de estrada*, as perspectivas deste estudo se ampliaram para a compreensão da macroescala da cidade e das ações urbanísticas da Prefeitura Municipal de João Pessoa, através da Operação Verão e Turismo Sustentável.

E, embora se tenha partido de um estudo de um grupo social, foi igualmente importante considerar o espaço físico, na tentativa de articular as dimensões das formas construídas e das práticas sociais. Na observação da experiência do *maluco*

de estrada percebeu-se a precariedade física da Orla de Tambaú que, localizada em uma área de clima tropical, não oferece elementos de coberta ou elementos arbóreos que proporcionem sombra, nem sequer a existência de banheiros públicos. Os banheiros dos quiosques têm o seu uso submetido ao consumo de bebidas ou comidas ou mesmo a depender do grupo social ao qual pertence o usuário.

De forma geral, esta dissertação propôs uma abertura do campo disciplinar da Arquitetura e do Urbanismo, inicialmente pela adoção de uma abordagem etnográfica e, posteriormente, a incorporação de conceitos da Antropologia, da Geografia, da Filosofia e da Sociologia, reconhecendo que, no estudo da cidade, não é possível manter rígidas as divisões disciplinares.

A consciência da realidade permite a compreensão da existência da alienação e da segregação. Manter as diferenças e construir espaços de liberdade mostra-se como um caminho democrático para que seja possível o debate sobre direitos e a elaboração de políticas públicas que diminuam a desigualdade social.

- BARBOSA, Lara Leite. **Design sem fronteiras: a relação entre o nomadismo e a sustentabilidade**. Tese de Doutorado (Design e Arquitetura) - Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2008.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **O trabalho do antropólogo**. Brasília: Editora Paralelo 15; São Paulo: Editora Unesp, 2006.
- CARERI, Francesco. **Walkscapes: o caminhar como prática estética**. São Paulo: Editora G. Gili, 2013.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Espaço-tempo na metrópole: A fragmentação da vida cotidiana**. São Paulo: Editora Contexto, 2001.
- CARRANZA, Edite Galote Rodrigues. **Arquitetura Alternativa: 1956-1979**. Tese de Doutorado (História e Fundamentos da Arquitetura e Urbanismo) - Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2012.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: a arte de fazer**. Petrópolis: Editora Vozes, 1994.
- DEBORD, Guy-Ernest. **Crítica ao Urbanismo**. In: JACQUES, Paola Berenstein. *Apologia da deriva: Escritos situacionistas sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Editora Casa da Palavra, 2003, pp. 132-138.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs : capitalismo e esquizofrenia. v.5**. São Paulo: Editora 34, 2012.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2016.
- FREUD, Sigmund. **O estranho (1919)** In: FREUD, Sigmund. *Uma Neurose Infantil e outros trabalhos*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. XVII. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1976.
- GOOGLE. **Google Maps**. Disponível em: <<https://www.google.com/maps>>. Acesso em: 02 out. 2018.
- GOMES, Paulo Cesar da Costa. **Espaços públicos: um modo de ser do espaço, um modo de ser no espaço**. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. (Org.). *Olhares geográficos: modos de ver e viver o espaço*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2012. pp. 19-41.
- HAESBAERT, Rogério. **Território e Multiterritorialidade: um debate**. GEOgraphia (UFF), v. 17, pp. 19-45, 2008.
- _____. **Viver no limite: território e multi/transterritorialidade em tempos de in-segurança e contenção**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2014.
- HOUAISS, Antônio ; VILLAR, Mauro de Salles. **Minidicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2009.

IBGE. **Censo Demográfico, 2010**. Disponível em: <140WW.ibge.gov.br>. Acesso em: 02 out. 2018

JACQUES, Paola Berenstein. **Errâncias urbanas: a arte de andar pela cidade**. Caminhos alternativos à espetacularização das cidades. ARQTEXT0 (UFRGS), Porto Alegre, 2005, pp. 16-25.

_____. **Elogio aos errantes: a arte de se perder na cidade**. In: Henri Pierre Jeudy; Paola Berenstein Jacques. (Org.). *Corpos e Cenários Urbanos*. 1ed. Salvador: EDUFBA, 2006, v. 1, pp. 117-139.

KASPER, Christian Pierre. **Habitar a rua**. Tese de Doutorado (Ciências Sociais). Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, 2006.

LAGE, Rafael; SOARES, Ariane. **A beleza da margem, a margem da beleza**. (Blog) Disponível em: <<https://belezadamargem.wordpress.com/>>. Acesso em: 02 out. 2018.

LEFEBVRE, Henri. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Editora Ática, 1991.

_____. **A produção do espaço**. Tradução de Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins, 2006. Disponível em: <http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/arq_interface/1a_aula/A_producao_do_espaco.pdf> (Texto original: *La production de l'espace*. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000)

LEITÃO, Leonardo. **Sobre Malucos e Micróbios: estilo de vida e trajetórias de artistas nômades**. Dissertação de Mestrado (Antropologia). Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, 2014.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no pedaço: Cultura popular e lazer na cidade**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

MAIA, Doralice Sátyro. **Tempos lentos na cidade: permanências e transformações dos costumes rurais em João Pessoa – PB**. Tese de Doutorado (Geografia Humana) - Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2000.

MALINOWSKI, Bronisław. **Introdução: o assunto, o método e o objetivo desta investigação**. In: DURHAM, Eunice Ribeiro. *Malinowski*. São Paulo: Editora Ática, 1986.

MARQUEZ, Renata; CANÇADO, Wellington (Org.). **Atlas Ambulante**. Belo Horizonte: Instituto Cidades Criativas, 2011.

PREFEITURA MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA (PMJP). **Jampa em Mapas**. Disponível em: <<http://www.joaopessoa.pb.gov.br/secretarias/seplan/jampa-em-mapas/>>. Acesso em: 02 out. 2018.

_____. **Código de Posturas do Município de João Pessoa**. Lei Complementar nº 7, 1995. Disponível em: <<http://www.joaopessoa.pb.gov.br/legislacao/codigo-de-posturas-joao-pessoa/>>

RIBEIRO, Ana Clara Torres *et al.* **Por uma cartografia da ação: pequeno ensaio de método**. Cadernos IPPUR, Ano XV, N.2 e Ano XVI, N.1, 2001 e 2002, pp. 33-52.

RIBEIRO, Ana Clara Torres. **Homens Lentos, Opacidades e Rugosidades**. *ReDObRa*, v. 9, 2012, pp. 58-71.

_____. **Oriente negado: cultura, mercado e lugar**. Cadernos PPG-AU/FAUFBA, v. II, 2004, pp. 97-107.

SÁ, Nirvana L. A. R. de. **A cidade no despertar da era higiênica: A Cidade da Parahyba e o Movimento Higienista (1854-1912)**. Dissertação de Mestrado (Geografia). Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, 2009.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: Técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

SENNETT, Richard. **O declínio do homem público: as tiranias da intimidade**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1988.

SIMMEL, George. **O Estrangeiro (1919)**. Tradução de Mauro Guilherme Pinheiro Koury. RBSE - Revista Brasileira de Sociologia da Emoção, v. 4, nº 12, 2005a. pp. 350-357. (Texto original: SIMMEL, George. Soziologie. Untersuchungen über die Formen der Vergesellschaftung. Berlim, Duncker e Humblot Editores, 1908, pp. 509 a 512).

_____. **A metrópole e a vida do espírito (1903)**. Tradução de Leopoldo Waizbort. Revista Mana, v. 11, nº 2, 2005b, pp. 577-591. (Texto original: SIMMEL, Georg. Gesamtausgabe. Frankfurt: M. Suhrkamp. 1995, pp. 116-131).

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2013.

STRAPPAZZON, André Luiz. **Experiência nômade e produção de modos de vida**. Tese de Doutorado (Psicologia). Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2017.

VAINER, Carlos B. **Pátria, empresa e mercadoria. Notas sobre a estratégia discursiva do Planejamento Estratégico Urbano**. In: ARANTES, Otília; VAINER, Carlos; MARICATO, Ermínia. A cidade do pensamento único: desmanchando consensos. Petrópolis: Editora Vozes, 2009. p. 75-103.

VIEIRA, Maria Antonieta da Costa; BEZERRA; Eneida Maria Ramos; ROSA, Cleisa Moreno Maffei (Org.). **População de rua: Quem é, como vive, como é vista**. São Paulo: Hucitec, 1992.

ANEXO 01 - Notícia [N1]

PREFEITURA MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA (PMJP). **Sedurb inicia ação para retirada de ambulantes irregulares das ruas da Capital.** Notícias, João Pessoa, 03 dez. 2014. Disponível em: <http://www.joaopessoa.pb.gov.br/sedurb-inicia-acao-para-retirada-de-ambulantes-irregulares-das-ruas-da-capital/>. Acesso em 02 out. 2018.

Sedurb inicia ação para retirada de ambulantes irregulares das ruas da Capital

Por - em 03 dez 14

386

A Prefeitura Municipal de João Pessoa, por meio da Secretaria de Desenvolvimento Urbano (Sedurb) e Guarda Civil Municipal, iniciou, nesta terça-feira (2), a 'Operação Verão'. O objetivo é cumprir o Código de Posturas do Município e fazer um reordenamento de toda cidade. Uma delas é a retirada de ambulantes que se encontram de maneira irregular nas ruas da Capital. A ação deve se estender até março de 2015.



Na noite desta terça-feira (2), cerca de 30 agentes de controle urbano e guardas civis municipais estiveram fiscalizando a orla de João Pessoa, mais especificamente nos bairros de Tambaú e Cabo Branco. "Nossa intenção é fazer uma varredura nos pontos considerados críticos da Capital, onde os comerciantes informais ocupam calçadas e bloqueiam os passeios públicos", disse o secretário de Desenvolvimento Urbano, João Almeida.

O secretário ainda reforçou o papel do agente de controle urbano no município. "O pessoense merece ter uma calçada limpa e livre para andar e praticar atividades físicas. A ideia é mostrar a população que o agente de controle urbano é um parceiro da sociedade, que deve zelar pelo direito de ir e vir da população", afirmou João Almeida.

No primeiro dia da Operação Verão, nenhuma mercadoria foi apreendida. "Primeiramente, precisamos fazer uma abordagem educativa com os comerciantes informais, que entenderam o recado e fizeram sua parte. A Prefeitura está fazendo cumprir a Lei, que não permite esse tipo de comércio obstruindo as calçadas", garantiu o secretário da Sedurb.

A Guarda Civil Municipal também participou da ação. "Nós estamos dando todo apoio logístico à Sedurb, disponibilizando carros, motos, além de vários homens da Guarda. Também estamos aqui para garantir a segurança da população", informou o comandante da Guarda Civil Municipal, coronel Marconi.

ANEXO 02 - Notícia [N2]

PREFEITURA MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA (PMJP). **Sedurb intensifica ação para reordenamento da orla da Capital.** Notícias, João Pessoa, 12 dez. 2014. Disponível em: <<http://www.joaopessoa.pb.gov.br/sedurb-intensifica-acao-para-reordenamento-da-orla-da-capital/>>. Acesso em 02 out. 2018.

Sedurb intensifica ação para reordenamento da orla da Capital

Por - em 12 dez 14

390



A Prefeitura Municipal de João Pessoa, por meio da Secretaria de Desenvolvimento Urbano (Sedurb), intensificou as ações relativas a 'Operação Verão'. O objetivo é cumprir a lei do Código de Posturas do Município e fazer um reordenamento de toda cidade. Uma delas é a retirada de ambulantes que se encontram de maneira irregular nas ruas da Capital.

Nesta quarta-feira (10), a Secretaria adquiriu três motocicletas que irão auxiliar no trabalho dos agentes de controle urbano que fiscalizam toda região da orla de João Pessoa, entre as praias de Cabo Branco e Bessa.

"Desde a semana passada que estamos intensificando essa fiscalização, para que não haja nenhum tipo de irregularidade", afirmou o secretário de Desenvolvimento Urbano, João Almeida.

Todos os comerciantes informais que estejam em pontos fixos e obstruindo o passeio público estão sendo notificados pelos agentes de controle urbano. "O próprio nome já diz que o ambulante não pode ficar parado e ocupando o lugar que é do pedestre. Após a notificação, o comerciante tem 24 horas para sair do local. Caso isso não ocorra, a mercadoria é apreendida", disse.

Uso de patins e skates – Outra fiscalização que está sendo feita na orla é o trânsito indevido de skates, patinetes, patins, minimotos elétricas ou movidas a combustível e bicicletas. "É importante fazer com que os jovens percebam que estas áreas são destinadas a pedestres e eles podem praticar suas atividades em locais destinados a isso, como as praças públicas", disse Almeida.

Operação Verão – A Operação Verão iniciou na última terça-feira (2) com o intuito de reordenar a orla de João Pessoa. Cerca de 30 homens da Secretaria de Desenvolvimento Urbano, além de guardas civis municipais, participam da ação diariamente, que deve se estender até o mês de março de 2015.

ANEXO 03 - Notícia [N3]

PREFEITURA MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA (PMJP). **Operação lançada hoje já dá assistência a turistas e visitantes da orla pessoense.** Notícias, João Pessoa, 02 jan. 2015. Disponível em: <<http://www.joaopessoa.pb.gov.br/operacao-lancada-hoje-ja-da-assistencia-a-turistas-e-visitantes-da-orla-pessoense/>>. Acesso em 02 out. 2018.

Operação lançada hoje já dá assistência a turistas e visitantes da orla pessoense

Por - em 02 jan 15

99



A Operação 'João Pessoa Verão' foi lançada na manhã desta sexta-feira (02), durante café da manhã, no Busto de Tamandaré. A ação tem como objetivo promover o bem estar dos visitantes da orla da Capital, além do ordenamento do comércio informal, fiscalização dos estabelecimentos do ramo alimentício, prestação de serviços educativos e tecnológicos.

A ideia, segundo o prefeito Luciano Cartaxo, é que a ação conjunta envolvendo 13 secretarias e órgãos do município possa transformar João Pessoa numa cidade referência não apenas no recebimento do turista, como também no atendimento ao cidadão pessoense durante o verão.

"Estamos trabalhando cada vez mais para construir uma João Pessoa de qualidade, essencialmente quando temos um grande número de visitantes em nossa cidade e ainda, quando percebemos que o cidadão da Capital optou por permanecer aqui durante suas férias. Isso é extraordinário".

A organização da ação inédita já surpreende os turistas. "Incrível perceber como a cidade se prepara para nos acolher. Pensaram em todos os detalhes e com isso, nos sentimos bem mais confortáveis", disse Kally Dina, visitante de Belo Horizonte (MG).

Estarão participando da operação as secretarias de Turismo (Setur), Meio Ambiente (Semam), Desenvolvimento Urbano (Sedurb), Saúde (SMS), Ciência e Tecnologia (Secitec), Políticas Públicas para Mulheres, (SPPM), Mobilidade Urbana (Semob), Comunicação (Secom), Segurança Urbana e Cidadania (Semusb), além de Autarquia Especial de Limpeza Urbana (Emlur), Fundação Cultural de João Pessoa (Funjope), Vigilância Sanitária e Procon-JP.

"Seguiremos até o dia 18 de fevereiro atuando para melhor servir os pessoenses, bem como os turistas que escolherem João Pessoa como destino neste verão", ressalta o secretário de Turismo, Bruno Farias. A operação contará, ainda, com campanhas de cunho educativo, que visam promover maior conscientização entre o público. "Estaremos nas tendas diariamente, também falando sobre a importância de combatermos a violência contra a mulher, educação ambiental e, ainda, educação no trânsito", informou Giucélia Figueiredo, secretária de Políticas Públicas para Mulheres.

Nem as fortes chuvas atrapalharam o início da ação, que já está funcionando nas quatro tendas fixas instaladas nas praias do Cabo Branco, Tambaú, Manaíra e Bessa, além disso, uma tenda volante a cada dia dos finais de semana estará em uma localidade diferente. A estrutura conta ainda com uma 'estação digital', ônibus com 12 notebook's que estarão disponíveis para quem quiser se manter conectado durante o passeio. A operação seguirá todos os dias até 18 de fevereiro.

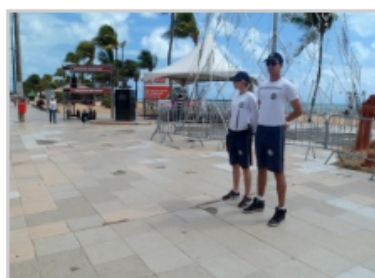
ANEXO 04 - Notícia [N4]

PREFEITURA MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA (PMJP). **Guardas municipais intensificam rondas e turistas elogiam tranquilidade da orla pessoense.** Notícias, João Pessoa, 07 jan. 2015. Disponível em: <<http://www.joaopessoa.pb.gov.br/guardas-municipais-intensificam-rondas-e-turistas-elogiam-tranquilidade-da-orla-pessoense/>>. Acesso em 02 out. 2018.

Guardas municipais intensificam rondas e turistas elogiam tranquilidade da orla pessoense

Por - em 07 jan 15

286



A tranquilidade da cidade de João Pessoa é um dos grandes atrativos para quem procura a Capital paraibana durante este período de férias. Para garantir a manutenção da segurança dos turistas e visitantes da orla pessoense, a Operação 'João Pessoa Verão', através da Guarda Civil Municipal, está realizando rondas ostensivas que seguem da Praia de Jacarapé (Litoral Sul) até a do Bessa (Litoral Norte).

Todos os dias, 16 guardas civis municipais se revezam em rondas nos três turnos, sendo que dois deles ficam em regime de plantão nas tendas instaladas pela Prefeitura Municipal de João Pessoa (PMJP). Com o auxílio

de duas viaturas, oito bicicletas e quatro motocicletas, os profissionais têm melhor mobilidade para percorrer as áreas de maior movimentação.

Segundo o diretor de planejamento da Guarda Civil Municipal, Josenildo Trajano, seis dias após o início da operação, nenhuma ocorrência de destaque foi registrada. "Até o momento, tudo está transcorrendo na mais perfeita ordem. Os turistas seguem encantados com a prestação dos nossos serviços e consideramos este acompanhamento de perto essencial".

Além de garantir a inibição de possíveis ações criminosas, o trabalho da Guarda Civil Municipal também evita ações de vandalismo contra o patrimônio público. "Com certeza, estamos zelando tanto pelo bem estar das pessoas quanto nos monumentos da nossa cidade", finalizou Josenildo Trajano.

O casal Ramon Barbosa e Paula Ramos, veio pela segunda vez de Belo Horizonte (MG), passar férias em João Pessoa. Animados durante o passeio pelo Busto de Tamandaré, exaltaram a tranquilidade da cidade. "Andamos com celulares, máquina fotográfica e relógio. A sensação de segurança por aqui é sentida por onde passamos, até agora, não temos com o que nos preocupar", ressaltou Ramon Barbosa.

Operação — 'João Pessoa Verão' é uma operação idealizada pelo prefeito Luciano Cartaxo, lançada na última sexta-feira (2) e que conta com o trabalho integrado de 13 secretarias e órgãos da Prefeitura. As ações seguirão até o dia 18 de fevereiro.

Estrutura — Cinco tendas, sendo quatro fixas nas praias do Cabo Branco, Tambaú, Manaira e Bessa e uma móvel estão dando assistência a operação, prestando atendimentos de saúde, direitos do consumidor, além de receber denúncias ou solicitações.



Ação conjunta — Estão participando da operação as secretarias de Turismo (Setur), Meio Ambiente (Semam), Desenvolvimento Urbano (Sedurb), Saúde (SMS), Ciência e Tecnologia (Secitec), Políticas Públicas para Mulheres, (SPPM), Mobilidade Urbana (Semob), Comunicação (Secom), Segurança Urbana e Cidadania (Semusb), além de Autarquia Especial de Limpeza Urbana (Emlur), Fundação Cultural de João Pessoa (Funjope), Vigilância Sanitária e Procon-JP.

ANEXO 05 - Notícia [N5]

PREFEITURA MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA (PMJP). **‘João Pessoa Verão’ chega com sucesso ao segundo final de semana.** Notícias, João Pessoa, 10 jan. 2015. Disponível em: <<http://www.joaopessoa.pb.gov.br/joao-pessoa-verao-chega-com-sucesso-ao-segundo-final-de-semana/>>. Acesso em 02 out. 2018.

‘João Pessoa Verão’ chega com sucesso ao segundo final de semana

Por - em 10 jan 15 276



A Operação ‘João Pessoa Verão’, realizada pela Prefeitura Municipal de João Pessoa (PMJP), segue durante este final de semana levando informações, orientações e serviços aos turistas e visitantes que escolheram a orla pessoense como destino para seus passeios neste início de ano.

O sucesso da operação, lançada no dia 2 de janeiro, pode ser constatado através da grande participação da população que se dirige as tendas diariamente. “Essa era nossa intenção, deixar tanto o cidadão pessoense quanto o turista com esta sensação de acolhimento, limpeza e cuidado

com a cidade”, avalia o prefeito Luciano Cartaxo.

Neste sábado (10) e no domingo (11), as tendas fixas seguirão instaladas nas praias do Cabo Branco, Tambaú, Manaíra e Bessa, sendo que esta última localidade receberá ainda, uma outra estrutura coordenada pelos educadores ambientais da Autarquia Especial Municipal de Limpeza Urbana (Emlur), que farão a distribuição de sacolas e promoverão orientações sobre o descarte correto do lixo e seu reaproveitamento.

“Estamos com ações e camésts específicas, para conscientizar a todos sobre a importância da preservação do meio ambiente através do descarte correto do lixo e reciclagem”, ressalta o superintendente da Emlur, Lucius Fabiani. O grupo de percussão ‘Baticumlata’, que através de agentes de limpeza transforma materiais reciclados em instrumentos, fará apresentações musicais junto a operação neste final de semana.

De acordo com levantamento da Secretaria Municipal de Turismo (Setur), cerca de 95% da rede hoteleira está ocupada, demonstrando que a cidade definitivamente entrou na rota do turista brasileiro e atrai ainda, estrangeiros de diversas nacionalidades. “Somos o quinto destino mais procurado do país, por isso, tínhamos que ter esta operação diferenciada neste ano, dando maior assistência até o mês de fevereiro, na nossa orla”, informa o secretário de Turismo, Bruno Farias.

Segurança — Guardas Civis Municipais realizam rondas ostensivas, nos três turnos diariamente, em torno dos locais de maior circulação entre as praias de Jacarapé (Litoral Sul) e Bessa (Litoral Norte), com o objetivo de coibir ações criminosas e evitar a depredação do patrimônio público. Oito dias após o início da operação, nenhuma ocorrência de destaque foi registrada.

Preservação — Fiscais da Secretaria de Meio Ambiente (Semam) seguem orientando não só visitantes, como comerciantes e proprietários de estabelecimentos para evitar agressões ao meio ambiente, especialmente, nos do ramo alimentício, evitando o descarte irregular de resíduos na natureza. A praia de Picãozinho também está sendo monitorada pela Semam.



Serviços — Entre as demais ações realizadas pela ‘João Pessoa Verão’ estão o ordenamento dos ambulantes e comerciantes informais, distribuição de preservativos, verificação de pressão, além de campanhas para combater a violência contra mulheres e para orientações de trânsito, bem como inspeções dos estabelecimentos comerciais para observação quanto a qualidade dos produtos servidos ou alimentos em estoque e orientação aos turistas/clientes quanto aos direitos do consumidor.

Todos conectados — Uma ‘Estação Digital’ está com internet diariamente, dentro do ônibus móvel com 12 notebooks, à disposição do público. Uma senha para acesso a rede através do próprio dispositivo móvel também é passada para quem fizer a solicitação no local.

Ação conjunta — A ‘João Pessoa Verão’ é uma operação que envolve 13 secretarias e órgãos da Prefeitura, trabalhando de forma integrada. Participam as secretarias de Turismo (Setur), Meio Ambiente (Semam), Desenvolvimento Urbano (Sedurb), Saúde (SMS), Ciência e Tecnologia (Secitec), Políticas Públicas para Mulheres, Mobilidade Urbana (Semob), Comunicação (Secom), Segurança Urbana e Cidadania (Semusb), além da Autarquia Especial Municipal de Limpeza Urbana (Emlur), Fundação Cultural de João Pessoa (Funjope), Vigilância Sanitária e Procon-JP.

ANEXO 06 - Notícia [N6]

PREFEITURA MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA (PMJP). **Comerciantes e famílias desocupam área de preservação ambiental.** Notícias, João Pessoa, 16 jan. 2015. Disponível em: <<http://www.joaopessoa.pb.gov.br/comerciantes-e-familias-desocupam-area-de-preservacao-ambiental/>>. Acesso em 02 out. 2018.

Comerciantes e famílias desocupam área de preservação ambiental

Por - em 16 jan 15

88



Comerciantes informais e seus familiares que haviam se instalado de forma irregular entre as praias de Manaíra e Tambaú desocuparam o local na manhã desta sexta-feira (16), após serem visitados por uma equipe da Prefeitura Municipal de João Pessoa (PMJP) e serem informados da irregularidade da situação. A Prefeitura, através da Secretaria de Desenvolvimento Social (Sedes), disponibilizou vagas nos abrigos, caso fosse à opção das famílias.

A ação faz parte da operação 'João Pessoa Verão'. De acordo com um dos coordenadores da visita, Breno Mesquita, foram abordadas cinco famílias, totalizando cerca de 20 pessoas com pelo menos três crianças que estavam dormindo ao relento. "São pessoas que vem de fora na tentativa de vender seus produtos, mas que estavam fazendo a praia de moradia, utilizando barracos com colchões, fogões e outros utensílios. Mas com diálogo e compreensão, conseguimos convencê-los a buscar locais adequados para uma estadia tranquila e segura".

Ação integrada – Além da Secretária de Turismo (Setur), também participaram do trabalho, integrantes da Guarda Civil, Conselho Tutelar, secretarias de Desenvolvimento Social (Sedes), Desenvolvimento Urbano, (Sedurb) com apoio de policiais militares integrantes da Companhia Especializada de Apoio ao Turista (Ceatur).

Limpeza das áreas ocupadas – Após a ação, agentes de limpeza da Autarquia Especial Municipal de Limpeza Urbana (Emlur), utilizaram pás, enxadas e ciscadores para retirar o lixo que estava sendo acumulado nas localidades onde as famílias residiam de forma irregular.

ANEXO 07 - Notícia [N7]

PREFEITURA MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA (PMJP). **Prefeitura de João Pessoa orienta comerciantes sobre turismo sustentável.** Notícias, João Pessoa, 25 jan. 2017. Disponível em: <<http://www.joaopessoa.pb.gov.br/prefeitura-de-joao-pessoa-orienta-comerciantes-sobre-turismo-sustentavel/>>. Acesso em 02 out. 2018.

Prefeitura de João Pessoa orienta comerciantes sobre turismo sustentável

Por - em 25 jan 17

630

A Prefeitura de João Pessoa inicia nesta quarta-feira (25), a partir das 8h, uma campanha em favor do turismo sustentável na Capital. Durante a ação, realizada em conjunto por oito secretarias municipais e comandada pela Secretaria de Turismo, comerciantes, ambulantes receberão orientações sobre higiene, atendimento ao público e ocupação de áreas públicas.

A Ação educativa começa no Busto de Almirante Tamandaré, na divisa das praias de Tambaú e Cabo Branco. Ela terá diversas abordagens junto à comunidade que ocupa áreas da orla marítima de João Pessoa. "A preocupação diz respeito à limpeza das faixas de areia e calçadas. Também serão abordadas as pessoas que ocupam as áreas de preservação ambiental para instalar barracas de camping – não agindo em conformidade com a lei ambiente -, bem como aquelas que fazem dos estacionamentos da faixa à beira-mar de escritórios para locação de passeios", explica o secretário do Turismo, Fernando Milanez.

Segundo ele, esse trabalho será apenas uma primeira etapa de um grande projeto que pretende seguir para todos os bairros da capital paraibana, assim como para locais como as praias do Seixas e Bessa, Largo da Gameleira, Centro Histórico, entre outros. O secretário adjunto do Turismo Graco Parente lembra que em 2017 está sendo comemorado o ano do Turismo Sustentável. "A intenção é tornar o projeto permanente", diz.

A ação, articulada e coordenada pela Secretaria de Turismo, envolverá as secretarias do Meio Ambiente, Desenvolvimento Urbano, Semob, Guarda Municipal, Vigilância Sanitária, Defesa Civil e Comunicação.

ANEXO 08 - Notícia [N8]

PREFEITURA MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA (PMJP). **Sedurb conclui limpeza dos coqueiros nas praias do Cabo Branco, Manaíra e Bessa**. Notícias, João Pessoa, 06 abr. 2017. Disponível em: <<http://www.joaopessoa.pb.gov.br/sedurb-conclui-limpeza-dos-coqueiros-nas-praias-do-cabo-branco-tambau-manaira-e-bessa/>>. Acesso em 02 out. 2018.

Sedurb conclui limpeza dos coqueiros nas praias do Cabo Branco, Tambaú, Manaíra e Bessa

Por Andrezza Carla - em 06 abr 17

457

A Secretaria de Desenvolvimento Urbano, através da Diretoria de Paisagismo (Dipai) em parceria com a Autarquia Especial Municipal de Limpeza Urbana (Emlur), realizou a limpeza dos coqueiros nas praias do Cabo Branco, Tambaú, Manaíra e Bessa.

A operação teve início no mês de março e contemplou cerca de 1.400 coqueiros (*Cocus nucifera*), das áreas da orla e principais vias públicas. A ação preventiva visa dar maior segurança aos usuários dos calçadões e frequentadores da orla de João Pessoa, principalmente com a aproximação do período de inverno acompanhado de fortes ventanias.

"O objetivo da operação de limpeza dos coqueiros, minimiza os riscos de acidente e proporciona um visual paisagístico melhor a nossa cidade, além de viabilizar a iluminação e dar segurança à população", afirmou Sérgio Chaves, diretor de Paisagismo da Sedurb.

A execução dos serviços paisagísticos envolveu 18 profissionais dentre engenheiros, encarregados e jardineiros, além de caminhões muncks, com equipamentos especializados para retirada de folhas secas e frutos com risco de queda.

Serviço — A Secretaria de Desenvolvimento Urbano (Sedurb) lembra que é responsável pela execução do serviço de podas, mas que a realização só é possível após encaminhamento de laudo técnico da Secretaria Municipal de Meio Ambiente (Semam).

Por tanto, para solicitação de podas, a população pode entrar em contato com a Divisão de Arborização da Semam, pelo telefone 3264-1680, das 8h às 14h.

ANEXO 09 - Notícia [N9]

PREFEITURA MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA (PMJP). **Nova calçadinha deixa orla de Cabo Branco ainda mais atrativa.** Notícias, João Pessoa, 04 mar. 2016. Disponível em: <<http://www.joaopessoa.pb.gov.br/nova-calçadinha-deixa-orla-de-cabo-branco-ainda-mais-atrativa/>>. Acesso em 02 out. 2018.

Nova calçadinha deixa orla de Cabo Branco ainda mais atrativa

Por - em 04 mar 16

1071



A população de João Pessoa já pode usufruir de mais um importante equipamento público revitalizado, agora com mais conforto, acessibilidade e segurança. O trabalho da Prefeitura deixa a orla, que já foi apontada como a mais bonita do Nordeste, ainda mais atrativa para os pessoenses e para os turistas que visitam a Capital paraibana. A primeira etapa da calçadinha de Cabo Branco foi entregue nesta sexta-feira (4), durante uma visita do prefeito Luciano Cartaxo ao local.

Durante a visita, o prefeito conversou com as diversas pessoas que passeavam ou faziam exercícios na calçadinha e pode explicar um pouco mais sobre o projeto, que envolve também a calçadinha de Tambaú, entregue em dezembro do ano passado. No total, são 18 mil m² da nova calçadinha, que vão do Hotel Tambaú até o final da Avenida Cabo Branco. O local ganhou o incremento de algumas intervenções artísticas, como o novo Busto de Tamandaré, que ganhou uma mandala criada pelo artista plástico Flávio Tavares e um letreiro em homenagem à cidade, com os dizeres "Eu amo Jampa".

"Nós trabalhamos para transformar João Pessoa em uma cidade cada vez mais bonita e mais moderna. Esta intervenção na calçadinha é uma forma de nós avançarmos em um objetivo que perseguimos em nossa gestão, que é o de dotar a cidade com equipamentos públicos de qualidade. Assim, tanto a população, quanto os turistas que visitam nossa cidade, poderão aproveitar o que João Pessoa tem de melhor", comentou o prefeito.



O gestor destaca que a obra na calçadinha faz parte de um conjunto maior de ações que têm promovido uma transformação urbanística em João Pessoa. "Este é um conceito que as principais cidades do mundo têm adotado. É o mesmo trabalho que fizemos no outro trecho da orla, nas diversas praças que revitalizamos ou construímos, como a Praça da Independência e a Praça da Juventude, e na obra da nova Lagoa. Os cidadãos de João Pessoa sabem que agora possuem boas opções de espaços públicos onde é possível fazer um exercício, levar a família, encontrar os amigos", declarou. Esta é a 11ª entrega realizada pela Prefeitura de João Pessoa apenas neste ano – no ano passado foram 70.



Mais 600 metros de calçadinha – A nova etapa entregue nesta sexta é a primeira no bairro do Cabo Branco e compreende 600 metros de extensão. Começa no Busto de Tamandaré e vai até a Avenida Monsenhor Odilon Coutinho. O trecho também ganhou dois empraçamentos, que funcionam como ilhas de permanência. Os espaços possuem bancos, jardinagem e bicicletários com 12 vagas disponíveis.

Os 3.150 m² de passeio ganharam revestimento com blocos intertravados coloridos, material escolhido por apresentar maior acessibilidade, durabilidade, facilidade de manutenção e economia. O

trecho está mais acessível, com a instalação de rampas de acesso e uma faixa exclusiva para mobiliário urbano delimitada por piso direcional. Nela, estão instalados postes, lixeiras, orelhões e placas de sinalização.

A ciclovia também foi revitalizada. O trecho de 1.750 m² teve o piso de asfalto substituído por um de concreto, específico para a circulação de bicicletas.

ANEXO 10 - Notícia [N10]

JORNAL DA PARAÍBA. Letreiro 'Eu amo Jampa' está danificado e acumula água de chuva.

Notícias, João Pessoa, 05 jul. 2016. Disponível em:

<https://www.jornaldaparaiba.com.br/vida_urbana/leiteiro-eu-amo-jampa-esta-danificado-e-acumula-agua-de-chuva.html>. Acesso em 02 out. 2018.

VIDA URBANA

05/07/2016 10H07

Letreiro 'Eu amo Jampa' está danificado e acumula água de chuva

Prefeitura disse que há um projeto para reforma do local, mas ainda sem data.

DA REDAÇÃO

Reprodução/TV Cabo Branco

 Reprodução/TV Cabo Branco

Segundo a prefeitura, já existe um projeto para restauração do letreiro

O letreiro com a frase "Eu amo Jampa", instalado há seis meses pela prefeitura de João Pessoa no Busto de Tamandaré, divisa entre as praias de Tambaú e Cabo Branco, está danificado. As letras são feitas de madeira e cobertas por uma espécie de tela especial. Em alguns pontos, o material rachou, chegando a formar buracos, onde já existe acúmulo de águas da chuva.

Conforme a assessoria de comunicação da prefeitura, já existe um projeto para restauração do letreiro, mas ainda não há previsão para início da obra, que será feita após licitação.

O letreiro foi instalado em um dos principais pontos turísticos de João Pessoa no dia 28 de dezembro de 2015 e costuma ser visitado por turistas e pessoenses que posam para fotos, inclusive sentados em cima das letras. Segundo a gestão municipal, a frase é uma homenagem à cidade. Outras capitais brasileiras, a exemplo de Aracaju, Goiânia e Natal, também possuem letreiros semelhantes.

ANEXO 11 - Notícia [N11]

PREFEITURA MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA (PMJP). **Setur debate em São Paulo como impulsionar setor e atrair turistas internacionais.** Notícias, João Pessoa, 14 mar. 2017. Disponível em: <<http://www.joaopessoa.pb.gov.br/setur-debate-em-sao-paulo-como-impulsionar-setor-e-atrair-turistas-internacionais/>>. Acesso em 02 out. 2018.

Setur debate em São Paulo como impulsionar setor e atrair turistas internacionais

Por Max Oliveira - em 14 mar 17

553



Terminou na tarde desta terça-feira (14), em São Paulo, a 15ª edição do Fórum Panrotas – evento que debateu os desafios e as perspectivas para o turismo brasileiro. A Secretaria de Turismo (Setur) de João Pessoa esteve presente, participando das discussões que vão inserir a capital paraibana no centro do segmento pelos próximos anos.

O evento reuniu, durante dois dias, importantes 'nomes' do setor, com destaque para o ministro do Turismo, Marx Beltrão, além de técnicos e profissionais diversos, com o objetivo de tratar de ações que possam impulsionar o turismo no Brasil. Entre as propostas para o setor está à perspectiva para implementação do 'Mais Turismo', projeto que visa facilitar a entrada de turistas no país.

Especialistas acreditam que podem aumentar em até 25% o número de turistas vindos de quatro países, adotando medidas como a retirada de vistos, além de um visto eletrônico para a China. João Pessoa, claro, pode se aproveitar dessa demanda colocando em prática ações que possam acolher o turista internacional, como destaca o secretário adjunto da Setur, Graco Parente.

"João Pessoa vai trabalhar para se inserir como destino internacional a partir desse cenário. Conversamos com o ministro do Turismo, Marx Beltrão, que demonstrou interesse de visitar a nossa cidade para tratarmos de ações nesse sentido, visando entender o perfil do turista e como o turismo vem evoluindo", afirmou Graco Parente.

ANEXO 12 - Notícia [N12]

PREFEITURA MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA (PMJP). **Argentinos são recebidos com festa no voo inaugural de Buenos Aires a João Pessoa.** Notícias, João Pessoa, 02 jul. 2017. Disponível em: <<http://www.joaopessoa.pb.gov.br/argentinos-sao-recebidos-com-festa-no-voo-inaugural-de-buenos-aires-a-joao-pessoa/>>. Acesso em 02 out. 2018.

Argentinos são recebidos com festa no voo inaugural de Buenos Aires à João Pessoa

Por Ângela Costa - em 02 jul 17

842



Agora é oficial. João Pessoa passa a operar a sua primeira rota regular internacional, com o voo Gol 7702 que chegou, no final da tarde deste sábado (1), no Aeroporto Internacional Presidente Castro Pinto (PB), vindo de Buenos Aires, Argentina. Os passageiros foram recebidos com comidas típicas, baião e xaxado, além da distribuição de kits divulgando a história e as belezas naturais e arquitetônicas da Capital paraibana.

O médico veterinário Roberto Vidal ficou animado com a recepção preparada pelos paraibanos. "Nunca imaginei que tivesse tão lindo recebimento. Aproveitei a promoção do pacote aéreo e vim para João Pessoa passar uma semana. No próximo sábado, eu volto à Buenos Aires", afirmou.

Outro argentino, também chamado Roberto, estava sendo esperado por um casal argentino que mora em João Pessoa há seis anos. Sérgio Bious, designer, estava ansioso para rever o amigo que não encontrava há muitos anos. "Fiquei sabendo do voo Argentina-João Pessoa através dele. Muito boa essa nova opção", comemorou.

"O trabalho está só começando", comenta Saulo Barreto, que está à frente da coordenação de Assuntos Internacionais na Secretaria de Turismo de João Pessoa. "Vamos trabalhar para fortalecer as parcerias entre as secretarias de turismo de João Pessoa, Conde, Bayeux, com a PBTur, trade turístico e a Infraero para garantir a manutenção do voo João Pessoa – Argentina. Este mês já acontecerá outra reunião de planejamento", disse.

Segundo Manuelina Hardman, que preside a Associação Brasileira da Indústria de Hoteis-PB (ABIH), nesses voos inaugurais, os aviões levam e trazem profissionais capacitados das operadoras e agentes de viagens para que conheçam as potencialidades locais e possam vender essa nova rota em seus respectivos países. "Sempre foi um sonho abrir portas em João Pessoa. O turismo abre muitas possibilidades e nossas potencialidades irão se fortalecer", ressaltou.

Rota – Todos os sábados, o voo parte da Capital Portenha às 12h35 e chega a João Pessoa às 17h35. Na volta, a aeronave parte do Aeroporto Presidente Castro Pinto às 18h15, fazendo uma escala em Maceió (AL) antes de pousar na Capital Argentina.



Foto-Rafael Passos-SECOM/PMJP

ANEXO 13 - Notícia [N13]

PREFEITURA MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA (PMJP). **Representante da Go Brazil visita João Pessoa e despacha carta de intenção com prefeito.** Notícias, João Pessoa, 11 ago. 2017. Disponível em: <<http://www.joaopessoa.pb.gov.br/representante-da-go-brazil-visita-joao-pessoa-e-despacha-carta-de-intencao-com-prefeito/>>. Acesso em 02 out. 2018.

Representante da Go Brazil visita João Pessoa e despacha carta de intenção com prefeito

Por Monica Melo - em 11 ago 17

1174

A representante da Go Brazil, empresa responsável pela operacionalidade do voo charter que ligará João Pessoa a cidade de Amsterdam, na Holanda, Cristiane Weber, visitou a capital paraibana nesta quinta-feira e sexta-feira (10 e 11). Durante sua passagem pela cidade, ela se reuniu com o prefeito Luciano Cartaxo e com o secretário de Turismo, Fernando Milanez, para debater temas relacionados ao turismo.

Durante reunião na quinta-feira (10), Cristiane despachou com o prefeito a carta de intenção para a implantação do voo charter e também debateu com o secretário detalhes sobre as estratégias e mercados a serem trabalhados na Europa.

Para o secretário, a parceria com a empresa Go Brazil é um dos passos mais importantes para consolidação do turismo na cidade de João Pessoa. "Dessa forma colocamos a capital paraibana de forma definitiva no mercado internacional de turismo", comemorou o secretário. O processo de negociação para o voo começou com uma reunião no início do mês de junho.

Além de visitar os principais pontos turísticos da cidade, Cristiane ainda se reuniu com o presidente do Sindicato dos Guias de Turismo da Paraíba, Marcos Alencar e selecionou guias turísticos fluentes no idioma inglês para atender aos estrangeiros. "A próxima etapa será a visita dos representantes da companhia aérea responsável pelo voo que vem conhecer as condições do Aeroporto Castro Pinto", informou o coordenador de assuntos internacionais da PMJP, Saulo Barreto.

ANEXO 14 - Notícia [N14]

PREFEITURA MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA (PMJP). **Novo Parque da Lagoa será inaugurado domingo, no Dia dos Namorados.** Notícias, João Pessoa, 06 jun. 2016. Disponível em: <<http://www.joaopessoa.pb.gov.br/novo-parque-da-lagoa-sera-inaugurado-domingo-no-dia-dos-namorados/>>. Acesso em 02 out. 2018.

Novo Parque da Lagoa será inaugurado domingo, no Dia dos Namorados

Por - em 06 jun 16

1009

Nayanne Nóbrega

O novo Parque da Lagoa Sól de Lucena será inaugurado no próximo domingo (12). A data, em pleno Dia dos Namorados, demonstra uma verdadeira declaração de amor à cidade. Em comemoração e homenagem aos operários que trabalharam na obra, a Prefeitura Municipal de João Pessoa (PMJP) realizou na manhã desta segunda-feira (6) um café da manhã.



O prefeito Luciano Cartaxo ressaltou que o Parque da Lagoa simboliza um novo tempo em João Pessoa. "É uma imensa alegria estarmos todos reunidos comemorando essa obra, que é um espaço voltado para a família. Se não realizássemos essa homenagem aos trabalhadores, que se dedicaram e colocaram amor nessa construção, faltaria alguma coisa. Então, estamos fazendo um agradecimento especial. É um momento de confraternização, simboliza um novo tempo. Estamos prestes a inaugurar uma obra histórica para a cidade", disse.

Cerca de 300 operários e seus familiares participaram da solenidade, que aconteceu em clima de festa junina, com trio de forró e apresentação da quadrilha. "Essa é a obra mais importante da minha vida. O parque ficou muito vistoso, de primeira qualidade. Estou muito orgulhoso em ter ajudado a construir a nova Lagoa. Agora vou trazer toda minha família para aproveitar", declarou emocionado o pedreiro, José Edmilson dos Santos. O servente, Juciran Anísio também não conteve a emoção ao ver o parque pronto. "Quando a gente lembra como era antes e olha agora, nem acredita. Mudou muito, ficou linda", disse.

Cartaxo destacou que a obra foi alicerçada em três pilares: Fé, Coragem e Trabalho. "Comecei esse projeto com uma fé muito grande em Deus, pedindo benção, proteção e condição de trabalhar para que a gente pudesse chegar a esse momento. Essa obra custou R\$ 37 milhões. Primeiro, a fé e a determinação para enfrentar os problemas e desafios. Segundo, a coragem e a determinação para enfrentar os problemas e desafios. Por fim, o trabalho, que é a marca da nossa gestão, diário, permanente e em equipe. Todo mundo junto remando a favor da nossa cidade. Essa obra é um marco não só para o presente, mas para o futuro da nossa cidade", declarou.



O prefeito ainda salientou a entrega especial no Dia dos Namorados. "No Dia dos Namorados, um presente histórico, essa nova entrega que é uma verdadeira declaração de amor à cidade. Estamos muito felizes em entregar a obra dentro do prazo, demonstrando nosso compromisso e força para trabalhar. Essa obra vai mudar o perfil da cidade, promovendo um novo pólo econômico, cultural e esportivo. Poucas capitais do Brasil têm um equipamento como este. Meu compromisso é com o povo de João Pessoa e estamos devolvendo à população um parque que estava abandonado há anos", ressaltou Luciano Cartaxo.

O novo parque conta com 12 praças, ciclovia, pista de cooper, pista de skate com padrão internacional, área para esportes radicais, com slackline e parede de escalada, além de um deck harmonizado com o Cassino da Lagoa e 35 mil metros quadrados de passeios pavimentados e ligados às quatro entradas do parque. Haverá ainda 14 quiosques divididos em sete baterias, todas com banheiros públicos e um posto policial para a Guarda Civil Municipal e a Polícia Militar. O projeto representou um investimento total de R\$ 37 milhões.

O Parque da Lagoa é uma obra histórica e transforma completamente a paisagem do centro da Capital, com impactos no turismo, no lazer e no desenvolvimento econômico da cidade. Depois de ter ficado abandonado durante anos, provocando sérios transtornos por causa dos alagamentos frequentes, o espaço foi inteiramente transformado para dar lugar a um verdadeiro equipamento de lazer para a família.

Realização – As obras foram divididas em três partes. A primeira delas foi a construção de um túnel para o escoamento das águas da Lagoa até as galerias pluviais e, de lá, ao Rio Sanhauá, pondo fim aos alagamentos históricos naquela área durante o inverno. Em paralelo, foram construídos o muro de contenção que contorna o espelho d'água e um anel sanitário para impedir o despejo de esgotos na Lagoa. A terceira etapa foi exatamente a de paisagismo e construção dos equipamentos do Parque. Para que tudo isso ocorresse, a prefeitura fechou o anel interno, impedindo a circulação de veículos e incorporando esse espaço às áreas de lazer. Além disso, ampliou e reformou completamente o anel externo.



ANEXO 15 - Notícia [N15]

CORREIO DA PARAÍBA. Retirada de Ambulantes acaba em protesto e caos no trânsito de João Pessoa. Notícias, João Pessoa, 05 dez. 2016. Disponível em: <<https://correiodaparaiba.com.br/cidades/retirada-de-ambulantes-acaba-em-protesto-e-caos-no-transito-de-joao-pessoa/>>. Acesso em 02 out. 2018.

CIDADES

COMPARTILHAR:  

RETIRADA DE AMBULANTES ACABA EM PROTESTO E CAOS NO TRÂNSITO DE JOÃO PESSOA

Lucilene Meireles / 05 de dezembro de 2016

Foto: Assuero Lima



Cerca de 150 vendedores ambulantes de frutas e verduras foram retirados, nesta segunda-feira (05), das ruas de João Pessoa. Uma análise técnica da Gerência de Vigilância Sanitária (GVS) apontou os riscos do consumo dos produtos que ficam expostos a insetos e altas temperaturas. As consequências vão desde uma diarreia, podendo ocasionar infecção intestinal e, dependendo das condições de saúde do consumidor, o quadro se agravar e chegar ao óbito. Apesar da operação de ordenamento do passeio público, alguns comerciantes conseguiram burlar os agentes e permaneceram nas ruas. Por volta das 11h, um grupo de ambulantes fez protesto no Parque Solon de Lucena, no cruzamento com a Avenida Miguel Couto, queimando pneus. O trânsito ficou complicado e teve que ser desviado. Agentes da Semob foram para o local.

"A questão da venda desses alimentos nas ruas é também por conta dos equipamentos onde os produtos são expostos, os carrinhos, que ficam em locais com insetos e outros vetores. Quando os alimentos são colocados para venda, não é feita a higienização correta. Ficam expostos a moscas, baratas que transitam sobre eles. Mesmo que esteja íntegro, o produto vai ter contato com a superfície contaminada", observou o gerente da GVS, Alberto José dos Santos.

Ele acrescentou que, se alguém consome de imediato, sem lavar, coloca em risco a saúde. "Pode vir uma diarreia, uma infecção intestinal e, se o quadro se agravar e não houver a assistência necessária, é possível ir a óbito", alertou. Ele esclareceu que a Gerência não participou diretamente da retirada. Apenas deu apoio no sentido de apontar os riscos. A ação contou ainda com o apoio da Guarda Municipal.

O secretário da Sedurb, Newton Marinho, explicou que as frutas e verduras ficam em condições impróprias para consumo. "Há inadequação do tipo de exposição, ao ar livre, levando poeira, poluição, e também estão em conflito com a Vigilância Sanitária. Os produtos são de péssima qualidade e estão em condições inadequadas, sujeitos a transmissão de doenças, diarreias. Pedimos à população que não compre esses produtos", acrescentou. Ainda segundo Marinho, os vendedores não serão relocados para nenhum local.

Alguns vendedores, inclusive, de acordo com o secretário, têm pontos em locais como o Mercado Central, e não precisariam estar na rua. Quem foi flagrado, teve o carrinho com os produtos apreendido. Os que não estiverem dentro das normas da Resolução RDC 216, da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), não poderão mais comercializar os alimentos nas ruas da Capital.

O que pensam os comerciantes

Um vendedor de frutas que continuou nas ruas do Centro de João Pessoa, mesmo após a operação da Sedurb, afirmou que não vai parar de trabalhar. "Não tenho que ter medo. Não estou roubando. Tenho consciência de que o produto estraga se ficar no sol, mas procuro sempre me instalar onde há sombra. Não fico num lugar fixo", afirmou o ambulante, que preferiu não se identificar.

Ele relatou que já teve os produtos apreendidos diversas vezes, mas justificou que precisa trabalhar para sobreviver. "O que deve ser feito pela Prefeitura é organizar as calçadas, mas todo mundo vai chegando e vira uma bagunça", observou.

A vendedora de calçados Josemira Pereira da Silva afirmou que os produtos vendidos na rua saem mais barato para o consumidor do que em mercados e feiras livres. "Sei que o prefeito quer a cidade limpa e garantir a saúde do povo, mas não tem espaço para todos os vendedores em locais fechados. Por uma parte, ele está certo, mas por outro, todos precisam trabalhar. Agora, por que não veio na época da política?", questionou.





Ouvidoria Geral do Município
Cadastro de demanda

- Protocolo: OGMP190216/00242
- Data: 19/02/2016
- Acesso: Presencial

- RECLAMA QUE NO DIA 17/02/2016, POR VOLTA DAS 22H00 OU 22H30, TINHA ACABADO DE CHEGAR A JOÃO PESSOA (DE PASSAGEM) E COLOCOU SUA MERCADORIA (ARTESANATO) NA PRAIA DE TAMBÁU, QUANDO FOI ABORDADO PELA SEDURB, GUARDA MUNICIPAL E POLICIA MILITAR, LEVANDO TODA A SUA MERCADORIA, ALEGANDO QUE DEVOLVERIA NO DIA SEGUINTE, SEM DAR NENHUM DOCUMENTO DA ABORDAGEM, NEM O ENDEREÇO ONDE O MESMO PODERIA BUSCAR SEUS ARTESANATOS. TUDO FOI FALADO DE BOCA, SEM NENHUMA COMPROVAÇÃO DE QUE A MERCADORIA SERIA DEVOLVIDA.
- RELATA QUE NO OUTRO DIA, COM A AJUDA DE UMA PESSOA QUE CONHECIA A CIDADE E QUE LEVOU ATÉ O LOCAL PERTO DA ANTIGA RODOVIARIA, ONDE GUARDAM AS MERCADORIAS APREENDIDAS, ONDE O FIZERAM ASSINAR UM TERMO DE APREENSÃO EM QUE O MESMO DOCUMENTO AFIRMA QUE O ARTESÃO NÃO TEM LICENCIAMENTO, MAS O MESMO POSSUI A CARTEIRA DE LICENÇA Nº SICAB: AL0216.0012667.00, A QUAL OS APREENDORES SE RECUSARAM A SE QUER OLHAR. O FATO É QUE A MERCADORIA NÃO FOI DEVOLVIDA.
- INDIGNADO COM A FORMA PELA QUAL FOI RECEBIDO E TRATADO, POIS CHEGARAM QUEBRANDO TUDO, POIS ATRASOU SUA VIDA, IMPEDIU O MESMO DE TRABALHAR PARA MANDAR O SUSTENTO DA SEMANA DE SUA FILHA, ASHYA, DE 1 ANO E 7 MESES, QUE SUSTENTA, POIS A MÃE DA CRIANÇA NÃO TRABALHA.
- ALEGA QUE, O QUE MAIS SE INDIGNOU, FOI QUE NÃO INFORMARAM QUE ALI NÃO PODIA TRABALHAR, O QUE GERALMENTE É FEITO EM OUTROS LUGARES ONDE CHEGA, SIMPLEMENTE CHEGARAM E APREENDERAM SEM NENHUMA EXPLICAÇÃO OU JUSTIFICATIVA.
- PEDE A RESTITUIÇÃO DE SUA MERCADORIA O MAIS URGENTE POSSIVEL, POIS NÃO É DA CIDADE E VIVE VIAJANDO DE LUGAR EM LUGAR VENDENDO SEUS ARTESANATOS PARA SOBREVIVER, PAGAR SEUS IMPOSTOS,

- COLOCAR GASOLINA, ENFIM, VIVENDO COMO UM CIDADÃO NORMAL.
- OBS.: DEMANDA TRANSCRITA NA INTEGRA, CONFORME RELATO DO DEMANDANTE E COM DOCUMENTOS ANEXOS.

Dados da Ocorrência

- Tipo de Ocorrência: Reclamação
- Assunto: Outros
- Identificação da Ocorrência: ADMINISTRATIVO
- Secretaria:
- Setor:
- Atendente: Maria do Carmo Santos Queiroz da Silva



Ouvidoria Geral do Município
Cadastro de demanda

- Protocolo: OGMP190216/00243
- Data: 19/02/2016
- Acesso: Presencial

- RECLAMA QUE CHEGOU EM JOÃO PESSOA NO DIA 17/02/2016, POR VOLTA DAS 22H00 22H30 JUNTO COM SEU AMIGO ALEKSANDRO, E ESTACIONOU NA PRAIA DE TAMBAU PARA VENDER SUAS MERCADORIAS, PRODUZIDAS ARTESANALMENTE POR ELE MESMO, QUANDO FOI ABORDADO PELA SEDURB, POLICIA MILITAR E GUARDA MUNICIPAL, E APREENDERAM TODA A SUA MERCADORIA, FICANDO IMPEDIDO DE VENDE-LAS E GANHAR SEU DINHEIRO PARA SUA MANUTENÇÃO. ALEGA QUE DEPENDE DESSAS VENDAS PARA SOBREVIVER, VIVE ANDANDO DE LUGARES EM LUGARES PRA VENDE-LAS A FIM DE TER SUA SUBSISTENCIA.
- AFIRMA QUE NO OUTRO DIA, DIA 18/02/2016, COMPARECEU COM SEU AMIGO ALEKSANDRO AO LOCAL ONDE AS MERCADORIAS ESTÃO APREENDIDAS, POIS NA APREENSÃO AFIRMARAM QUE SERIAM DEVOLVIDAS NO OUTRO DIA, E LHE DERAM UM DOCUMENTO DE "TERMO DE APREENSÃO" PARA ASSINAR. MAS AS MERCADORIAS NÃO FORAM DEVOLVIDAS.
- SEGUNDO O DEMANDANTE, MORA EM MACEIÓ, E VEIO A JOÃO PESSOA COMO UM DOS INTINERARIOS QUE FEZ COM O


OBJETIVO DE EFETUAR SUAS VENDAS DE ARTESANATO.

- PEDE A DEVOLUÇÃO DAS MESMAS COM URGENCIA, POIS PRECISA CONTINUAR SUAS VIAGENS PARA VENDE-LAS, UMA VEZ QUE DISSO DEPENDE SUA SOBREVIVENCIA.
- OBS.: DEMANDA TRANSCRITA NA INTEGRA, CONFORME RELATO DO DEMANDANTE E COM DOCUMENTAÇÃO ANEXA.

Dados da Ocorrência

- Tipo de Ocorrência: Reclamação
- Assunto: Outros
- Identificação da Ocorrência: ADMINISTRATIVO
- Secretaria:
- Setor:
- Atendente: Maria do Carmo Santos Queiroz da Silva

ANEXO 18

	Ouvidoria Geral do Município Cadastro de demanda
<ul style="list-style-type: none">• Protocolo: OGMP300117/00133• Data: 30/01/2017• Acesso: Presencial	
<div><ul style="list-style-type: none">• DENUNCIA QUE NO DIA 28/01/2017 POR VOLTAS DAS 01:30 HORAS TEVE SUA BARRACA DESTRUIDA E OBJETOS APREENDIDOS COMO, TELEFONE CELULAR (NUMERO CITADO ACIMA), REMEDIOS, OCULOS DE GRAU E TODA A SUA MERCADORIA, EN TRE OUTROS PELA EQUIPE DA GUARDA MUNICIPAL E AGENTES DA SEDURB.• RELATA QUE FOI AGREDIDO VERBALMENTE E SÓ NÃO FOI FISICAMENTE PORQUE TAXISTAS, FUNCIONARIOS E CLIENTES DOS QUIOSQUES ATUARAM EM SUA DEFESA.• PEDE PROVIDENCIAS URGENTES.• OBS.: DEMANDA TRANSCRITA CONFORME RELATO DO DEMANDANTE E SEGUE COM CÓPIA DE DOCUMENTO ANEXA.</div>	
Dados da Ocorrência <ul style="list-style-type: none">• Tipo de Ocorrência: Denúncia• Assunto: Outros• Identificação da Ocorrência: ADMINISTRATIVO• Secretaria:• Setor:• Atendente: Maria do Carmo Santos Queiroz da Silva	